DOCUMENTOS

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CINQUENTA ANOS DE LUTA

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «TEXTOS MARIA DA FONTE»

1 — **Trotsky e o Trotskismo** — Vários (2.ª edição)
2 — **Marx e os Sindicatos** — A. Losovski (4.ª edição)
3 — **Mao Tsé-tung e a Política de Partido** — Mao Tsé-tung (2.ª edição)
4 — **O P. T. A. e a Luta Contra o Revisionismo** — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha
5 — **Dimitrov e a Luta Sindical** — Georges Dimitrov
6 — **Lenine — a vida de um revolucionário** — E. Yaroslavski
7 — **Combater o Revisionismo — Uma Tarefa Revolucionária** — Enver Hoxha
8 — **Sobre a Guerra e a Paz** — Lenine
9 — **Os Sindicatos da Classe Operária** — Lenine
10 — **As Classes, a Economia e a Frente Única** — Mao Tsé-tung
11 — **Os Sindicatos da Classe Operária** (II) — Lenine

Colecção «DOCUMENTOS»

1 — **Sobre o Trabalho de Propaganda / Um Congresso Histórico** — Mao Tsé-tung, Chou En-lai e Wang Hong-wen
2 — **A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (ML)**
3 — **Proclamação — Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos**
4 — **Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil**
5 — **Programa e Estatutos da Internacional Comunista**
6 — **Sobre a Experiência da Guerra de Libertação Nacional e o Desenvolvimento do Exército de Libertação Nacional da Albânia** — Mehemet Sheou
7 — **Têmpera no Fogo da Luta — Resumo breve da história do Exército de Libertação Nacional do Povo Albanês (1941-1944)** — Lefter Kasneci
8 — **Primeiro Congresso do Partido Comunista (ML) da Bélgica**
9 — **Informe da Actividade do C.C. do P.T.A.** — Enver Hoxha
10 — **História do Partido dos Trabalhadores do Vietname**

Colecção «CULTURA POPULAR»

1 — **A Filosofia e a Arte ao Serviço da Revolução** — Lu Sin, Michelle Loi, Alfredo Uci, Tcheu Kien-jen, Jdanov

Colecção «ESTUDOS»

1 — **A Metade do Céu** — Claudie Broyelle (3.ª edição)
2 — **Castro/Debray contra o Marxismo-Leninismo** — Antoine Petit
3 — **A Transformação Socialista da Economia Nacional na China** — Siné Mou-Kiao, Sou Sing e Lin Tsé-li

Colecção «LIBERTAÇÃO NACIONAL»

1 — **Quem é o inimigo? Qual é o nosso Objectivo?** — Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)
2 — **Manual Político do PAIGC** (1.ª edição esgotada)
3 — **Textos e Documentos do MPLA sobre a Revolução Angolana** — Vários
4 — **A Frelimo e a Revolução em Moçambique** — Mondlane, Machel

Colecção «LUTA OPERÁRIA»

1 — **Contra o Governo Provisório** — José Staline
2 — **Relatório sobre a Situação Internacional** — A. Jdanov
3 — **Os Comunistas e as Eleições** — V. I. Lenine

Textos «MANUEL QUIRÓS»

1 — **Para a Reconstrução do Partido Comunista (M-L)** — — Manuel Quirós

A sair:

A Organização Comunista — Lenine
A inteligência no poder — Michelle Loi

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CINQUENTA ANOS DE LUTA

Colecção «Documentos»

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Capa: Maria José Sacadura

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

CINQUENTA ANOS DE LUTA

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, VANGUARDA COMBATIVA DO PROLETARIADO E DO POVO BRASILEIRO

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL — AUTÊNTICA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA

João Amazonas

«A Classe Operária», n.° 461
16 a 29 de Fevereiro de 1964

A história revela que a classe progressista e avançada para derrubar o poder das classes caducas e opressoras necessita de uma vanguarda capaz de dirigir a revolução e levar a cabo as transformações impostas pelo desenvolvimento da sociedade. Esta vanguarda, em diferentes épocas, tomou distintas formas. Quando se colocou na ordem do dia a substituição do capitalismo, o proletariado, que está chamado a sepultá-lo, precisou de um partido que orientasse e dirigisse sua luta.

Este partido, para conseguir a vitória, tinha que ser decididamente revolucionário, irreconciliável com os inimigos, firme, abnegado e suficientemente hábil na realização de seus objetivos. Precisava basear sua atividade numa teoria científica. Desse tipo foi o Partido Bolchevique. Fundado por Lênin, era a antítese dos partidos da II Internacional que haviam enveredado pelo caminho do oportunismo. Os princípios leninistas de organização partidária se tornaram obrigató-

rios na constituição da vanguarda da classe operária em todo o mundo. Nesta base é que surgiram, após a I Guerra Mundial, os partidos comunistas.

No entanto, a partir do XX Congresso do PCUS, a maioria desses partidos, tal como ocorreu com a social-democracia, arriou a bandeira revolucionária e passou à política de colaboração de classes. Em semelhantes circunstâncias, surgiram novas vanguardas, verdadeiramente revolucionárias. Nos países onde há opressão e onde os partidos comunistas abandonam o caminho da luta revolucionária, é inelutável o aparecimento de novas vanguardas que, para levar a revolução até ao fim, terão que se orientar pelo marxismo-leninismo. Não há como fugir a esta lei do desenvolvimento social.

Na América Latina, devido ao fato de ter a quase totalidade dos partidos comunistas se transformado em organizações reformistas, começaram a despontar partidos realmente revolucionários, muitos dos quais ainda carentes de experiência, mas que estão chamados a dirigir a revolução nos países latino-americanos. O Brasil não poderia constituir uma excessão.

Assim, desde Março de 1958, a direção do partido tradicional do proletariado, chefiada por Prestes, adoptou uma orientação abertamente revisionista. Renegou a luta revolucionária, os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, chegando ao ponto de criar um novo partido, cujo programa e política concordavam com os interesses da burguesia, opondo-se aos da classe operária. Prestes e seus seguidores tentaram, através de medidas arbitrárias, alijar do movimento comunista os militantes fiéis ao marxismo-leninismo. Pensavam que sua linha revisionista e a negação do partido de vanguarda não encontrariam resistências de maior monta. Mas os acontecimentos se deram de maneira oposta a suas previsões. Os militantes revolucionários não aceitaram a orientação revisionista de Prestes e tomaram em suas mãos a tarefa de reorganizar o Partido Comunista do Brasil.

Isto ocorreu precisamente há dois anos. Em Fevereiro de 1962, na capital de São Paulo, se realizou a Conferência Nacional Extraordinária que agrupou os comunistas partidários da revolução. Naquela época,

mesmo entre os que se opunham ao revisionismo, se levantaram objeções à reorganização do Partido. Tais objeções se baseavam fundamentalmente em dois argumentos. O primeiro consistia na afirmação de que o grupo de Prestes controlava a máquina partidária, detinha seu património e exercia influência em importantes organizações de massas. O segundo se estribava na consideração de que Prestes e seus adeptos poderiam corrigir sua orientação, abandonando o revisionismo e adotando uma linha revolucionária. Deste modo, os que faziam estas objeções diziam ser inviável a reorganização do Partido.

A vida mostrou que estes pontos de vista não eram corretos. O Partido Comunista do Brasil que, na ocasião da Conferência Nacional, contava com umas poucas centenas de militantes possui, hoje, alguns milhares. Está organizado em quase todos os Estados. Sua imprensa aumentou de circulação, atingindo amplos setores do povo. O Partido está em pleno crescimento e constitui uma força que atua de maneira independente no cenário político brasileiro. Apesar de não ser ainda suficientemente grande o número de seus aderentes, sua influência se faz sentir nos movimentos populares e anti-imperialistas. É do conhecimento de extensas camadas da população que existem dois partidos comunistas, um revolucionário e outro reformista — o P.C. do Brasil e o P.C. Brasileiro. Também no exterior isto é amplamente conhecido.

Tampouco no P.C. Brasileiro foram corrigidos os erros. Ao contrário, nestes dois anos este partido se afundou mais ainda no lodaçal do revisionismo e do oportunismo. É um simples apêndice da burguesia, um instrumento do sr. Goulart em sua política de enganar as massas trabalhadoras. No plano internacional, segue subservientemente as teses de Kruschov e seu grupo que tantos danos vêm causando ao movimento comunista mundial e ajudam ao imperialismo norte-americano. Por isso, cresce o descontentamento nas fileiras do Partido de Prestes e muitos de seus militantes acompanham com simpatia a atividade do P.C. do Brasil.

O período transcorrido desde a Conferência de Fevereiro mostra o quanto foi acertada a reorganização do

Partido. Não havia realmente outro caminho. A posição adoptada pelos marxistas-leninistas ia ao encontro da luta do povo brasileiro. Era uma necessidade histórica. Precisamente naquela época, como hoje, os revisionistas, desmascarados e sem argumentos, procuravam apresentar os membros do P.C. do Brasil como divisionistas. Mas esta acusação se revelou também sem nenhuma base. Na verdade, os divisionistas são justamente os partidários do revisionismo, que tentaram liquidar a vanguarda revolucionária do proletariado, renegaram os princípios e criaram um novo partido reformista. Quem divide o movimento revolucionário são os que falando em nome dos trabalhadores se prosternam ante as classes dominantes e bajulam vergonhosamente o governo que representa os latifundiários e os grandes capitalistas. Não podem ser divisionistas aqueles que, embora em minoria, defendem os interesses fundamentais do proletariado e do povo. Em duras condições, o P.C. do Brasil luta pela verdadeira unidade da classe operária e de todas as forças populares, procura cumprir seu papel de vanguarda e pugna para salvaguardar as tradições revolucionárias do povo.

O P.C. do Brasil é, hoje, uma organização consolidada que nenhuma força poderá destruir. Seu programa revolucionário, aceite por setores cada vez maiores da população, seus êxitos na organização partidária e sua atividade política atestam que a existência do P.C. do Brasil é definitiva. Todos aqueles que desejam lutar consequentemente pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo têm que ocupar seu posto nas fileiras deste partido. O número de militantes não é o que determina o papel de vanguarda do Partido e sim sua orientação política, seus princípios programáticos e seus métodos de atuação. Contudo, é preciso destacar que o Partido não pode ser dirigente da Revolução se não estiver estreitamente ligado às massas, o que exige a ação permanente de um contingente cada vez maior de militantes. Estes militantes devem ser recrutados entre os melhores filhos de nosso povo, que demonstram espírito revolucionário e disposição de realizar a grande tarefa de libertar o Brasil do jugo do imperialismo norte-ame-

ricano e do sistema do latifúndio e de lutar pelo socialismo.

Nesta nova fase de sua existência, o Partido se tem mantido fiel a seu Programa, tem propagado com persistência a ideia da revolução como a única saída para os problemas brasileiros. Mas isto não basta. Prosseguindo nessa atividade, é indispensável intervir concretamente na vida política. Os comunistas não podem ficar indiferentes a nenhum acontecimento político nem às lutas reivindicatórias das massas. Não podem adotar uma atitude setária sob o pretexto de defender posições revolucionárias. É preciso ter em conta a concepção leninista de que a revolução é feita pelas massas e não por pequenos grupos delas divorciados. Cabe aos comunistas participar, ativamente do movimento operário, das lutas camponesas, das ações estudantis e de todas as manifestações populares. Na etapa atual da revolução o P.C. do Brasil tem a missão de levantar bem alto a bandeira da emancipação nacional e de combater sem tréguas o imperialismo norte-americano, inimigo jurado do povo brasileiro.

Com esta compreensão e convencidos do acerto do caminho que tomamos, comemoramos o 2.° aniversário da Conferência Nacional Extraordinária do P.C. do Brasil, marco histórico do movimento revolucionário no Brasil.

MEIO SÉCULO DE LUTAS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

No próximo ano de 1972, o movimento operário e comunista de nosso País verá transcorrer duas de suas maiores datas: o 50.° aniversário da fundação do Partido Comunista do Brasil e o 10.° aniversário de sua reorganização. Estas datas estão inscritas para sempre na história do povo brasileiro.

A fundação do destacamento político de vanguarda do proletariado brasileiro, a 25 de Março de 1922, correspondeu às crescentes lutas da classe operária, às necessidades objetivas da revolução brasileira. Refletiu a nova época histórica inaugurada com a Revolução Socialista de Outubro, de 1917; e assinalou a primeira grande vitória da doutrina marxista-leninista no Brasil. Marcando o espírito internacionalista proletário que carateriza os comunistas brasileiros, o Partido Comunista do Brasil, já em seu Congresso de fundação, aderiu à III Internacional, fundada pelo grande Lênin.

Em sua longa e gloriosa existência, o Partido Comunista do Brasil adquiriu rico cabedal de experiências. Procurou sempre honrar as melhores tradições de combatividade, perseverança e firmeza das massas que lhe deram origem e manter fidelidade sem reservas aos interesses do povo brasileiro. Levantou com intrepidez a bandeira da insurreição armada de 1935, a fim

de derrotar o imperialismo, o latifúndio e a reação fascista e para instaurar um novo poder, popular-revolucionário. Suportou o maior peso da repressão feroz do Estado Novo e se empenhou para que o Brasil entrasse na guerra contra o Eixo nazi-fascista e o povo conquistasse seus direitos democráticos. Defendeu corajosamente a causa da independência e da soberania nacionais, tornando-se o verdadeiro campeão do movimento anti-imperialista em nosso País. Ao mesmo tempo, se manteve fiel aos ideais internacionalistas.

O Partido Comunista do Brasil viveu quase todo esse período de 50 anos na mais dura clandestinidade, tendo de enfrentar perseguições de toda sorte. Conservou, porém, em todos os instantes, suas ligações com o proletariado e o povo. Buscou assimilar a verdade universal do marxismo-leninismo e integrá-la com a prática concreta da revolução brasileira. Combateu, na medida de suas forças, as conceções e tendências oportunistas de direita e de «esquerda», que impediam a elaboração e a aplicação de uma linha política efetivamente revolucionária.

Nessa marcha, em que sofreu derrotas, mas também obteve importantes triunfos, e na qual viu sacrificados inúmeros de seus melhores militantes, o Partido Comunista do Brasil amadurecia e se acercava cada dia mais do justo caminho da revolução. Ao se desencadear o surto revisionista em 1956 no movimento comunista internacional e nas fileiras partidárias aparecerem abertamente os revisionistas contemporâneos, o proletariado brasileiro ficou diante do grave perigo de se ver privado de seu tradicional partido de classe. Não obstante, os marxistas-leninistas não se intimidaram e travaram a difícil mas indispensável batalha em defesa da existência do Partido e de seus princípios revolucionários. No curso da luta anti-revisionista, se tornou evidente que é impossível coexistirem na mesma organização marxistas-leninistas e revisionistas. A ruptura com a camarilha de Luís Carlos Prestes nos terrenos político, ideológico e de organização se tornou um imperativo para a própria existência do partido político do proletariado.

A 18 de Fevereiro de 1962, por iniciativa dos marxistas-leninistas, se realizou a V Conferência Nacional

Extraordinária que teve o mérito de reorganizar o Partido. O Partido Comunista do Brasil voltou a erguer sua bandeira revolucionária proletária e a indicar para o povo brasileiro o caminho da luta armada como o único viável para levar a revolução nacional e democrática à vitória, conquistar o poder popular, instaurar um novo regime e abrir a rota para a edificação do socialismo no Brasil.

O Partido reorganizado em 1962, ao mesmo tempo que guarda a continuidade das gloriosas e heróicas tradições revolucionárias do passado, ingressou numa nova fase de seu desenvolvimento. Os 10 anos transcorridos desde então demonstram que a existência e os progressos do Partido Comunista do Brasil refletem os legítimos interesses das massas populares oprimidas e exploradas, assim como a força e a vitalidade do marxismo-leninismo. Apesar das dificuldades com que se defrontou e se defronta, das debilidades que ainda apresenta, o Partido alcançou grandes êxitos em seus esforços para elaborar e aplicar sua linha política revolucionária se ligar estreitamente às massas, revolucionarizar suas fileiras e intensificar os preparativos para o desencadeamento da guerra popular.

Hoje, sobre os ombros dos comunistas, repousam sagradas e grandiosas tarefas. O Comitê Central está convencido de que os comunistas brasileiros continuarão sendo dignos dos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin e imprimirão às comemorações da fundação do Partido e de sua reorganização um amplo caráter político, ideológico e organizativo. Com este fim, determina que todas as organizações e militantes :

1 — Programem, em homenagem às datas de fundação do Partido e de sua reorganização, amplas ações políticas que estreitem as ligações dos comunistas com as massas das cidades e do campo, levantem com vigor redobrado as reivindicações proletárias e populares e a bandeira de luta contra a ditadura militar e o imperialismo ianque, de forma a tornar mais conhecidos o nome do Partido e suas palavras de ordem.

2 — Reforcem as fileiras partidárias com o recrutamento audaz, mas cuidadoso, de abnegados e ativos

combatentes de vanguarda da classe operária, do campesinato e de outras camadas exploradas e oprimidas da sociedade, a fim de reforçar numericamente o Partido.

3 — Realizem a mais ampla difusão da linha do Partido e das ideias marxistas-leninistas, aplicando-as de forma viva e criadora, estimulando ao máximo o espírito de apoiar-se nas próprias forças. Promovam palestras, conferências, cursos e outras iniciativas para educar os militantes como fiéis servidores do povo, como lutadores inteiramente devotados à causa da revolução. A qualidade dos militantes é essencial na construção de um partido verdadeiramente revolucionário e proletário.

Rio de Janeiro, Outubro de 1971.

O Comitê Central
do Partido Comunista do Brasil

P.C. DO BRASIL — VANGUARDA COMBATIVA DO PROLETARIADO E DO POVO BRASILEIRO

«A Classe Operária», n.° 63
(edição especial)
Março de 1972

O cinquentenário da fundação e o 10.° aniversário da reorganização do Partido Comunista do Brasil constituem brilhantes marcos na história do movimento operário e de toda a nação. A classe operária ingressa na cena política do País, em 1922, erguendo a bandeira da emancipação nacional e social do povo. Tempera suas fileiras em cinquenta anos de luta e assume cada vez mais o papel de vanguarda que lhe cabe na revolução.

A história deste meio século demonstra que o Partido Comunista do Brasil é uma necessidade imperiosa, um instrumento de elucidação e de luta das grandes massas contra toda forma de opressão e exploração, um elemento indispensável ao progresso social. A sociedade brasileira reclama crescentemente mudanças radicais em suas velhas estruturas. Se aprofunda a contradição entre a maioria esmagadora da nação, de um lado, e os imperialistas ianques, os latifundiários e a parte da burguesia ligada ao imperialismo, de outro. A revolução, nacional e democrática, está na ordem do dia.

Mas a revolução é um processo complexo que exige clareza de objetivos, consciencialização e mobilização de grandes massas, definição de uma correta tática política, direção capaz de superar os obstáculos e conduzir o povo à conquista do Poder. Esta direção só pode ser assegurada pela classe operária e seu partido. Não há no País outra força em condições de cumprir esta magna tarefa. Os revisionistas procuram desviar o povo da revolução. São agentes da burguesia. Os «foquistas» e trotskistas trilham as veredas do aventureirismo. Só a senda do marxismo-leninismo, defendida pelo Partido, pode garantir a vitória. Como assinala o documento recentemente aprovado pelo Comitê Central, «cinquenta anos de vida, meio século de lutas, amadureceram o Partido para a revolução. Capacitaram-no, política e ideologicamente, para conduzir o povo brasileiro à vitória nos embates pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo. O Partido Comunista do Brasil se transformou numa combativa organização revolucionária, guiada pelo marxismo-leninismo. Nenhuma outra força no País conta com a experiência e o conhecimento que o Partido acumulou em tão longo período. Nenhuma outra é mais indicada para dirigir a revolução brasileira».

Os cinquenta anos de vida do Partido Comunista do Brasil foram meio século de lutas pela causa do povo. O Partido despertou as massas e dirigiu grandes ações populares. Desmascarou a dominação imperialista e ajudou a forjar uma consciência patriótica. Em toda parte, defendeu os oprimidos, lutou pelas liberdades democráticas e contra o fascismo. Procurou elevar a capacidade de combate da classe operária, lutou por seus direitos e pelos direitos de outras camadas progressistas da população. Porque sempre defendeu os interesses essenciais do proletariado e do povo, o Partido foi duramente perseguido mas jamais arriou sua bandeira de luta.

Ao comemorar seu quinquagésimo aniversário, o P.C. do Brasil indica ao povo o verdadeiro caminho de sua libertação: a guerra popular. Demonstra ser este o único meio para derrubar a ditadura e conquistar uma vida livre. O regime instituído pelo golpe de 1.°

de Abril de 1964 afetou profundamente os interesses nacionais e investiu contra as mais sentidas aspirações do povo. Os generais fazem grande esforço para esconder sua traição e a realidade nacional. Difundem cínicas mentiras e vergonhosas distorções. Manejam despendiosa máquina de propaganda para apresentar uma falsa imagem do Brasil sob o domínio dos militares. Através da imprensa, rádio, televisão e outros meios de comunicação, ferreamente controladas pelo governo, anunciam êxitos mirabolantes e falam dum suposto milagre económico brasileiro. O chamado desenvolvimentismo está no centro desta propaganda.

Tudo, porém, não passa de embuste. Sob a bota dos fascistas, a nação enfrenta os piores dias de sua existência. Jamais o Brasil foi tão saqueado pelos magnatas norte-americanos. O desenvolvimento dos generais outra coisa não é senão o controlo crescente do capital estrangeiro sobre a economia nacional. As dívidas no exterior atingem cifras astronómicas. O Brasil se transformou no paraíso dos monopolistas internacionais, dos latifundiários e grandes capitalistas brasileiros e dos militares que, à sombra do poder, conseguem odiosos privilégios. Mas o povo vive num verdadeiro inferno, atormentado pelos baixos salários e vencimentos, pelo alto custo de vida, o desemprego e a carência de terra para trabalhar, pela falta de assistência médica e a ausência de vagas nas escolas, pela censura, as arbitrariedades e as violências. Por isso, não se deixa enganar pelas artimanhas dos manipuladores de estatísticas nem pelo alarido propagandístico dos camelôs da ditadura.

O governo dos militares procura se apresentar como todo-poderoso, inabalável, ao qual todos devem se submeter. Ostenta poderio e assassina impunemente patriotas e democratas, pensando atemorizar e dissuadir os que pretendem se rebelar contra o atual estado de coisas. Sua força, porém, é aparente. Está minado por contradições insolúveis. Um governo de traição nacional, voltado diretamente contra o povo, se assenta sobre areias movediças. É alvo permanente do ódio das massas populares e sua base social se estreita cada vez mais. Dentro da corrente política situacionista proliferam divergências, se formam grupos e

alas as mais diversas. Se multiplicam os choques de interesses que socavam a unidade do partido oficial. Mesmo nas Forças Armadas, principal sustentáculo do atual governo, surgem discrepâncias que tendem a se aprofundar. A ditadura não possui a força que apregoa. Se o povo se levantar verá que ele é o forte e o opressor o fraco. Pode, portanto, se atrever a lutar, desafiar a reação interna e o imperialismo norte-americano. As condições lhe são favoráveis. Ousando combater e persistindo no combate será vitorioso.

Confiante no futuro da revolução, o Partido Comunista do Brasil comemora seu 50.° aniversário de fundação e o 10.° de sua reorganização desfraldando as bandeiras de combate pela completa independência nacional, pelas liberdades democráticas, pela terra para os que nela trabalham, pelo progresso da nação. E conclama a todos os que não querem ser escravos dos generais fascistas e dos milhardários estrangeiros a se rebelar contra a ditadura militar e a entrega do País aos imperialistas. A união dos patriotas, sob a direção do Partido Comunista, sacudirá o jugo da opressão e conquistará um regime autenticamente do povo.

C.C. REALIZA SESSÃO COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DA FUNDAÇÃO DO PARTIDO

«A Classe Operária», n.° 63
(edição especial)
Março de 1972

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil realizou de 23 a 25 de Março, na clandestinidade, uma reunião comemorativa do 50.° aniversário de fundação e do 10.° aniversário de reorganização do Partido. Aprovou importante documento para a orientação e educação política e ideológica dos comunistas.

A sessão, presidida por antigo membro do Partido e do Comitê Central, decorreu num ambiente de grande entusiasmo revolucionário. O camarada José proferiu vibrante discurso alusivo às datas de 25 de Março e 18 de Fevereiro. Em seguida, foram lidas mensagens recebidas dos partidos irmãos, destacando-se, entre outras, as do Partido Comunista da China, Partido do Trabalho da Albânia e do Partido Comunista da Itália (marxista-leninista). Elas expressam o estreito vínculo internacionalista que liga o P.C. do Brasil com o movimento comunista internacional. Calou fundo entre os presentes, o resoluto apoio que o P.C. da China e o povo chinês, liderados por Mao Tsétung, prestam ao P.C. do Brasil e ao povo brasileiro, na grande luta em que se acham empenhados contra o imperialismo, o

revisionismo e a reação interna. Também os marxistas-leninistas brasileiros se sentiram grandemente estimulados com a saudação fraternal do combativo Partido do Trabalho da Albânia, dirigido pelo camarada Enver Hodja. Os membros do Comitê Central saudaram com ardor revolucionário as mensagens dos partidos irmãos, expressando sua decisão de fortalecer cada vez mais os laços que unem o P.C. do Brasil com os destacamentos avançados do proletariado mundial.

A questão principal da ordem-do-dia da reunião do Comitê Central foi a discussão do documento «CINQUENTA ANOS DE LUTA». Se trata de material básico para o Partido. Nele se faz um balanço de meio século de existência do P.C. do Brasil e uma generalização marxista-leninista da experiência vivida. Na primeira parte do documento, é exposta resumidamente a trajetória percorrida pela organização partidária nestas cinco décadas. A análise objetiva do desenvolvimento do Partido permite compreender melhor o processo de sua formação e transformação numa autêntica vanguarda do proletariado brasileiro. «A rota para atingir este objetivo — diz o documento — vai desde a pequena organização encerrada em si mesma até a ligação com amplas massas; desde a ausência de experiência política até a direção de greves, movimentos patrióticos e lutas revolucionárias; desde a falta de clareza sobre a luta armada até a formulação do caminho da guerra popular; desde os insucessos nas tentativas de elaborar uma orientação correta até a definição de um programa justo e de uma tática acertada; desde a prevalência de concepções oportunistas até ao predomínio da tendência revolucionária, marxista-leninista». A reorganização do Partido, levada a efeito em Fevereiro de 1962, é assinalada como um salto de qualidade, uma nova fase na vida partidária.

A segunda parte do documento está dedicada aos principais ensinamentos que decorrem do exame crítico da experiência do P.C. do Brasil desde sua fundação. «Uma justa apreciação do passado do Partido — afirma o documento — impedirá que se incorra em velhos erros, ajudará a extirpar conceções estranhas ao proletariado e a evitar os vaivéns e retrocessos que caraterizam grande parte da vida do Partido durante

muitas décadas». Os ensinamentos são apresentados, no documento, sob os seguintes títulos: 1) — O Partido é uma necessidade histórica e sua defesa um dever constante de todos os revolucionários proletários; 2) — O domínio do marxismo-leninismo — condição básica para forjar o partido revolucionário do proletariado; 3) — O Partido só desempenha sua missão se estiver solidamente ligado às massas e se for capaz de despertar-lhes a consciência revolucionária; 4) — A subestimação do campo é um dos principais entraves à revolução; 5) — A conquista das massas pelo Partido exige uma correta compreensão do papel da burguesia nacional; 6) — Um partido revolucionário tem que cuidar persistentemente da luta armada; e, finalmente, 7 — Para ser vanguarda da revolução o Partido deve permanecer fiel ao internacionalismo proletário.

O documento «CINQUENTA ANOS DE LUTA», ao generalizar as experiências do Partido, fortalece a convição dos militantes na causa que defendem e abre uma clara perspetiva para a luta revolucionária no Brasil. Está destinado a ter a mais ampla repercussão entre todos os revolucionários que se batem para livrar o país da ditadura militar, do domínio imperialista, do atraso e da miséria, para conquistar um novo regime e um governo popular revolucionário.

50 ANOS DE LUTA

BALANÇO DA ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA DO P. C. DO BRASIL

Por motivo do 50.° Aniversário da fundação do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e do 10.° de sua reorganização.

Este ano, o Partido Comunista do Brasil completa meio século de existência e dez anos de sua reorganização. Durante cinco decénios, ele assinala a presença da classe operária na vida política do país. O partido do proletariado despertou o povo para a luta, mobilizou amplos setores da população, dirigiu grandes ações de massas.

O Partido Comunista do Brasil indicou as causas do atraso do país. Apontou o domínio do imperialismo e o sistema do latifúndio como os obstáculos principais ao progresso da nação. Exigiu firmemente a liquidação do jugo dos trustes estrangeiros, forjando uma consciência patriótica que, hoje, se expressa na repulsa aos imperialistas norte-americanos e no desejo irrefreável de conquistar a verdadeira independência nacional. Foi a primeira organização política, e a única durante longo tempo, que reclamou a reforma agrária

radical. Graças a sua atividade, se generalizou o sentimento em favor da extinção do monopólio da terra e de profundas mudanças no campo.

O Partido Comunista do Brasil tem sido uma voz que não se cala, pugnando pelas franquias democráticas. Sempre e em toda a parte defendeu os oprimidos e se opôs à tirania. Condenou veementemente as arbitrariedades e os crimes das classes dominantes contra os trabalhadores e o povo. Se colocou nas primeiras filas dos que combateram o fascismo. Denunciou sem cessar a falta de liberdade que, em geral, caraterizou a vida política do país.

O Partido Comunista do Brasil manteve estreitos vínculos com o proletariado e suas organizações de massas. Lutou incansavelmente pelos direitos da classe operária. Tomou parte ativa na vida sindical e nela combateu a influência nefasta do reformismo e do peleguismo. Dirigiu greves e campanhas através das quais os trabalhadores alcançaram inúmeras conquistas.

O Partido Comunista do Brasil propagou as ideias do socialismo científico. Divulgou a genial doutrina de Marx e Engels que ilumina o caminho da luta para a emancipação completa do mundo do trabalho. Difundiu os notáveis êxitos da construção do socialismo nos países onde o proletariado domina. Descortinou para os trabalhadores a nova sociedade, livre da exploração do homem pelo homem.

O Partido Comunista do Brasil não vacilou, após o XX Congresso do P.C.U.S., em desmascarar os renegados da revolução e traidores do socialismo, levando a cabo sua reorganização. Foi um dos primeiros destacamentos de vanguarda da classe operária mundial que se levantou corajosamente contra o revisionismo contemporâneo, em defesa do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O Partido Comunista do Brasil inspirou grandes ações e magníficos exemplos de valentia e abnegação. Inúmeros são seus heróis e mártires. Milhares e milhares de comunistas passaram pelos cárceres, sofreram torturas sem fraquejar. Incontestáveis são os militantes, homens e mulheres, que, duramente perseguidos pela reação, se dedicaram inteiramente

ao Partido e jamais temeram as dificuldades. O Partido se orgulham destes revolucionários proletários e reverencia a memória dos que tombaram.

No quinquagésimo aniversário de sua fundação e no décimo de sua reorganização, o Partido Comunista do Brasil faz um balanço de sua atividade. Examina os acertos e os erros, os avanços e os recuos, os lados positivos e negativos de sua atuação. Tira ensinamentos do trabalho realizado, das lutas travadas durante um tão longo período a fim de se preparar melhor para os futuros embates pela liberdade e a emancipação nacional e pela conquista do socialismo.

II

MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA

A vida do Partido Comunista do Brasil é a luta árdua e prolongada, de milhares de militantes abnegados, pela construção da verdadeira vanguarda da classe operária, capaz de dirigir com êxito a revolução no país. É o esforço continuado para enfrentar e superar dificuldades de toda ordem. A rota para atingir este objetivo vai desde a pequena organização encerrada em si mesma até a ligação com amplas massas; desde a ausência de experiência política até a direção de greves, movimentos patrióticos e lutas revolucionárias; desde a falta de clareza sobre a luta armada até a formulação do caminho da guerra popular; desde os insucessos nas tentativas de elaborar uma orientação correta até a definição de um programa justo e de uma tática acertada; desde a prevalência de concepções oportunistas até o predomínio da tendência revolucionária, marxista-leninista. A trajetória do Partido, apesar dos inúmeros percalços que regista, indica imenso êxito da classe operária brasileira. A dedicação, o sacrifício e a atividade incansável dos comunistas, durante dezenas e dezenas de anos, pela edificação do Partido deram resultados benéficos.

1. Surgimento do Partido Comunista do Brasil.

O Partido Comunista do Brasil surge da unificação dos diferentes grupos comunistas, a 25 de Março de 1922. Nasce sob a influência direta do maior acontecimento da história da Humanidade — a Grande Revolução Socialista de Outubro. Seus fundadores são Astrojildo Pereira, Hermogénio Silva, Manoel Cendon, Cristiano Cordeiro, José Elias, entre outros.

A fundação do Partido constitui um marco no movimento operário e na vida do povo brasileiro. Não é um acontecimento fortuito. Corresponde às necessidades do desenvolvimento social. Com o crescimento do capitalismo, a luta de classes se vai definindo com nitidez. Os trabalhadores realizam combativas greves, levam a cabo manifestações de rua e reivindicam seus direitos. As transformações de caráter democrático-burguês se colocam na ordem-do-dia e começam a reclamar solução radical. Já naquela época, a revolução agrária e anti-imperialista requer a direção do proletariado, condição indispensável para que ela possa cumprir plenamente suas tarefas básicas.

Mas a classe operária, ao fundar seu partido, é ainda bastante jovem. Somente durante a I Guerra Mundial, o capitalismo no Brasil adquire maior impulso. Se expande a indústria leve, particularmente o ramo têxtil, e se ampliam os meios de transporte marítimo e ferroviário. Junto com a burguesia, se desenvolve o proletariado, que vende sua força de trabalho não só a capitalistas nacionais como também a empresas imperialistas. A classe operária se compõe em boa parte de elementos provindos do campo e de trabalhadores de oficinas e pequenas empresas, notadamente padeiros, pedreiros, carpinteiros, marceneiros, gráficos, ferreiros e outros setores profissionais. O movimento sindical, ainda que combativo, apresenta muitas debilidades. O proletariado mal começa a adquirir consciência política. Nele influem imigrantes estrangeiros que, embora tragam experiência de luta e espírito de organização, são, em geral, partidários do anarco-sindicalismo. Até então, o marxismo não é conhecido no Brasil e, mesmo, entre a inteletualidade avançada, prevalece o anarquismo.

Tudo isto não pode deixar de se repercutir no Partido recém-fundado que reflete as virtudes e os defeitos da classe operária. Apesar de ter surgido sob a égide da III Internacional — à qual se filia como uma de suas seções e cujo programa e estatutos aceita — o Partido pouco conhece o marxismo e muito longe está de dominá-lo. Falta-lhe suficiente clareza para se orientar com acerto na realização das grandes e históricas tarefas que se propõe realizar.

2. Primeiros Anos de Vida.

Precisamente em 1922, o Brasil vive uma fase de intensa efervescência política, acompanhada de levantes de quartel e de ações armadas, que se prolonga até o início da década de 30. Governam o país velhas oligarquias de grandes fazendeiros, em particular de São Paulo e Minas Gerais, que proclamam, com ufanismo, ser o Brasil um país essencialmente agrícola. Impera um regime de atraso e ignorância, desprovido de liberdade, em que vigoram eleições fraudadas e perseguição aos trabalhadores. O problema social é considerado caso de polícia. Tais oligarquias estão ligadas aos imperialistas ingleses que, com sua ajuda, saqueiam a nação. O descontentamento contra esta situação se espraia por todos os Estados.

Três meses após a fundação do Partido, eclode uma rebelião militar que tem sua maior expressão no levante do Forte de Copacabana. Em 1924, ocorrem novas rebeliões militares que controlam durante algum tempo a capital de S. Paulo e zonas do interior do Rio Grande do Sul. Destas rebeliões se origina a Coluna Prestes que percorre o Brasil durante três anos, lutando pela derrubada do governo. Vinculada com a sucessão presidencial, nos anos de 1929 e 1930, se verifica vasta agitação em que se prega, de maneira genérica, a necessidade da democracia e a realização de reformas sociais. A agitação culmina com o movimento armado de 1930 que atinge guarnições militares de quase todos os Estados e põe abaixo o governo.

Todas estas lutas têm como força principal a pequena burguesia urbana e delas participam também

amplas massas da classe operária. Sua direção, contudo, está nas mãos de setores da burguesia e até de latifundiários em choque com o governo federal. O imperialismo norte-americano, objetivando deslocar seu concorrente inglês, apoia o levante militar de Outubro daquele ano.

O Partido não compreende então o processo político em curso, não descortina naquelas lutas o movimento, ainda confuso, por transformações democrático-burguesas. Considera que o proletariado nada tem a ver com os fatos em desenvolvimento no país. Adota posições setárias e se alheia da situação real. Aplicando mecanicamente as teses da Internacional Comunista, defende a criação de um governo apoiado em sovietes de operários e camponeses. Desta forma, o Partido se afasta da realidade concreta. Não pode, assim, se ligar às grandes massas, influir sobre elas e se tornar uma corrente política de projeção nacional. Não sabe disputar, no decorrer da luta, a liderança daquele movimento com os agrupamentos burgueses e pequeno-burgueses.

À margem da luta política, o Partido é um pequeno grupo com atividade bastante reduzida. Embora tenha fundado o jornal «A Classe Operária» que mais tarde cumpriu destacado papel, se limita a propaganda abstrata das ideias revolucionárias e faz agitação pouco compreensível às massas, desligada da vida. Procurando sair desta situação e romper com o oportunismo, afasta de suas fileiras o secretário-geral, Astrojildo Pereira, principal responsável pela orientação seguida.

O Partido tenta combater a influência nociva das ideias pequeno-burguesas em seu seio. Mas enveredа por um caminho erróneo. Em nome da proletarização, faz uma campanha contra os elementos de origem pequeno-burguesa e em favor de um pretenso modo de vida proletário. Via como causa de sua estagnação os indivíduos e não as conceções estranhas a classe operária. Assim, não consegue sair de seu isolamento.

Nos primeiros anos de sua existência, o Partido se assemelha a uma seita.

3. Sob a Bandeira da Revolução.

O governo de Vargas, resultante do movimento armado vitorioso de 1930, adota algumas medidas de caráter popular e de sentido democrático-burguês. Nacionaliza o sub-solo, golpeia velhas oligarquias estatais, decreta as 8 horas de trabalho, reconhece os sindicatos. Poucos anos após, estabelece o voto secreto e convoca uma Assembleia Constituinte que elabora nova Constituição. Se orienta por uma política demagógica de cunho social-reformista, chegando mesmo a criar uma representação classista no Parlamento, eleita pelos sindicatos, já então subordinados ao Ministério do Trabalho, estruturado especialmente para desenvolver a colaboração de classes.

Mas a chamada revolução de 30 não enfrenta os problemas fundamentais do país. E não pode fazê-lo porque a vitória do movimento armado representa um compromisso entre a burguesia nacional e setores das forças reacionárias. Se mantém intocável o monopólio da terra e prossegue a espoliação imperialista. O conteúdo anti-popular e anti-democrático das Forças Armadas não sofre alteração. A liberdade tão ansiada pelo povo não é plenamente instaurada. Permanece na ilegalidade e perseguido o partido do proletariado. Os analfabetos, que constituem a maioria da população, não têm direito a voto. Continua se agravando cada vez mais, a situação das massas.

Amplos setores sociais que haviam participado do movimento de 30 se mostram descontentes com a orientação e as medidas de pouco alcance tomadas pelos governantes. Se acentua a diferenciação entre as forças progressistas e as forças retrógradas. A insatisfação popular aumenta com o aparecimento da Acção Integralista que, inspirada no hitlerismo, tenta implantar o fascismo no país, apoiada em círculos do governo. Nas grandes cidades, o proletariado realiza poderosas greves em defesa de seus direitos e as massas populares entram em choque com os bandos integralistas.

No plano internacional, com a subida do partido nazista ao Poder na Alemanha, o fascismo passa a ser uma grave ameaça para a Humanidade. Os hitle-

ristas preparam febrilmente a II Guerra Mundial, pretendendo esmagar a revolução, liquidar as liberdades democráticas e impor seu domínio em toda a parte. Os povos manifestam seu firme desejo de barrar o caminho ao fascismo, criando amplas organizações de luta.

Ajudado pela orientação da Internacional Comunista, que propugna uma política de frente única contra o fascismo, o Partido dá um grande passo adiante. Analisa, relativamente bem a situação criada no Brasil e rompe, em boa parte, com o setarismo. Se volta para as massas e para as questões mais candentes do momento. Dirige importantes greves e mobiliza massas contra o integralismo. Elabora uma política ampla, cujo gume é dirigido contra o fascismo e o imperialismo. Neste sentido, em 1935, organiza a Aliança Nacional Libertadora que agrupa extensos setores populares e numerosos elementos, tanto civis como militares, particulares do movimento de 30.

A Aliança Nacional Libertadora abre nova perspetiva para o povo brasileiro. Apresenta um programa de reivindicações nacionais e democráticas que vai ao encontro das aspirações de vastas massas. Prega a instauração de um governo popular nacional revolucionário para resolver problemas básicos do país. Desfralda a bandeira da revolução libertadora sob o lema PÃO, TERRA E LIBERDADE! Rapidamente, conquista largo apoio da população. Com a A.N.L., surge um novo ascenso do movimento popular.

Impulsionando a frente única, o Partido se projeta nacionalmente. Aparece para grandes camadas do povo como uma organização revolucionária que luta por um Poder efetivamente popular. Ainda que na clandestinidade, atua intensamente no cenário político, se estrutura em todos os Estados e seus efetivos crescem com rapidez. Sua orientação geral está em consonância com a real situação do país.

Poucos meses depois de fundada, a A.N.L. é posta na ilegalidade. As forças reacionárias se assustam com seus grandes êxitos e tratam de obstaculizar seu avanço. Iniciam a perseguição aos comunistas e aliancistas. Diante disto, o Partido orienta seu trabalho para a insurreição armada sob a bandeira da

A.N.L. Confia numa vitória fácil, tendo em conta a influência que a Aliança desfruta entre soldados, sargentos e oficiais das Forças Armadas.

A 23 de Novembro de 1935, rebenta o levante de Natal, dirigido por cabos e sargentos, que instaura um governo popular e controla a cidade durante alguns dias. Quarenta e oito horas após, em ligação com a greve dos ferroviários da Great Western, se rebela uma parte da tropa do Exército em Recife, sem contudo conseguir a vitória. A 27 de Novembro, se verifica no Rio de Janeiro a revolta do 3.º Regimento de Infantaria e da Escola de Aviação Militar, sufocada por forças militares superiores. Assim, o movimento nacional-libertador foi derrotado, sem que pese o heroísmo de seus combatentes.

As causas da derrota são várias. Apesar de seus grandes êxitos, a Aliança Nacional Libertadora apresentou sérias falhas. Contava com enorme simpatia popular mas sua organização era ainda débil nas cidades e não chegou a atuar no campo. Embora seu programa fosse amplo, revelava setarismo na atividade prática. Às vésperas da insurreição, lançou a palavra-de-ordem de Governo Popular Nacional Revolucionário com Prestes à frente, o que restringia a amplitude do movimento. Não orientou a preparação da luta armada, objetivando fundamentalmente as massas e cuidou quase exclusivamente dos levantes de quartel. Por isso, os acontecimentos de Novembro surpreenderam a grande maioria dos aliancistas e comunistas que não chegou a ser mobilizada para a ação armada. Na realidade, a tática política da A.N.L., particularmente após seu fechamento, e sua concepção militar estavam impregnadas de revolucionarismo pequeno-burguês, o que levou a precipitação da luta armada.

No entanto, a insurreição de 1935 constitui fato memorável da luta do povo brasileiro por sua emancipação. Pela primeira vez no país foi tentada, através da luta armada, a instauração de um poder popular, único capaz de pôr fim a espoliação estrangeira e ao domínio do latifúndio, de assegurar terra para os camponeses, liberdade e bem-estar para o povo e o verdadeiro progresso da nação. Constitui

também a insurreição de 35 uma gloriosa página da história do Partido Comunista do Brasil, inspirador, organizador e dirigente das jornadas revolucionárias daquele ano. Os comunistas ocuparam o posto de vanguarda da ampla frente contra o imperialismo, o fascismo e a reação interna.

4. Refluxo do Movimento Revolucionário.

Com a derrota da insurreição de 35, o Partido é duramente perseguido. Muitos de seus dirigentes e militantes são presos. A reação implanta o estado de sítio, estendendo-se por toda a parte a perseguição aos revolucionários. Não consegue, porém, esmagar de todo o movimento popular que, com a campanha presidencial de 1937, começa a se reerguer. Grandes massas, em comícios eleitorais, reclamam medidas contra o fascismo e contra as empresas imperialistas. Amedrontadas, as forças reacionárias desencadeiam o golpe fascista de 10 de Novembro de 1937 que instaura o chamado Estado Novo. Este golpe se dirige fundamentalmente contra os comunistas, submetidos a um regime de terror, ao mesmo tempo que atinge vastos setores populares e personalidades democráticas. Se inicia o refluxo do movimento revolucionário.

Os comunistas defendem suas organizações, lutando contra o terrorismo estadonovista. Necessitam mudar de tática. Ao fazê-lo, porém, adotam posições errôneas. Embora exaltem a insurreição de 35, abandonam, aos poucos, os objetivos revolucionários e se limitam às reivindicações mais imediatas. Se orientam paulatinamente para o nacional-reformismo. As ideias em favor da criação da grande siderurgia, como o caminho para alcançar a completa independência nacional, ganham força no Partido. Começa a circular em suas fileiras a opinião de que no governo ditatorial existem partidários da democratização e defensores de um novo rumo para o país, que deviam ser apoiados pelos comunistas. Política e ideologicamente, o Partido não está preparado para fazer frente à situação surgida às vésperas da II Guerra Mundial.

Não pode, por isso, se resguardar dos ataques das forças reacionárias.

Com o desencadeamento da guerra, o Estado Novo e, em particular, os generais fascistas, depois dos primeiros êxitos militares do nazismo na Europa, procuram arrastar o Brasil para a aliança com a Alemanha de Hitler. Investem furiosamente contra os comunistas, a força mais consequente na luta antifascista. Em fins de 1939 e começo de 1940, caem nas garras da polícia o Comitê Central bem como as direções estaduais do Partido. Muitas organizações de base são destroçadas. O Partido é praticamente dispersado.

5. A Luta Pela Reconstrução do Partido.

Em 1941, por iniciativa de dirigentes estaduais, se inicia a reorganização do Partido, nacionalmente. Se cria a Comissão Nacional de Organização Provisória (C.N.O.P.) que procura articular os comunistas dos diferentes Estados. Em dois anos de trabalho, surgem as condições para a realização de uma conferência nacional. Esta se efectua em 1943 e é conhecida como a Conferência da Mantiqueira. Dela participam, como seus principais organizadores, Diógenes Arruda, Maurício Grabois, Pedro Pomar, João Amazonas, Amarílio Vasconcelos, Júlio Sérgio de Oliveira, Mário Alves.

Um papel histórico desempenha a Conferência da Mantiqueira. Estrutura novamente o Partido em escala nacional. Elabora uma tática que corresponde, no essencial, às necessidades da situação. Elege o Comité Nacional que inclui os nomes acima mencionados, mais Luís Carlos Prestes e Carlos Marighella, que se encontravam no cárcere, e outros militantes. Desta conferência se projectam dirigentes que, durante longo período, exercem grande influência no movimento comunista.

A Conferência da Mantiqueira avalia corretamente a situação. O nazismo, que ocupava a quase totalidade da Europa e invadira a União Soviética, fortaleza da revolução mundial, ameaçava escravizar toda

a Humanidade. No plano mundial se formara ampla coalizão anti-hitlerista. A vitória desta coalizão abriria caminho para o avanço das forças democráticas e progressistas em todos os países. No Brasil, o governo de Vargas, sob a pressão das massas e também de círculos governantes norte-americanos, declara guerra à Alemanha e à Itália. Partindo destas premissas, a Conferência aprova uma tática que indica com clareza a tarefa principal do Partido e do povo brasileiro: concentrar todas as forças na luta decidida para ajudar a derrotar o nazi-fascismo. Isto exige a união nacional contra o pior inimigo dos povos, a subordinação das demais tarefas à consecução daquele objetivo. A união deve ser realizada em torno de Vargas, ainda que seu governo tivesse perseguido duramente os comunistas.

O Partido, armado com a linha da Conferência da Mantiqueira, desenvolve importante atividade em função do esforço de guerra. Mobiliza as massas para reclamar a participação mais ativa do Brasil no conflito bélico. Depois do envio de tropas brasileiras para o **front** italiano, realiza amplo trabalho de apoio e solidariedade à Força Expedicionária. Dirige campanhas patrióticas e democráticas. No mesmo período, também desenvolve atuação no movimento sindical que começa a se reanimar e a contar com a presença de massas. No início de 1945, organiza vigorosa jornada pela anistia aos presos políticos, coroada de pleno êxito. Como resultado da orientação traçada na Conferência da Mantiqueira, o Partido aumenta o número de seus membros e se fortalece em quase todos os Estados.

Esta orientação, no entanto, não aborda questões programáticas relacionadas com a revolução. Trata tão-somente de problemas táticos para um período limitado. Em 1944, o Partido considera falsamente que se poderia aplicar também no após-guerra a mesma política do período da guerra. Lança a palavra-de-ordem de União Nacional para a guerra e para a paz, em torno de Vargas, grave erro corrigido um ano depois com a retirada desta palavra-de-ordem.

Além da luta por sua reconstrução e consolidação, o Partido enfrenta, no período da II Guerra Mundial,

o liquidacionismo defendido por ex-dirigentes comunistas que tinham vindo do exterior e por elementos que se encontravam há vários anos na prisão. Entre os liquidacionistas estão Fernando Lacerda, Silo Meireles, Carlos Marighella, Agildo Barata, Orestes Timbaúva e José Maria Crispim. Todos eles se opõem à reconstrução do Partido, argumentando que isto constituiria um entrave à união nacional. Também o Partido enfrenta o liquidacionismo de «esquerda» do chamado Comitê de Ação. Os participantes desta organização, antigos comunistas, são igualmente contrários à reconstrução partidária e afirmam que o P.C. só deve ser reconstruído após a guerra num congresso de todas as esquerdas. Combatem a união nacional em torno do governo e pregam sua derrubada, no momento em que ele se empenha na luta contra o nazismo. O Partido derrota ambas as tentativas de liquidacionismo.

Assim, ao término da guerra, o Partido, reconstruído, realiza fecunda atividade entre as massas e lança as bases para o rápido desenvolvimento de suas fileiras.

6. O Partido na Legalidade.

Como resultado de sua atividade e da vitória dos povos sobre o nazismo, o Partido consegue, no início de 1945, a anistia para os presos políticos e sua legalidade. São dois grandes êxitos do movimento democrático. Centenas de comunistas, postos em liberdade, vêm reforçar a organização partidária. A legalidade do Partido Comunista do Brasil, obtida depois de 23 anos de existência, é um acontecimento de enorme importância na vida política brasileira.

Anistiado, Prestes assume a chefia do Partido. Desde logo, tenta impor a ampliação do Comitê Nacional, eleito na Conferência da Mantiqueira, com a inclusão de elementos que haviam defendido posições liquidacionistas ou que, em diferentes épocas, tiveram atitudes oportunistas. Em conseqüência desta sua posição, entram na direção nacional, sem que houvessem feito qualquer autocrítica, Agildo Barata, Fer-

nando Lacerda, Astrojildo Pereira, José Maria Crispim, Otávio Brandão, Orestes Timbaúva, entre outros. É uma decisão à margem dos princípios que coloca no mesmo plano revolucionários e oportunistas e expressa conciliação no plano político e ideológico.

A redemocratização do país constitui, no após-guerra, o centro da política do Partido. Os comunistas exigem a convocação de uma assembléia constituinte livremente eleita. Adotando esta orientação, o Partido apóia, de certa forma, o governo de Vargas que, então, tomava medidas de sentido democrático pretendendo permanecer no Poder. Em Outubro daquele ano, as Forças Armadas, estimuladas pelo imperialismo norte-americano, depõem Vargas, visando a deter o vigoroso avanço das massas populares.

Consideráveis setores da população apoiam entusiasticamente o Partido. Vêem nos comunistas os combatentes de 35, os adversários corajosos do Estado Novo e, por isso mesmo, os mais perseguidos pela reação, os patriotas abnegados na luta contra o nazismo. Identificam os comunistas com os heróicos combatentes da União Soviética que, sob a direção de Stálin, foram o fator decisivo da vitória sobre o hitlerismo. Dezenas e dezenas de milhares de homens do povo afluem ao Partido. Aos atos públicos por ele organizados comparecem verdadeiras multidões. Se criam, também, numerosos Comitês Populares, que agrupam grandes massas e seguem a política do P.C. do Brasil. O movimento sindical, ganhando impulso, procura se libertar do controlo do Ministério do Trabalho e aceita os comunistas como força dirigente. Surgem no interior diversas Ligas Camponesas. Nas eleições de Dezembro de 1945, a primeira a que concorre com sua legenda própria, o Partido alcança 10 % dos votos dos eleitores inscritos. Sua bancada parlamentar dá provas de combatividade e imprime um estilo novo no Parlamento, merecendo amplo apoio do povo. Sob a pressão de vasta campanha popular dirigida pelo Partido, os imperialistas norte-americanos têm que se retirar das bases militares do Nordeste. A reforma agrária é reivindicada pelos comunistas e encontra eco entre os camponeses. No pleito de 1947, maiores são os êxitos

do Partido que se torna majoritário em vários centros operários do país e em grandes cidades como Recife e Rio de Janeiro. Amplas massas vêem no P.C. do Brasil a esperança de melhores dias.

Tem curta duração a vida legal do Partido. Este é posto na ilegalidade em Maio de 1947. Tentando conter o Partido, a reação interna com o general Dutra à frente — enquadrando-se nos planos imperialistas norte-americanos de repressão aos comunistas no âmbito mundial — desencadeia violentos ataques contra a vanguarda do proletariado e contra as organizações de massas. Sem qualquer pretexto, prende e espanca os comunistas, intervém nos sindicatos, destituindo seus dirigentes. Persegue a imprensa popular. Em Janeiro de 1948 cessa o mandato de todos os parlamentares eleitos pela legenda do Partido Comunista do Brasil e passa ao assassinato de numerosos militantes. Em conseqüência, se reduzem os efetivos partidários e, uma a uma, as conquistas do após-guerra são anuladas.

Em seguida a seu fechamento e à cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, o Partido adota posições contraditórias e lança palavras-de-ordem fora da realidade, como a da exigência de renúncia de Dutra. Realiza acordos eleitorais sem princípio, política que continua por muito tempo, causando graves prejuízos ao Partido e contribuindo para o isolar das massas.

Estes insucessos, além das causas objetivas, decorrem de erros da linha política. Ainda que justa a luta pela redemocratização do país, a orientação do Partido tem fundo oportunista. Está baseada na ideia de que, com a derrota do nazismo, surge uma nova época, de desenvolvimento pacífico, que prescinde da revolução. Admite que o imperialismo está de dentes quebrados e não mais pode impedir o avanço pacífico da democracia no Brasil e no mundo. Nega, no essencial, o princípio da luta de classes e defende a colaboração com a burguesia. As opiniões revisionistas de Earl Browder, renegado do P.C. dos Estados Unidos, influem na linha do Partido. Na prática, a orientação traçada corresponde à conceção de que o

movimento é tudo e o objetivo final é nada. Se adapta às circunstâncias do dia a dia.

Desta forma, o Partido se encontra politicamente impotente para fazer face à reação cada vez mais violenta. Afastando-se da realidade, a cada golpe que recebe, afirma tratar-se simplesmente de desespero das forças retrógradas, uma vez que a tendência geral seria o avanço continuado da democracia. A política do Partido, sem base nos princípios marxistas-leninistas, é refutada pela vida. Não se situa no quadro da luta de classes e das exigências da situação concreta. Embora elementos dessa orientação já se encontrem em germe na linha da Conferência da Mantiqueira, especialmente depois de lançada a palavra-de-ordem de União Nacional para a Guerra e para a Paz, ela é traçada e defendida obstinadamente pelo então secretário-geral do Partido, Luís Carlos Prestes, que exerce influência quase absoluta no Comitê Nacional.

7. Em Busca do Caminho Revolucionário.

Com as derrotas e fracassos da linha política, que tornam evidente seu caráter oportunista, o Partido inicia a busca do caminho revolucionário. Organiza a resistência à reação e à entrega do país ao imperialismo. Dirige importantes greves e realiza inúmeras lutas de sentido democrático e anti-imperialista. A campanha do petróleo alcança larga penetração entre o povo e possibilita a formação de ampla frente unida anti-norte-americana. Em Agosto de 1950, o Partido faz séria tentativa de romper com as posições reformistas e de adotar uma linha verdadeiramente revolucionária. O Manifesto de Agosto, que encarna esta tentativa, se orienta para a revolução e a luta armada.

Assim procedendo, o Partido obtém alguns êxitos. Procura imprimir maior combatividade às ações de massas nas cidades e dar atenção ao desenvolvimento da luta no campo. Surgem alguns movimentos camponeses de cunho revolucionário e poderosas greves nos principais centros operários. Dirigidas pelo Partido, as greves têm sentido mais radical e as ações

camponesas em vários lugares resultam em choques com a polícia. O Partido afasta de suas fileiras elementos oportunistas que querem mantê-lo nas posições de direita, como José Maria Crispim.

Todavia, o Manifesto de Agosto mescla questões programáticas e posições táticas, o que leva, na atividade prática, a interpretações esquerdistas. Além disto, apresenta a burguesia em bloco como força inimiga. O Partido cai em posições setárias, abstém-se de participar das eleições presidenciais de 1950, que levam Vargas outra vez ao Poder. Diante do novo governo, o Partido se define. Sem levar em conta a situação real, adota atitude rígida de combate sistemático a Vargas, que obtivera expressiva votação popular e representa, em certo grau, setores progressistas da nação.

Neste período, fins da década de 40 e princípios da de 50, se intensifica a penetração do imperialismo norte-americano e aumenta sua influência nas Forças Armadas. Se funda a Escola Superior de Guerra sob inspiração direta do Pentágono. O armamento e o treinamento das forças militares são padronizados segundo o modelo ianque, se instalam no Brasil aparatosas missões militares dos Estados Unidos que exercem enorme influência nas Forças Armadas e se estabelece o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos contrário aos interesses nacionais. Vargas, de um lado, capitula diante dos generais reacionários e faz sérias concessões ao imperialismo ianque. Por outro lado, decreta o monopólio estatal do petróleo e atenua a repressão no país. Se verifica outro ascenso do movimento popular. Se aguçam, mais uma vez, as contradições entre a corrente representada por Vargas e as forças mais reacionárias. O governo se acha ameaçado por um golpe militar. Em Agosto de 1954, com apoio ianque, Vargas é deposto pelas Forças Armadas e se suicida. O Partido, que combatera inflexivelmente até o golpe militar, muda radicalmente de posição. Passa a elogiar Getúlio Vargas e a propor estreita aliança com o Partido Trabalhista que vinha sendo duramente atacado pelos comunistas. É uma atitude contraditória que gera confusão nas

fileiras partidárias e revela falta de coerência na política do Partido.

Continuando na busca de um caminho acertado, o Partido elabora seu Programa, aprovado no IV Congresso realizado em 1954. É o primeiro programa por ele elaborado em toda sua existência. A aprovação deste documento, correto em seus elementos essenciais, constitui grande êxito e já revela certo domínio do marxismo-leninismo e da realidade nacional. Arma o Partido e as massas para levar a cabo a revolução. O Programa faz uma análise justa da situação do Brasil, demonstra ser indispensável a revolução, define acertadamente o caráter desta revolução e indica o imperialismo norte-americano como principal inimigo do povo brasileiro. Destaca a necessidade da criação de ampla frente única que inclua a burguesia nacional.

Com o objetivo de ganhar os militantes para as ideias do Programa, se intensifica o trabalho de educação marxista-leninista no Partido. Se realizam inúmeros cursos, se editam obras dos clássicos, divulgam-se materiais e documentos de muitos partidos irmãos. O estudo da doutrina do proletariado começa a ser feito de maneira sistemática.

Mas a elaboração do Programa não significa mudança de profundidade com relação às conceções estranhas ao proletariado. O documento programático de 1954 é aprovado sem séria luta ideológica na qual fossem combatidas e extirpadas antigas tendências pequeno-burguesas que se manifestavam das mais diferentes formas, assim como corrigidos métodos erróneos de direção e de trabalho partidário. Sem ter assimilado suficientemente a ideologia da classe operária, o Partido não opõe a necessária resistência à penetração de ideias burguesas e pequeno-burguesas em suas fileiras. No Comitê Central expressam-se com força opiniões erróneas. O principal dirigente do Partido, seu secretário-geral, oscila entre posições extremas, ora de direita, ora de «esquerda».

Em tais circunstâncias, o Partido tem dificuldade para elaborar uma tática consentânea com a estratégia definida no Programa. Diante da aproximação das eleições presidenciais, apoia a candidatura de

Juscelino Kubitschek, ex-governador de Minas Gerais. Ainda que este opoio se pudesse justificar tendo em vista combater a coalizão mais reacionária que concorria ao pleito, o Partido não deixa bem clara sua posição independente nem relaciona a atitude adotada com os objetivos do Programa.

O governo de Juscelino Kubitschek, ao lado das medidas repressivas contra o movimento popular, faz uma política demagógica de aparência nacionalista. Sob o pretexto de desenvolvimento económico, permite intensa penetração do capital estrangeiro no país. Simultaneamente, discorda da política do Fundo Monetário Internacional e se apoia em certos setores nacionalistas das Forças Armadas. Atrai para a esfera de sua influência muitos inteletuais de esquerda. Estes fundamentavam toda uma doutrina, o desenvolvimentismo, que encerra soluções apresentadas por uma parte da burguesia para os problemas nacionais. Em essência, o governo de Kubitschek defende o desenvolvimento do país com a maior penetração do imperialismo e com a manutenção do monopólio da terra.

A política demagógica de Juscelino Kubitschek repercute dentro do Partido, ocasionando vacilações em muitos militantes. Apesar do Partido possuir um programa revolucionário, subsistem arraigadas conceções reformistas que se manifestam no modo de pôr em prática a orientação preconizada no Programa. Em 1956, forte é a pressão da ideologia burguesa sobre o Partido. O desenvolvimentismo vinha sendo difundido intensamente e circula nas fileiras partidárias, inclusive na direção nacional.

Em tal situação, o Partido toma conhecimento das teses do XX Congresso do P.C.U.S. e dos ataques infames de Kruschov a Stálin.

8. O Surto Revisionista.

Naquele Congresso, o renegado Nikita Kruschov e sua camarilha rejeitam princípios fundamentais do marxismo-leninismo e iniciam uma luta aberta contra a ditadura do proletariado. Propugnam o caminho burguês, social-democrata, da evolução pacífica e, sob

a alegação de combate ao culto à personalidade de Stálin, se lançam contra a doutrina da classe operária. Atacam insidiosamente os partidos comunistas e os marxistas-leninistas de todo o mundo. Usando criminosamente o prestígio e a autoridade do partido de Lênin e Stálin, abrem as comportas do oportunismo e da podridão contra-revolucionária. Os cães-de-fila da reação e todo o rebotalho do movimento operário internacional criam alma nova e combatem raivosamente os partidos leninistas. Os revisionistas soviéticos causam danos consideráveis ao comunismo internacional.

Também no Brasil, as distorções e calúnias do XX Congresso do P.C.U.S. acarretam sérios prejuízos. Se manifesta no Partido um surto revisionista de grandes proporções. O denominado combate ao culto à personalidade serve de veículo para a difusão no Comitê Central e nas fileiras partidárias de teorias anti-marxistas e anti-leninistas que negam o Partido, enxovalham seu passado de lutas, contrariam o princípio da hegemonia do proletariado, repudiam a revolução.

O Comitê Central fica perplexo e desarvorado porque as teses errôneas têm sua origem no P.C.U.S., cuja opinião sempre mereceu respeito dos comunistas brasileiros. Encontra por isso dificuldades para combater os elementos antipartidários que se organizam num grupo de cunho revisionista e liquidacionista, a cuja frente é colocado Agildo Barata. Este grupo assalta os órgãos da imprensa do Partido e, por conta própria, abre através deles, um debate orientado contra a vanguarda do proletariado e seus dirigentes e contra os princípios básicos do marxismo-leninismo. Contudo, firmando-se nos postulados marxistas, o Comitê Central consegue derrotá-lo. Agildo Barata é expulso do Partido. Mas vários membros da direção nacional continuam defendendo opiniões revisionistas, entre os quais se salientam Carlos Marighella, Giocondo Dias, Mário Alves, Astrojildo Pereira, Orestes Timbaúva, João Massena, Jacob Corender, Zuleika Alambert. Persiste, assim, o surto revisionista que, em 1957, toma novo impulso com a adesão de Prestes àquelas opiniões e com o afastamento de alguns camaradas do Presidium do Comitê Central,

entre os quais João Amazonas e Maurício Grabois. A orientação kruschovista é adotada oficialmente pelo Partido e o Programa de 1954 posto inteiramente de lado. O caminho revolucionário do Partido é, uma vez mais, truncado. Vencem as conceções reformistas.

Passa a reger a atividade política do Partido a linha contida na Declaração de Março de 1958. Esta declaração preconiza o caminho pacífico e a colaboração com a burguesia. Defende abertamente a solução reformista, considera que o Estado brasileiro está em processo de democratização crescente e que a democracia e a independência nacional serão conquistadas, paulatinamente, através de sucessivos governos das classes dominantes. Postula simplesmente medidas de reforma agrária, abandonando a palavra-de-ordem de reforma agrária radical. Propugna uma frente única de tal amplitude que inclui forças reacionárias e admite a direção da burguesia nesta frente, anulando o papel de vanguarda do Partido. No que respeita ao Poder constituído, a política traçada é de apoio ao Presidente da República e à denominada ala democrática do governo Kubitschek. Este é tido, em seu aspeto fundamental, como nacionalista e democrático.

Em oposição à linha de 1958, se inicia vigorosa luta ideológica em defesa do Partido e do marxismo-leninismo. Aos poucos, se forma no Comitê Central um núcleo marxista-leninista que combate o reformismo.

A luta contra o oportunismo assume maiores proporções na preparação e no curso do V Congresso realizado em 1960. Nos debates deste congresso, os marxistas-leninistas fazem severa crítica da linha oportunista, desmascaram o caráter reformista das teses apresentadas pelo Comitê Central e propõem uma orientação revolucionária. Nos mesmos debates, mais de metade dos artigos publicados na imprensa partidária condenam a linha de direita, fato revelador de que as ideias revolucionárias ganham terreno.

No entanto, manipulado pela direção prestista, o V Congresso aprova as teses oportunistas e afasta do quadro de membros efetivos do Comitê Central os que resistem a sua orientação. Mas a luta travada

pelos marxistas-leninistas dá frutos: desperta grande número de militantes para o combate às concepções errôneas e aguça seu espírito crítico. Os choques de opiniões verificados durante o V Congresso representam a luta ideológica mais importante já travada no movimento comunista brasileiro. Acentuam a delimitação dos campos entre revolucionários e oportunistas, contribuem para esclarecer muitas questões do movimento comunista, servem para aprofundar o conhecimento da realidade nacional e ajudam a compreender que está em jogo a própria existência do Partido.

Em meados de 1961, o Comitê Central eleito no V Congresso, numa tentativa de conseguir, a qualquer preço, a legalidade do P.C.B., publica novos Estatutos, dos quais exclui a afirmação de que o Partido se orienta pelo marxismo-leninismo e pelo internacionalismo proletário, e um programa indefinido semelhante aos de certos ajuntamentos políticos das classes dominantes. Formaliza, assim, a criação de um novo partido, de tipo social-democrata, o Partido Comunista Brasileiro, renegando o velho partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil.

Grande número de militantes não aceita a liquidação do Partido. Exige do Comitê Central a anulação das medidas tomadas ou a realização de outro Congresso. A exigência é respondida com sanções anti-estatutárias. Erguendo a bandeira da defesa do Partido, militantes revolucionários de diferentes Estados convocam então uma Conferência Nacional Extraordinária, em Fevereiro de 1962, na qual reorganizam o antigo partido do proletariado — o Partido Comunista do Brasil. Os principais organizadores desta conferência são, entre outros, João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Danielli, Ângelo Arroio, Lincoln Oest, José Duarte, Elza Monnerat.

O rompimento com os oportunistas seguidores de Kruschov — o primeiro verificado no mundo capitalista depois do surgimento do revisionismo contemporâneo — constitui acontecimento de importância histórica para o movimento comunista brasileiro. As tentativas de privar o proletariado de seu partido fra-

cassaram. O marxismo-leninismo lançara raízes na classe operária e já podia enfrentar o oportunismo em sua mais elevada expressão, o liquidacionismo revisionista. A reorganização do Partido não representa uma simples continuidade da velha organização fundada em 1922. Incorpora a tradição de luta dos comunistas e elimina erros e deficiências do passado. Significa um salto qualitativo. Precedida de profunda luta ideológica, a reorganização dá-se numa base revolucionária, marxista-leninista, que imprime ao Partido uma fisionomia de autêntica vanguarda política do proletariado. Se inicia nova fase da vida do P.C. do Brasil.

9. Na Senda do Marxismo-Leninismo

Ao se reorganizar, o Partido formula um programa que retoma, em outro nível, as posições revolucionárias do passado. Aponta as causas do atraso do país: o domínio imperialista, o monopólio da terra e os grupos monopolistas da grande burguesia. Carateriza o imperialismo norte-americano como o principal inimigo do povo brasileiro, defende a criação de uma ampla frente democrática e anti-imperialista sob a direção do proletariado, indica as tarefas a serem realizadas na primeira etapa da revolução. Afirma ser indispensável a violência revolucionária para livrar a nação do atual regime retrógrado e para instaurar um governo popular revolucionário. O Programa do Partido constitui uma vitória do marxismo-leninismo no Brasil. É um poderoso instrumento para a ação revolucionária. Definindo com clareza o caráter da revolução e a direção do golpe principal, permite a aglutinação de imensas forças sociais, sob a direção do proletariado, para a conquista do Poder.

Os primeiros anos da reorganização são duros e difíceis. Os efetivos do Partido são reduzidos e débeis também seus vínculos com as massas. Os marxistas-leninistas lutam contra a corrente. O reformismo, sob o governo de Goulart, está em pleno auge. Tudo parece confirmar as teses oportunistas dos renegados do marxismo. Mas o Partido não se

deixa abater. Os comunistas concentram sua atividade na conquista da vanguarda para as posições revolucionárias. Desmascaram energicamente os oportunistas e denunciam sua traição à causa do povo e do socialismo. Demonstram a falsidade das soluções reformistas e pregam o caminho da revolução. Nesta atividade, a CLASSE OPERÁRIA, tradicional órgão do Comitê Central, é poderoso instrumento de combate, tanto na luta contra o revisionismo contemporâneo como em defesa do Partido. Contribui para agrupar os marxistas-leninistas. Boa parte do esforço dos comunistas consiste na edição e difusão do único jornal marxista-leninista existente no país. A «Classe Operária» edita quinzenalmente dezenas de milhares de exemplares e trata dos assuntos mais candentes do movimento comunista no Brasil e em todo o mundo. O Partido publica ao mesmo tempo livros e folhetos revolucionários, destacando-se materiais do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia.

O Partido dá sua contribuição ao desmascaramento do revisionismo contemporâneo no plano internacional. À medida que ficam claras as posições revisionistas de Kruschov, Brezhnev e Kossiguin, o Partido Comunista do Brasil não vacila em combatê-las abertamente. Solidariza-se com o Partido do Trabalho da Albânia, alvo do ataque raivoso dos kruschovistas. Apoia firmemente a atitude do P.C. da China em defesa do marxismo-leninismo. Estabelece sólida amizade com estes dois destacamentos de vanguarda da classe operária mundial.

Enfrentando dificuldades sem conta, o Partido, pouco a pouco, se fortalece, ampliando sua influência e se firmando como verdadeira organização revolucionária do proletariado. Quando se verifica o golpe militar de Abril de 1964, é capaz de preservar suas fileiras das investidas da reação e prosseguir em sua atividade. Enquanto o partido revisionista sofre grave derrota política e entra em desagregação, o P.C. do Brasil vê sua autoridade e prestígio reforçados. Para êle afluem novos militantes. Suas teses, baseadas no marxismo-leninismo, são confirmadas pela prática.

10. Tática Revolucionária.

O golpe militar de 1964 é dura prova para todas as organizações políticas de esquerda. Fracassam as mais diferentes teorias e linhas de conduta defendidas por essas organizações. Somente o Partido teve clareza sobre a situação e se orientou com acerto. Não alimentou ilusões no governo reformista de Goulart e muito menos nos chamados setores democráticos das Forças Armadas. Enquanto as demais organizações políticas se desarvoram com o golpe, o Partido analisa serenamente os acontecimentos e adota posição correta diante da ditadura que acaba de se instalar.

Em Agosto de 1964, o Partido publica um documento no qual examina a fundo o golpe militar e o período que o antecedeu. Generalizando a experiência, tira ensinamentos valiosos para o movimento revolucionário. Mostra o quanto é errôneo o caminho pregado pelos revisionistas. Em que pesem a política conciliadora de Goulart e o capitulacionismo de Prestes e seu sequazes, sua aberta colaboração com a burguesia e mesmo com as forças reacionárias, os generais não titubearam em derrubar o governo e atacar o movimento popular em ascensão. Evidenciou-se toda a falsidade do caminho pacífico. O documento desmascara a tese revisionista sobre o pretenso caráter democrático das Forças Armadas. Demonstra também que a burguesia não tem condições para dirigir o movimento democrático e nacional e que ao proletariado cabe a função dirigente. Salienta que o campo é o problema-chave da revolução. E, por fim, destaca que, no embate entre o marxismo-leninismo defendido pelo P.C. do Brasil e o revisionismo contemporâneo sustentado pelo partido de Prestes, os acontecimentos ocorridos no país deram razão ao P.C. do Brasil. O documento de Agosto revela ainda que o golpe de Abril de 1964 não é semelhante aos anteriores pronunciamentos militares. Veio para instalar, por um longo período, uma ditadura reacionária. Os fatos confirmaram esta previsão.

A nova situação do país e a elaboração da tática geral do Partido exigem a convocação de uma Confe-

rência Nacional. Esta se realiza em Junho de 1966. A VI Conferência aprova um documento intitulado UNIÃO DOS BRASILEIROS PARA LIVRAR O PAÍS DA CRISE, DA DITADURA E DA AMEAÇA NEO-COLONIALISTA onde aprecia a situação internacional e nacional, expõe a tática do Partido, focaliza a luta ideológica no plano interno e externo, faz rápido esboço da história do Partido e indica as tarefas de organização partidária. Ao analisar a situação internacional assinala que os povos marcham no sentido da revolução e que esta é a tendência principal no mundo.

A Conferência centraliza sua atenção na tática. Os comunistas necessitam de uma orientação que corresponda aos objetivos estratégicos fixados no Programa de 1962. Justamente nas questões táticas, o Partido sempre apresentou debilidades. Mesmo quando adotou posições revolucionárias não soube encontrar a maneira prática de desenvolver a luta pelos objetivos programáticos. A VI Conferência elabora uma tática tendo em conta a realidade nacional e o propósito de fazer a revolução.

A implantação de uma ditadura militar, anti-nacional e anti-popular, de modelo fascista, determina uma situação nova no país. Os generais reacionários não atacam apenas as forças populares. Atingem, também, com suas medidas arbitrárias, partidos das classes dominantes, inúmeros políticos influentes, a inteletualidade progressista e setores do clero católico. Cerceiam ao extremo a atividade política. Sob a ditadura, o Brasil está mais subjugado ao imperialismo norte-americano. Em tais condições, o Partido preconiza a união de todos os patriotas e democratas, tendo em vista levar a cabo a revolução com bandeiras amplas. O imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, que têm sua expressão política na ditadura militar, são os piores inimigos do povo. Combater, isolar e derrotar estas forças é uma grande tarefa revolucionária. A VI Conferência salienta que o campo é o cenário principal onde poderá surgir e se desenvolver a revolução. Diz que o Brasil, embora uma nação única, contém em si dois brasis: o do interior e o das grandes cidades.

Justamente no interior se encontra imenso potencial revolucionário a ser mobilizado. Aí a reação é mais débil. Intensificando sua atividade nas cidades, entre a classe operária e as massas populares, é preciso dar primazia ao trabalho no campo. A Conferência, ao destacar que se deve utilizar todas as formas de luta, reafirma que a forma principal é a luta armada, sem a qual não se derrubará o regime reacionário. Esta luta será a guerra popular. Em essência, a tática traçada em Junho de 1966 visa à preparação e ao desencadeamento da luta armada.

No terreno ideológico, a VI Conferência, além de aprofundar o combate às teses revisionistas, dá atenção à luta contra o centrismo, afirmando que, na disputa entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo, não pode haver terceira posição. Proclamar-se marxista-leninista e ao mesmo tempo colaborar com o P.C.U.S., não desmascará-lo a fundo, significa afastar-se do caminho proletário.

Ao esboçar a história do Partido, a VI Conferência sublinha o papel nocivo desempenhado por Prestes, durante quase duas décadas, à frente do Partido, constituindo fator de atraso na formação da verdadeira vanguarda da classe operária e na luta revolucionária. Simultaneamente, assinala que a causa da persistência no Partido de conceções estranhas ao proletariado resulta da pouca assimilação do marxismo-leninismo.

Armado com o documento da VI Conferência, com uma tática correta, o Partido, na clandestinidade, desenvolve importante atividade. Liga-se mais às massas, aumenta sua influência política, reforça suas fileiras com o ingresso de novos militantes. O desmascaramento das posições oportunistas do P.C. Brasileiro e o rotundo fracasso da orientação política por ele seguida apressa sua desintegração. Setores revolucionários que ainda restam na organização prestista, em especial no Estado da Guanabara, dela se desprendem e vêm reforçar as hostes do P.C. do Brasil. À frente destes setores se encontram Manoel Jover Teles e Armando Frutuoso.

Após a VI Conferência, o Partido desmascara um grupelho de inimigos nele infiltrado, que tenta assal-

tar a direção, desagregá-lo e levá-lo pelo caminho do aventureirismo pequeno-burguês. Derrotado no curso daquela conferência, este grupelho procura, sorrateiramente, dividir o Partido e por fim arranca a máscara. Seus integrantes são expulsos da organização partidária, que se fortalece depurando-se de arrivistas e provocadores.

O Comitê Central, em 1967, examina detidamente o fenómeno do «foquismo» surgindo em quase todos os países da América Latina, inclusive o Brasil, e cujo centro inspirador se encontra em Cuba. Demonstra que o «foquismo» é toda uma conceção pequeno-burguesa sobre a revolução, tanto na esfera política, como na militar e organizativa. Esta conceção defende, no aspeto político, uma revolução continental única que não leva em conta as caraterísticas nacionais e as diferentes etapas do processo revolucionário. Prega a luta armada de pequenos grupos desligados do movimento de massas, sem a necessária preparação e sem considerar as condições objetivas. Nega o papel do Partido como força dirigente, atribuindo à guerrilha esta função. É uma teoria falsa e voluntarista, de fundo subjetivista, que posta em prática causa imensos danos ao movimento revolucionário. Com o desmascaramento do «foquismo», o P.C. do Brasil assesta um golpe contundente nas tendências aventureiras, pretensamente de esquerda, que ganhavam corpo entre as correntes democráticas e populares. O Comitê Central desmascara também as teses trotsquistas e neo-trotsquistas que circulam nos meios revolucionários. O trotsquismo, que já há muitos anos havia sido derrotado pelo movimento operário marxista-leninista, ressurge apoiado nas posições traidoras de Kruschov e tenta, uma vez mais, desorientar as forças progressistas e levá-las à derrota. Isto exige o combate sem tréguas a suas conceções e métodos contra-revolucionários.

Com a subida de Costa e Silva ao Poder em substituição a Castelo Branco, o Partido encara a nova conjuntura. Afirma que o governo recém-empossado é a continuação do que lhe antecedeu, distinguindo-se apenas pelas manobras demagógicas visando a con-

quistar certo apoio do povo. E chama as massas à luta, convencido de que estas, cansadas da ditadura, não se deixarão enganar. A orientação adotada revela-se justa. Apesar da repressão, o povo vem à praça pública, realiza grandes manifestações e lutas de rua sob as palavras de ordem de ABAIXO A DITADURA! e ABAIXO O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO! lançadas pelo Partido. Os estudantes ocupam posição de relevo nos acontecimentos. Ganha força o movimento popular. O Partido tem ativa participação neste movimento no qual desempenha papel saliente.

Acuados pela repulsa das massas, os militares arremetem mais furiosamente contra o povo. Editam o Ato Institucional n.° 5 que estabelece um poder absoluto, autocrático. Liquidam os resquícios de garantias e direitos individuais. Voltam à cassação de mandatos, às prisões em massa de patriotas e democratas, ao fechamento de organizações populares. Instituem um regime de terror. A violência recrudesce em nível mais elevado.

Em 1969, o Partido enfrenta uma situação mais complexa e de maior reação. Os militares, passando por cima das leis por eles mesmo ditadas e sob o pretexto de enfermidade de Costa e Silva, destituem o «presidente» e o «vice-presidente» da República e instituem uma Junta Militar. Em seguida, os generais designam entre eles o novo «presidente». Sobe ao Poder um grupo militar ainda mais fascista, tendo à frente Garrastazu Médici. O Brasil, desde então, está sob o tacão do pior governo de toda sua história. Acentua-se mais ainda o caráter policial do Estado dirigido pelos generais. Torna-se brutal a perseguição aos patriotas que não se conformam com a ditadura. A tortura de presos políticos se transforma em rotina policial. Revolucionários são abatidos friamente nas praças públicas ou nas masmorras. Entram em vigor as penas de morte e de prisão perpétua. O terror se abate mais pesadamente sobre o país.

A classe operária que se encontra sob forte influência dos reformistas e que teve suas organizações duramente atingidas pelo golpe de 1.° de Abril, ainda não consegue opor-se com decisão aos militares. Por

sua vez, setores da pequena burguesia urbana procuram responder ao banditismo da ditadura, recorrendo às ações radicais de grupos isolados nas cidades. Sucedem-se os sequestros, ataques a bancos e supermercados, os choques com policiais e outros atos semelhantes. Os autores de tais ações consideram-nas guerrilha urbana.

O surgimento deste tipo de luta é um fenômeno objetivo que decorre da existência de uma ditadura fascista e de conceções pequeno-burguesas, «foquistas», no movimento revolucionário. O emprego de tais métodos mostra o inconformismo de boa parte da pequena burguesia que, não tendo clareza sobre o caminho da revolução, apela para formas de luta extremadas, porém inconseqüentes. Revela também o estado de espírito do povo desejoso de derrubar a ditadura e de encontrar a senda revolucionária. Por isso, por mais golpes que tenham sofrido, os grupos pequeno-burgueses «foquistas» persistem em sua atuação. Mas aquelas ações, mesmo alcançando repercussão, não podem golpear seriamente a ditadura e levar o povo à vitória. Não facilitam a incorporação de grandes massas à luta. No entanto, no curso da guerra popular, atos de pequenos grupos nas cidades, integrados numa perspetiva estratégica proletária, revolucionária, se justificam plenamente. Concorrem para enfraquecer o inimigo, dispersar suas forças e elevar o moral do povo. Ainda assim, é indispensável ter em conta a economia de forças, a oportunidade das ações, o apoio popular e a possibilidade de êxito.

11. A Revolucionarização do Partido.

A ditadura militar, sob a chefia de Médici, proclama que o atual estado de coisas continuará e que nem mesmo o AI-5 será revogado. Trata de fechar, através da violência sempre maior, o caminho da luta de massas. De forma mais imperiosa, se coloca diante do povo a necessidade de desencadear a revolução.

O Partido elabora, à base da experiência adquirida, o documento GUERRA POPULAR — CAMINHO DA LUTA ARMADA NO BRASIL de primordial importância para o movimento revolucionário. Este documento representa grande avanço na maneira de encarar os problemas da revolução. Pela primeira vez, os comunistas abordam de modo claro e fundamentado sua concepção sobre a luta armada, que resulta do exame da realidade nacional, do estudo da experiência de lutas armadas do povo brasileiro, da prática do Partido após sua reorganização e, também, dos ensinamentos da revolução em outros países. O documento demonstra que, para ser vitoriosa, a revolução assumirá o aspeto de guerra prolongada, travada fundamentalmente no interior, que se inicia por pequenos grupos guerrilheiros, cria bases de apoio no campo e se orienta para incorporar à luta grandes massas populares. As cidades cumprirão importante função, apoiando concretamente as ações guerrilheiras no interior e coordenando com estas lutas suas ações urbanas de diferentes tipos.

Todos os comunistas são convocados a trabalhar ativamente na preparação e no desencadeamento da guerra popular. O Partido procura se colocar à altura das tarefas que a revolução impõe. Torna-se premente a revolucionarização de suas fileiras, a adoção de métodos e estilo de trabalho revolucionários. Em fins de 1969, o Comitê Central destaca uma vez mais que o proletariado precisa de um partido de combate, instrumento da revolução e não apenas um centro de orientação política e ideológica. Para que a linha do Partido não fique no papel e se traduza em atos revolucionários, é indispensável combater a rotina, o comodismo e a passividade. O momento exige militança corajosa e abnegada. Cada comunista deve se dedicar de corpo e alma ao trabalho revolucionário, não assumir compromissos que entravem sua atividade de lutador inteiramente a serviço do povo. O chamamento do Comitê Central para a revolucionarização do Partido começa a dar resultados positivos. Inúmeros militantes, em especial os jovens, se entregam plenamente à atividade partidária, ligam sua vida e seu futuro à revolução.

12. Autêntica Vanguarda da Classe Operária.

O trabalho revolucionário é a constante do Partido Comunista do Brasil nos dez anos após sua reorganização. O Partido não se desvia da senda assinalada na Conferência Nacional Extraordinária, não comete erros essenciais nem fica oscilante entre posições reformistas e revolucionárias. É coerente em sua conduta política. Suas atitudes se orientam no sentido da luta pelos objetivos programáticos.

Neste período, o Partido faz sérios esforços para elaborar, em seus aspectos fundamentais, a teoria marxista-leninista da revolução brasileira. Esta teoria encontra sua expressão no Programa do Partido, na tática traçada na VI Conferência, na fundamentação da luta ideológica contra as opiniões errôneas, na sistematização do caminho da luta armada, na conceção do tipo de partido do proletariado. Em seu conjunto, as interpretações do Partido sobre diferentes problemas da realidade formam um todo harmónico, permitindo compreender em sua plenitude o processo revolucionário brasileiro e suas perspectivas.

Decorridos dez anos da reorganização do Partido, se pode avaliar o significado histórico da decisão tomada em Fevereiro de 1962. O rompimento com os oportunistas e a estruturação do Partido em bases marxistas-leninistas constituem mudança de qualidade no movimento revolucionário brasileiro, passo importante no domínio da teoria do proletariado, consolidação da vanguarda da classe operária.

II

ENSINAMENTOS DE CINQUENTA ANOS DE LUTA

A trajetória de meio século de vida do Partido Comunista do Brasil traz importantes lições para os revolucionários proletários. É um acervo de experiências que, bem analisadas, podem contribuir para elevar a consciência marxista-leninista da vanguarda da classe operária. Uma justa apreciação do passado do Partido impedirá que se incorra em velhos erros, ajudará a extirpar concepções estranhas ao proletariado e a evitar os vaivéns e retrocessos que caraterizam grande parte da vida do Partido durante muitas décadas.

Quais são, no fundamental, os ensinamentos que se podem extrair dos 50 anos de vida do Partido Comunista do Brasil?

1. O Partido é uma necessidade histórica e sua defesa um dever constante de todo o revolucionário proletário.

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que o Partido é uma exigência histórica do desenvolvimento da sociedade brasileira. Unicamente a organização de vanguarda do proleta-

riado pode conduzir o povo à sua libertação e à conquista do socialismo.

O Partido foi a força impulsionadora das principais lutas de massas e de sentido progressista que se realizaram no país. Ajudou a classe operária a organizar-se e a pugnar por conquistas sociais. Foi a primeira organização política do país que demonstrou ser o latifúndio uma das causas do atraso do Brasil e também a primeira a reclamar a entrega da terra aos camponeses. Igualmente foi o Partido que, em primeiro lugar, denunciou a dominação imperialista e revelou em diferentes períodos o processo de espoliação crescente do povo brasileiro pelos monopólios internacionais. Através de longos anos de luta ele forjou uma consciência nacional, anti-imperialista. As campanhas em defesa do petróleo e, em geral, das riquezas nacionais foram iniciadas e conduzidas pelo Partido. O P.C. do Brasil teve grande atuação na luta pelas liberdades democráticas. Pugnou pelo direito de greve, de organização independente do proletariado, dos camponeses e dos estudantes. Reclamou a completa emancipação da mulher. Defendeu a livre manifestação do pensamento e a liberdade de criação artística. Denunciou e combateu sem descanso o regime de opressão vigorante no país. Difundiu a ideia da transformação radical da sociedade brasileira e definiu o caráter da revolução no Brasil. Particularmente em 1935 e, agora, após sua reorganização, ergueu bem alto a bandeira da revolução.

O Partido Comunista do Brasil é, assim, uma exigência da evolução social. Sua presença na vida do país não é fenómeno acidental nem artificial. Por isso mesmo, nenhuma força reacionária pôde destruí-lo. No curso dos últimos cinquenta anos, o Partido sofreu, tanto por parte da reação como de inimigos de classe nele infiltrados, sérios golpes, mas nunca foi liquidado. Em 1939/40, a reação fascista conseguiu destroçar seus órgãos dirigentes e quase todas suas organizações. Em curto período, o Partido se reergueu. Em 1941/45, foi ameaçado pelos liquidacionistas, porém não se deixou eliminar. Quando em 1957/58, os revisionistas avassalaram as fileiras partidárias e, na mais grave tentativa de liquidação

do Partido, procuraram transformá-lo numa organização social-democrata, encontrou forças para prosseguir em seu caminho. Se reorganizou e deu um salto adiante.

Estes cinquenta anos de vida política vieram mostrar de maneira convincente que o Brasil precisa de um partido autenticamente proletário, verdadeiramente revolucionário, um partido de luta pelo socialismo. Na época atual, só a classe operária pode dar rumo consequente à luta **democrática** e de **libertação**. Como os fatos têm demonstrado, a burguesia não é capaz de conduzir com êxito o processo revolucionário. Sob sua direcção, o movimento por transformações mais profundas na sociedade tem sofrido repetidos revéses e tem mesmo retrocedido. Tampouco a pequena burguesia pode estar à frente da revolução. Embora combativa e atuante, é uma camada social instável. Com frequência assume posições extremadas, ora a reboque da burguesia, ora engajada num radicalismo fora da realidade. A direção do movimento revolucionário pelo proletariado é, hoje, uma imposição da história, uma lei objetiva do desenvolvimento social. Quanto mais se aprofunda a crise geral do capitalismo, mais evidente se torna a tendência para o socialismo, que só pode ser alcançado sob a hegemonia da classe operária, com a derrota da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado. A este cabe dirigir não só a luta de **libertação nacional** como também a revolução em todo o período de transição do capitalismo ao socialismo, a fim de levar o povo brasileiro ao comunismo.

Mas a direção do proletariado só será assegurada se ele possuir seu partido de classe, independente, efetivamente revolucionário, orientado por uma teoria de vanguarda. Este tipo de partido, pelo qual se luta há cinquenta anos, é o Partido Comunista do Brasil.

2. O domínio do marxismo-leninismo — condição básica para forjar o partido revolucionário do proletariado.

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a luta pela formação do

Partido é, ao mesmo tempo, a luta pelo domínio da teoria marxista-leninista. Lênin dizia que «sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário» e que «só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir sua missão de combatente de vanguarda».

Longo e difícil tem sido o processo de formação do Partido. Ao surgir em 1922, o P.C. do Brasil se propunha ser a vanguarda do proletariado e proclamava como seu objetivo final o socialismo. Filiou-se, desde o início, à III Internacional e aceitou o marxismo como sua doutrina orientadora. Mas isto não significava que o Partido recém-criado fosse, desde esse momento, uma autêntica vanguarda. Faltava-lhe a ideologia do proletariado, a consciência de classe, uma concepção do mundo distinta da concepção burguesa. Passaram-se alguns decênios para que se transformasse no verdadeiro partido da classe operária. Até então era um partido em formação, ainda muito longe de possuir as caraterísticas de uma vanguarda chamada a cumprir um papel histórico.

Diversas são as causas, objetivas e subjetivas, que contribuíram para o atraso na formação do Partido. O proletariado brasileiro era pouco numeroso e ligado à pequena indústria, ao artesanato e ao campo. Débil, portanto, como classe. Seu crescimento quantitativo e qualitativo se deu somente depois da II Guerra Mundial. De outra parte, a pequena burguesia urbana, que sempre foi numerosa e teve participação ativa em todos os movimentos revolucionários, exercia grande influência sobre a classe operária. A burguesia nacional, em ascensão, influenciava também seriamente o proletariado, procurando ganhá-lo para as soluções que defendia. Por sua vez, o socialismo científico era desconhecido no país e tal desconhecimento se prolongou por muitos e muitos anos. A primeira obra marxista editada no Brasil foi o Manifesto Comunista, de Marx e Engels, na década de 20, com tiragem muito reduzida. Obras fundamentais do marxismo somente foram publicadas na década de 40 e igualmente pouco difundidas.

O Partido não dominava o marxismo-leninismo, a ideologia da classe operária. Sofria influência direta

da ideologia pequeno-burguesa e, mais tarde, da ideologia da burguesia nacional. Vinham para suas fileiras elementos pequeno-burgueses que, por sua combatividade, galgavam postos de direção sem ter mudado suas conceções. Isto contribuíu para que aflorassem manifestações de anarco-sindicalismo, de setarismo e de golpismo. Também ingressavam no Partido muitas pessoas que, sob a influência da burguesia nacional, eram portadoras de tendências reformistas.

Muito concorreu para o atraso na formação do Partido a presença de Prestes no Comitê Central, por ele dominado de maneira quase absoluta, durante cerca de vinte anos. L. C. Prestes foi o representante mais típico das idéias burguesas e pequeno-burguesas no Partido. Tornou mais difícil o domínio do marxismo. Orientou o Partido ora para a «esquerda», ora para a direita. Mas sua constante foi a de colocá-lo a reboque da burguesia. Enquanto esteve na secretaria geral, predominou o dogmatismo que acarretou graves prejuízos ao movimento revolucionário. A elaboração da linha partidária, em muitos casos, não resultava da análise concreta da realidade nacional. Atinha-se à teoria em geral ou baseava-se na orientação de outros partidos que atuavam em condições distintas das do Brasil.

No Partido não se travou, durante longo período, séria luta ideológica para derrotar as concepções não-proletárias. Estas, sem encontrar suficiente resistência, proliferavam de uma ou outra forma nas fileiras partidárias. Daí a persistência, no curso de muitos anos, de tendências anarquistas, setárias, golpistas e reformistas. Isto explica porque Prestes se pôde manter tanto tempo à frente do Partido, impondo seus métodos falsos e sua orientação errônea.

Para forjar sua fisionomia proletária, o Partido deve, na luta ideológica, livrar-se dos oportunistas. A ausência de luta ideológica é uma manifestação da conciliação de classes dentro do Partido. A vida evidenciou o quanto é nociva a permanência na mesma organização de revolucionários e oportunistas, especialmente nos órgãos de direção. Ocupando postos nestes órgãos, os oportunistas escondem ou difundem habilmente suas opiniões. Mas nos momentos difíceis se contrapõem

às posições revolucionárias, tentam provocar crise no Partido e impedi-lo de atuar consequentemente.

A luta ideológica só pode ter êxito se os revolucionários se apoiam no marxismo-leninismo, fundamento básico da vanguarda proletária. Somente deste modo é possível derrotar as tendências errôneas, erradicá-las, seguir uma orientação de classe, desenvolver e consolidar o Partido. Portanto, a assimilação do marxismo-leninismo é uma tarefa fundamental e permanente. O P.C. do Brasil progrediu quando começou a enfrentar concretamente esta tarefa. Ela foi facilitada pelo estudo do marxismo, iniciado na década de 50 e, também, pelo aguçamento da luta de classes no plano nacional e internacional, que favoreceu o amadurecimento de muitos militantes. Mas, fundamentalmente, no curso da grande luta contra o revisionismo contemporâneo, no desmascaramento das teses oportunistas e no esforço para elaborar uma orientação correta, é que o Partido dá um salto na assimilação dos elementos essenciais do marxismo-leninismo.

Em nenhum momento o Partido pode descurar a assimilação da teoria revolucionária, o domínio do marxismo-leninismo e a preservação da pureza da ideologia proletária. A teoria, no entanto, deve estar ao serviço da prática revolucionária e com ela enriquecer-se permanentemente. É a consciência de classe do proletariado, guiando-o nas ações concretas pela transformação profunda e radical da sociedade. Aí reside fundamentalmente seu valor. O marxismo-leninismo se opõe ao subjetivismo, ao empirismo e ao dogmatismo e exige, sobretudo, o exame multilateral da situação concreta. Uma política proletária revolucionária não se pode alicerçar em outra coisa que não seja o estudo cuidadoso, frio, científico da realidade social brasileira, tendo como ponto de partida a teoria marxista das classes. Ela não se pode basear em simples desejos e intenções, na aplicação mecânica dos textos dos clássicos ou no transplante das experiências estrangeiras.

O Partido Comunista do Brasil, reorganizado à base da luta ideológica contra o revisionismo, não tem cessado de combater as teorias adversas ao marxismo-leninismo. Não desliga a luta política contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano do com-

bate sem tréguas às opiniões falsas que circulam no movimento revolucionário. A experiência de cinquenta anos de luta comprova esta verdade: não se pode conseguir a vitória da revolução sem derrotar as tendências errôneas dentro do Partido e sem desacreditar as teorias pequeno-burguesas e burguesas, assim como os grupos e correntes que as defendem, a fim de atrair as massas para as posições revolucionárias e impedir que caiam sob a influência do oportunismo.

Os êxitos alcançados na assimilação do marxismo-leninismo pelo Partido são, no entanto, os primeiros passos numa longa estrada a percorrer. A revolução brasileira ainda está por se realizar e são inúmeros os problemas que exigem soluções adequadas e demandam do Partido maior profundidade teórica. Isto é tanto mais necessário porque, no período atual de aguçamento da luta de classes, de decomposição do capitalismo e quando a revolução se coloca na ordem-do-dia, surgem as mais diferentes «teorias». A principal delas é o revisionismo contemporâneo. Seus defensores procuram fundamentar toda uma doutrina apoiada na idéia falsa de que, na época atual, a luta de classes mudou de conteúdo. Já não se justificaria o emprego da violência revolucionária, podendo o socialismo ser alcançado por meios pacíficos. Denominam tal doutrina contra-revolucionária de «marxismo criador». Ao atacar os fundamentos do marxismo-leninismo, os revisionistas soviéticos não só enveredaram pelo caminho do oportunismo como também favoreceram a disseminação de outras «teorias» e o aparecimento de partidos, correntes e grupos anti-marxistas. Em geral, todos eles expressam a concepção da pequena burguesia e procuram abastardar o marxismo. Esforçam-se para impedir o desenvolvimento do verdadeiro partido proletário e tentam substituí-lo na direção do movimento revolucionário. A luta ideológica contra o revisionismo contemporâneo e as tendências pequeno-burguesas é, na atualidade, uma necessidade vital do movimento comunista que impõe maior conhecimento da doutrina da classe operária. Se o Partido não se preocupar com sua formação teórica ligada à prática revolucionária, acabará retrocedendo e não cumprirá a missão que lhe cabe.

3. **O Partido só desempenhará sua missão se estiver solidamente ligado às massas e se for capaz de despertar-lhes a consciência revolucionária.**

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a vanguarda para dirigir a revolução tem que estar solidamente vinculada às grandes massas, em especial, aos operários e camponeses. A revolução será obra de milhões de brasileiros e não somente dos comunistas e das pessoas mais esclarecidas da população.

O Partido, em distintas ocasiões, contou com amplo apoio popular e muitos de seus êxitos estão ligados à mobilização de massas por ele realizada. As poderosas greves de 1934, as jornadas revolucionárias da Aliança Nacional Libertadora, a campanha pela anistia aos presos políticos, o movimento patriótico em defesa do petróleo, as lutas operárias de 1952/53 em São Paulo são grandes vitórias das massas dirigidas pelo Partido. A experiência adquirida no trabalho entre as massas é um valioso património que não pode ser desprezado. Apesar da clandestinidade e da perseguição policial, os comunistas sempre encontraram meios para atuar nos sindicatos, associações populares, centros estudantis e nas organizações patrióticas. Neles desenvolveram importante atividade.

Mas este trabalho apresentava deficiências. Os comunistas não levavam na devida conta o fato de que as entidades sindicais e populares no Brasil se ressentem da falta de organização de base nos locais de trabalho, bairros e escolas. Elas se restringem em grande parte, às cúpulas dirigentes. Por isso, quando se desencadeia a repressão policial, se mostram impotentes para mobilizar as massas e melhor se defender. Os comunistas não têm feito suficiente esforço para respaldar o trabalho de cúpula com a organização das massas pela base. Tal organização, contudo, é a única maneira de dar solidez aos sindicatos e aos agrupamentos populares, de colocá-los em condições de enfrentar a reação e de lutar pelos interesses dos trabalhadores e do povo. De um modo geral, os comunistas no movimento de massas preocupam-se mais com a agitação do que com a organização. Não dão também suficiente atenção às pequenas reivindicações, muitas vezes de grande

valia para as massas e que podem atrair à luta os setores mais atrasados da população. O estudo da situação real das massas e a avaliação correta de seu estado de espírito ainda não estão no centro das preocupações dos militantes do Partido, o que dificulta formular com precisão e oportunidade as reivindicações operárias e populares.

Mais recentemente, apareceu também a tendência a considerar todo e qualquer trabalho de massas como oportunismo e que só a preparação da luta armada podia ser considerada trabalho revolucionário. É uma tendência setária. Seus defensores não compreendem que a atividade entre as massas é um aspeto fundamental da preparação e do desencadeamento da luta armada. E que esta, por sua vez, é a forma mais alta da luta de massas.

Todavia, a debilidade mais grave dos comunistas em sua ligação com as massas consistiu na falta de um permanente trabalho revolucionário entre estas. Não possuindo um programa e uma tática efetivamente revolucionários, o Partido tinha grandes dificuldades para elevar a consciência política do povo, objetivando ganhá-lo para a revolução. Os comunistas ora caíam em posições setárias, pregando a revolução em tese, ora resvalavam para o oportunismo, limitando-se ao trabalho quotidiano pelas reivindicações imediatas sem fazer esforços para educar revolucionariamente as massas. Não obstante, esta educação é uma das principais tarefas dos comunistas. Quando as idéias revolucionárias penetram na consciência das massas, se transformam em poderosa e invencível força material.

Devido às incompreensões e insuficiências do trabalho de massas, os comunistas não lançaram raízes mais profundas no seio da classe operária e do povo. É incontestável que o Partido sempre gozou de prestígio entre as massas, mas sua influência era difusa, superficial, não se expressava em organização e num apoio sólido e duradouro.

Depois da VI Conferência, o Partido procurou dar outro conteúdo ao trabalho de massas. Nas ações populares de 1968, sua atuação visava a mobilizar setores cada vez mais amplos e ao mesmo tempo radicalizar a luta. Agora, quando estão em primeiro

plano a **preparação e o desencadeamento** da guerra popular, o trabalho de massas assume uma importância ainda maior. A guerra popular não se cinge unicamente à luta armada. Inclui as mais diferentes formas de luta de massas e sua vitória depende da mobilização de extensas camadas do povo. A revolução desenvolver-se-á de maneira desigual no conjunto do país. Em algumas regiões a luta armada será a forma principal de luta, em outras ainda predominarão ações de nível menos elevado. As greves operárias e as demonstrações populares nas cidades constituirão poderosa ajuda ao movimento armado no campo, onde, também, se desenvolverão lutas por reivindicações imediatas. De outra parte, as ações armadas no interior serão um estímulo à atividade de massas nas cidades onde, igualmente, há lugar para choques armados com o inimigo.

Em todo movimento de massas, os comunistas devem ter sempre presente a elevação da consciência política das massas. Para isto não são suficientes a agitação e a propaganda revolucionárias e nem mesmo a luta armada no país. Os comunistas têm a obrigação de ajudar as massas a fazer a própria experiência. Enquanto estas não estiverem convencidas da solução revolucionária, é preciso fazer com que, através de sua prática, se convençam da necessidade da revolução. este sentido, tem grande valor a luta pelas reivindicações econômicas, políticas e sociais, utilizada como fator de mobilização e educação das massas.

Os comunistas lutam pelas reivindicações imediatas do povo e elevam sua consciência revolucionária. Aplicam a linha de massas do Partido, alheia a toda espécie de setarismo e a qualquer atitude capaz de conduzir ao isolamento. Procuram transformar as fábricas, as escolas, os vilarejos em fortalezas da revolução, objetivando a guerra popular, guerra essencialmente das massas, manifestação da rebeldia de milhões de brasileiros oprimidos e explorados.

4. A subestimação do campo é um dos principais entraves à revolução.

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a pouca atenção dada

ao trabalho entre os camponeses foi uma das mais sérias falhas da luta dos comunistas. Ainda que estes tenham definido, há muitos anos, o caráter da revolução como agrária e anti-imperialista e levantado continuamente a bandeira da reforma agrária, não se voltaram, durante um largo período, para o campo. Mesmo no auge revolucionário de 1935 não houve maior atividade partidária entre os camponeses.

Inúmeras vezes o Partido proclamou em seus documentos a importância da aliança operário-camponesa como base da união mais ampla das forças democráticas e patrióticas. Pouco realizou, no entanto, neste terreno. Na prática, sempre que se cuidou da frente única, a aliança do proletariado se deu mais com a pequena burguesia urbana e com a burguesia nacional. Este fato ocorreu devido à subestimação do aliado fundamental do proletariado, o que não permitia levar o Partido e a revolução para seu verdadeiro leito. As conceções sobre a revolução, correntes no Partido, viam as possibilidades de luta armada só nas grandes cidades, através de insurreições urbanas ou levantes de quartel. Não relacionavam a luta armada com o campo, onde existem condições para desenvolver com êxito esta luta.

A experiência de meio século revela que o campo é o problema-chave da revolução. Os movimentos progressistas e revolucionários nas cidades não lograram êxito nem tiveram maior consequência porque não contavam com um combativo movimento camponês. O campo permaneceu atrasado em relação às cidades no que se refere ao nível de consciência, de luta e de organização. Por isso não teve participação de maior vulto nas grandes ações políticas que se desenvolveram no país. Para alcançar a vitória, a revolução tem que contar com o apoio e a ação do campesinato.

Unicamente na década de 50, o Partido fêz tentativas de se voltar para o campo. Enviou ativistas a regiões de maior tensão social, particularmente para zonas de posseiros. Com a participação do Partido, surgiram lutas em Perecatú (Paraná), Formoso (Goiás), interior de São Paulo e Triângulo Mineiro. Estas lutas tiveram cunho radical e mostraram as imensas possi-

bilidades para impulsionar o movimento revolucionário no campo. Mas o Partido não deu continuidade a este trabalho nem procurou generalizar a experiência. A partir de 1956, sob a influência do revisionismo, a atividade dos comunistas no campo foi totalmente abandonada. Inclusive foi retirada a palavra-de-ordem de reforma agrária radical.

Depois de sua reorganização, o Partido decidiu situar o centro de gravidade de seu trabalho no interior, partindo da idéia de que o movimento camponês é a principal base de massas da revolução e de que a aliança operário-camponesa é condição fundamental para assegurar a hegemonia do proletariado. Com o documento da Comissão Executiva de Agosto de 1964, passou a dar maior atenção ao problema camponês, destacou-o na VI Conferência e baseou sua concepção de luta armada, tendo o interior como seu principal cenário.

É perfeitamente viável incorporar o campo à revolução. Os camponeses, que constituem grande parte da população brasileira, desejam a liquidação do latifúndio. O monopólio da terra se estende a vastas áreas do território nacional, ao passo que a esmagadora maioria dos que vivem no campo não possui terra, paga a meia e a terça ou trabalha em áreas devolutas nas regiões insalubres e bastante longínquas. No Nordeste, se repete, frequentemente, o fenômeno da seca que flagela milhões de camponeses entregues à própria sorte. Levas e levas de trabalhadores, impelidos pela fome, abandonam seus lugares e emigram para as cidades onde não acham abrigo nem trabalho. Encontram-se no campo as massas mais pobres e oprimidas do país, desprovidas de tudo. São vítimas de arbitrariedades de todo tipo, não gozam de nenhum direito. O interior está abandonado e seu atraso é secular. Existe, assim, no campo imenso potencial revolucionário. Os camponeses estão profundamente interessados na derrubada do atual regime e na instauração de um governo realmente popular capaz de realizar profunda reforma agrária e de acabar com a difícil situação em que vivem.

A fim de despertar e mobilizar os camponeses é preciso ir ao campo, trabalhar e viver com as massas

camponesas. É a única maneira de poder conhecer os problemas da população rural, interpretá-los corretamente e formular palavras-de-ordem de luta. Não se consegue desenvolver trabalho no campo procurando dirigi-lo das cidades. Num país como o Brasil, de grande extensão e com acentuado desenvolvimento desigual, é muito variada a situação das diferentes regiões e distintas também as reivindicações imediatas das massas, embora haja reivindicações gerais comuns. Transferindo-se para o campo, os comunistas conhecerão melhor a psicologia dos camponeses, verão que eles não estão conformados com a vida que levam e que suas menores reivindicações se transformam em choques, às vezes violentos, com os latifundiários, grileiros e a polícia. O homem do interior sente as injustiças. Está disposto a se rebelar desde que encontre uma direção justa e um apoio firme, direção e apoio que só o proletariado e seu partido podem assegurar.

5. A conquista das massas pelo Partido exige uma correta compreensão do papel daburguesia nacional.

Os cinquenta anos de experiência do Partido Comunista do Brasil ensinam que grande parte dos erros por ele cometidos se relaciona com sua atitude em faceda burguesia nacional (*).

O Partido, que entrou na cena política quando a burguesia nacional procurava realizar transformações democrático-burguesas, não compreendeu suficientemente o papel da burguesia nacional e o conteúdo real de sua atuação no curso de vários decênios. Seus erros de direita e de «esquerda» estão ligados a esta incompreensão. Na década de 20 se absteve de tomar parte no movimento político que se processava no país. Ficou alheio à luta por transformações democráticas, entregou na prático a direção desta luta à burguesia nacional, que conquistou grande

(*) O conceito burguesia nacional não inclui a parte da burguesia brasileira ligada ou associada ao imperialismo.

influência sobre as massas proletárias e populares. Depois do golpe de 1937, o Partido abandonou a posição independente que teve em 1935 e se limitou à luta pelas reformas burguesas. Nos pós-guerra, adotou uma linha de reboque à burguesia. Mais tarde, com o Manifesto de Agosto, retornou a posições setárias de combate, puro e simples, à burguesia nacional. Durante o governo Kubitschek e, particularmente, no período de Goulart, o Partido atuou inteiramente como força caudatária do capitalismo nacional. Só depois da reorganização, em 1962, passou a assumir posição independente, de classe.

Neste meio século, a burguesia nacional tem sido força atuante no cenário político, buscando reforçar suas posições no Poder e levar a cabo, a seu modo, algumas das transformações exigidas pelo desenvolvimento do capitalismo. Na década de 20, recorre à luta armada para derrubar o governo oligárquico de então. Mas esta luta se restringe ao levante de quartéis. A partir de 1930, a burguesia nacional ora é força principal no governo, ora é força secundária. Algumas vezes chega a ser alijada do governo. Não luta de maneira radical contra o latifúndio e o imperialismo. Trata de conseguir, de modo gradativo, as transformações de caráter burguês, sem atingir em profundidade o sistema do latifúndio e sem romper por completo as amarras com o imperialismo. Simultaneamente, procura aumentar sua influência no Poder, utilizando tanto as eleições, como a força militar, sem entretanto recorrer às ações armadas que possam envolver as massas populares. Um dos métodos principais que emprega é a demagogia trabalhista, tendo em mira subordinar o proletariado a seus interesses.

A burguesia nacional não conseguiu o completo domínio do Poder. Faz as mais diversas composições com as forças retrógradas e os imperialistas. Quando sua política se choca mais agudamente com os interesses dessas forças e do imperialismo e o movimento popular adquire envergadura, é desalojada do Poder pelos golpes militares ou obrigada a fazer sérias concessões para se manter no governo. Em 1937, entrou em acordo com os setores mais reacionários

e juntos implantaram o Estado Novo. Em 1945. tentou se desvincular dessas forças e se apoiar no ascenso do movimento de massas. Foi alijada do Poder. Procurou então se adaptar ao governo de Dutra que representava aqueles setores. Voltou a conquistar importantes posições com a eleição de Vargas em 1950. Quatro anos após, um golpe militar, que levou Getúlio Vargas ao suicídio, a afastou do Poder. Na gestão de Juscelino Kubitschek retomou certas posições no governo. Mais tarde, voltou ao Poder com João Goulart. O golpe de 1964, dirigido fundamentalmente contra as forças populares, a deslocou outra vez do governo.

Uma atitude correta do proletariado exige justa avaliação do papel da burguesia nacional, o conhecimento de suas possibilidades e limitações na luta democrática. A burguesia nacional, surgida na época do imperialismo e das revoluções proletárias, à vacilante e inconsequente, tende cada vez mais ao compromisso. Por sua origem, tem ligações com a grande propriedade fundiária e se entrosa com o sistema bancário do país, em geral nas mãos de forças reacionárias. É essencialmente reformista. Apenas uma parte da burguesia se mostra favorável à luta armada. Quando a burguesia nacional adota medidas restritivas ao imperialismo e ao latifúndio e propicia certas liberdades democráticas apresenta um lado progressista. Quando procura colocar as massas no caminho reformista, desviando-as da senda revolucionária, ou capitula diante das forças mais retrógradas revela seu lado reacionário. Ao pugnar por determinadas reformas e ao admitir certas liberdades, encontra, geralmente, resistência dos reacionários que se mobilizam para derrubá-la do Poder e investir contra as massas populares. Sempre que isto acontece, cede e teme a luta. Afastada do Poder pelos golpes militares, trata de se adaptar à nova situação e busca gradualmente o caminho «legal» do retorno ao governo.

Sem interpretar devidamente a conduta da burguesia nacional, o Partido não pôde utilizar de maneira revolucionária as diversas crises polticas que surgiram no decurso de vários decênios. Inúmeras foram as oportunidades para iniciar a revolução. Mas o Par-

tido não atuou corretamente. Foi incapaz de se aliar à burguesia nacional quando se fazia necessário, mantendo sua independência, ou de combatê-la adequadamente quando era preciso. Também se mostrou incapaz, em certos momentos, de apoiar aspetos positivos da política da burguesia nacional e de atacar, ao mesmo tempo, seu reformismo e suas manobras demagógicas que visam a afastar as massas da revolução. Não aproveitou os curtos períodos de relativa liberdade para se preparar e preparar as massas das cidades e do campo a fim de responder com a violência aos diferentes golpes militares das forças mais reacionárias contra o povo. Se tivesse feito esta preparação, ajudaria as massas a não ficar passivas diante dos ataques da reação nos momentos em que a burguesia nacional vacilava e mostrava sua inconsequência. O Partido não soube disputar com ela a influência sobre as massas. O proletariado não conseguiu, assim, imprimir ao desenvolvimento da situação política um curso que fosse favorável à revolução. Deixou de cumprir, no fundamental, sua função dirigente.

Os êxitos e fracassos da revolução brasileira dependem de quem a dirige: o proletariado ou a burguesia nacional. A direção da classe operária é decisiva para os destinos desta revolução.

6. Um partido revolucionário tem que cuidar persistentemente da luta armada.

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que a vanguarda do proletariado deve se preocupar seriamente com a preparação e o desenvolvimento da luta armada.

No curso de sua vida, o Partido, com maior ou menor intensidade, deu atenção ao trabalho quotidiano nos sindicatos, no movimento estudantil, nas organizações populares e entre a inteletualidade. Realizou agitação entre as massas, participou de campanhas eleitorais. Mas não cuidou, salvo em 1935, da preparação efetiva da luta armada. Adquiriu rica experiência de lutas de massas. Não possui, porém, expe-

riência de luta armada. O Partido não atuou como uma verdadeira organização que defende a violência revolucionária das massas, método provado para se opor à violência da reação e para conquistar o Poder.

No entanto, a revolução violenta era e é a única saída para o povo brasileiro se livrar da opressão, da miséria e do atraso. O Brasil sempre viveu sob o guante das forças reacionárias. A não ser em períodos muito breves, jamais houve liberdade no país. Imperaram o arbítrio e a mais feroz repressão contra as massas. Os movimentos patrióticos e democráticos de maior envergadura ou em defesa dos interesses dos trabalhadores, foram, em geral, esmagados pela força bruta. Em nenhuma época foi respeitado o direito de greve e nunca os camponeses tiveram liberdade para se organizar e lutar por suas reivindicações. O partido do proletariado, durante quase toda sua existência, foi duramente perseguido e obrigado a viver na clandestinidade. Neste meio século, salvo pequenos interregnos, predominaram no país regimes de exceção. Na década de 20, se repetiram com frequência os estados de sítio. A Constituição de 34, apesar de suas limitações, deixou de existir em 1936 com a suspensão das garantias individuais. De 1937 a 1945, dominou o poder discricionário no Estado Novo. A Constituição de 1946, também limitada, sofreu sucessivas mutilações e foi posta de lado em 1964. Desde o golpe militar do 1.° de Abril, o país vive sob uma ditadura fascista.

A luta armada sempre foi, assim, uma exigência da situação objetiva. Sem recorrer a este tipo de luta, o povo não poderia fazer valer seus direitos. Conquistava, pouco a pouco, algumas liberdades, conseguia um relativo avanço do movimento popular, em seguida suportava o peso dos golpes da reação e perdia as posições obtidas. Quando eclodiam as crises políticas, o povo e o Partido, despreparados para a luta armada, ficavam impotentes para intervir nos acontecimentos e dar uma saída de acordo com os interesses nacionais.

Rompendo com o revisionismo, o Partido passou a dar atenção às questões militares. Compreendeu que para cumprir sua função de vanguarda, precisa ser

um instrumento da revolução. Elaborou sua concepção a respeito do caminho da luta armada, exposta no documento de 1969 sobre a guerra popular. Ao mesmo tempo que desenvolve sua atividade política e de massas, se orienta para levar à prática aquela concepção.

A preparação da guerra popular é totalmente contrária ao espontaneísmo. Não bastam as indicações gerais. É indispensável concentrar esforços nas zonas mais propícias e nelas trabalhar com afinco. Ter presente que a luta armada exige a elaboração de planos concretos e que é preciso adotar medidas destinadas a sua execução.

Todos os militantes do Partido têm o dever de se ocuparem com os problemas que se relacionam diretamente com a guerra popular e estar em condições de serem mobilizados para a luta. O estudo da arte militar, o manejo das armas, o domínio dos métodos de combate, o aprendizado que permita realizar ações na retaguarda do inimigo, a preparação física e moral para a luta armada — tudo isto deve constituir preocupação constante dos revolucionários proletários.

Se o Partido se preparar prática e devidamente, estará em condições de realizar, junto com as massas, ações de nível superior na ocasião oportuna, de enfrentar a violência das forças reacionárias e do imperialismo com a violência revolucionária.

7. Para ser vanguarda da revolução o Partido deve permanecer fiel ao internacionalismo proletário.

Os cinquenta anos de existência do Partido Comunista do Brasil ensinam que os comunistas devem ser fiéis ao internacionalismo proletário, princípio que norteia os trabalhadores de todos os países unidos na luta contra o inimigo comum — o capitalismo — e pela conquista de uma sociedade livre de qualquer exploração e opressão.

O P.C. do Brasil surgiu como um destacamento do proletariado mundial, seção da Internacional Comunista. Mesmo depois de desaparecida a I.C., em 1943,

continuou parte integrante do movimento comunista mundial e ainda hoje assim se considera. Manteve justas relações com os partidos comunistas o operários irmãos e foi grandemente beneficiado pela ajuda do movimento comunista de todos os países.

O Partido Comunista do Brasil apoiou decididamente o Partido Bolchevique em sua luta histórica pela construção do socialismo na União Soviética, então baluarte da revolução mundial. Esteve ao lado do proletariado espanhol na guerra civil em defesa da república. Solidarizou-se com os povos da U.R.S.S. em sua guerra patriótica contra o nazismo. Apoiou a luta heróica do povo chinês contra o imperialismo e a reação interna e saudou com entusiasmo a vitória da Revolução Chinesa. Condenou com veemência a agressão norte-americana à Coréia e mobilizou o povo para se opor ao envio de tropas brasileiras àquele país. Expressou solidariedade ao povo cubano em sua justa luta contra os imperialistas dos Estados Unidos. Profligou a agressão da Índia à China Popular. Repeliu a campanha de calúnias dos revisionistas kruschovistas contra a Albânia e exaltou a firme atitude dos dirigentes do P.T.A. em defesa do marxismo-leninismo. Ergueu-se contra a presença de soldados do Brasil em São Domingos para esmagar, junto com os norte-americanos, a revolução popular. Hoje, cerra fileiras com os trabalhadores de todos os países no apoio aos povos da Indochina, vítimas de bárbara agressão ianque.

Também o Partido contou com o apoio e a solidariedade do movimento comunista internacional. Graças à I.C., fundada por Lênin, foi mais fácil organizar o Partido e adotar, em certos momentos, posições corretas. A definição, num plano mais geral, do caráter da revolução brasileira foi baseada nas teses do VI Congresso da III Internacional. Nas modificações feitas pelo Partido, em 1934/35, em sua linha política, influiu a orientação de frente única de combate ao fascismo defendida pelo Comintern. Após 1935, em vários países se realizaram campanhas de ajuda aos presos políticos brasileiros e de denúncia dos crimes da ditadura estadonovista. Como chefe da revolução mundial, Stálin, com suas opiniões clari-

videntes, possibilitou uma compreensão mais justa de muitos problemas da revolução brasileira. Depois de sua reorganização, em 1962, o Partido contou com a valiosa contribuição política e ideológica do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albânia. O desmascaramento do revisionismo contemporâneo, contido nos nove artigos publicados pelo P.C. da China nos anos de 1962/63, serviu para elucidar teoricamente questões de grande atualidade. A firme posição revolucionária dos comunistas albaneses e sua denúncia enérgica da traição kruschovista fortaleceram a convição do P.C. do Brasil na justeza da luta contra o revisionismo soviético. Nos dias atuais, o Partido estreia os laços de amizade e solidariedade com o Partido Comunista da China, glorioso destacamento de vanguarda do proletariado chinês provado em duros combates, e com o Partido do Trabalho da Albânia, força avançada do socialismo, acérrimo defensor do marxismo-leninismo. Une-se com os demais partidos operários revolucionários do mundo.

No entanto, o P.C. do Brasil nem sempre utilizou corretamente a ajuda do movimento comunista internacional. Apesar de ter surgido na época de Lênin, não assimilou suficientemente seus ensinamentos. O inolvidável chefe do Partido Bolchevique abordou em profundidade os mais complexos problemas da revolução, tanto dos países capitalistas como dos países coloniais e dependentes, e deu a maior contribuição até hoje conhecida ao enriquecimento do marxismo. Muitos dos erros cometidos pelo Partido, em seus cinquenta anos de vida, já haviam sido causticados pelo grande gênio da Revolução Proletária. Também a orientação da Internacional Comunista não chegou a ser bem compreendida pelo Partido e aplicada tendo em conta a realidade concreta do país. É certo que a assistência da I.C. foi bastante precária. Os elementos por ela enviados não dominavam a situação do Brasil e alguns deles eram portadores de concepções erróneas. Outros, contudo, como Arthur Ewert (Harry Berger), ajudaram efetivamente o Partido e a revolução no Brasil.

Foi grandemente negativo para a formação do Partido o modo coom se utilizou a experiência estran-

geira. A transposição mecânica desta experiência às condições brasileiras contribuiu para que o Partido se colocasse fora da realidade. Era justo estudar com grande interesse a orientação e a atividade do P.C.U.S. e também de outros partidos de países socialistas; era correto destacar o papel da União Soviética como fortaleza do socialismo e da revolução mundial; era imprescindível aprender com a linha do Partido Bolchevique e de seu grande líder J. V. Stálin. Mas não se justificava repetir no Brasil, pura e simplesmente, as teses do P.C.U.S., como muitas vezes ocorreu, e, muito menos, aplicá-las dogmaticamente. Traços peculiares da revolução ou do desenvolvimento do Partido em determinado país não podem ser considerados como lei universal.

Não obstante, as relações do P.C. do Brasil com o movimento comunista mundial foram, no fundamental, benéficas e devem ser amplamente desenvolvidas. A má utilização de experiência estrangeira foi fruto de deficiências do Partido. Os erros nas relações internacionais tiveram um caráter secundário.

O Partido Comunista do Brasil considera da maior importância o estreitamento de relações entre os diferentes destacamentos da classe operária para o fortalecimento da unidade de pensamento e de ação dos revolucionários proletários e para o desenvolvimento da ajuda mútua multilateral entre os partidos comunistas. Esta ajuda é indispensável para a formação e a consolidação das vanguardas comunistas, tendo em vista superar o atraso do fator subjetivo em relação às condições objetivas que se verifica em muitos países dominados pelo capital. No quadro da revolução mundial, o fortalecimento do partido comunista em cada país é parte da estratégia do proletariado internacional em luta contra o capitalismo e pelo socialismo. Por isso, a sorte de cada partido comunista não diz respeito somente a ele, mas a todo o movimento comunista em seu conjunto. Cada destacamento avançado da classe operária é responsável pela sua orientação ante o proletariado de seu país e, ao mesmo tempo, ante os trabalhadores de todo o mundo. Os marxistas-leninistas, congregando-se no plano mundial e coordenando suas ativi-

dades, contribuirão para impulsionar e levar até ao fim a luta contra o imperialismo, o revisionismo e a reação.

O Partido Comunista do Brasil, empenhando-se em levar a revolução adiante, cumpre um dever com o povo brasileiro e, igualmente, com os povos revolucionários de todo o mundo. Compreende que a luta travada no Brasil é parte da grande luta dos povos contra seus inimigos mortais. É parte também da luta dos trabalhadores pela vitória universal do socialismo.

No cinquentenário de sua fundação, o P.C. do Brasil reafirma sua posição internacionalista. Apóia e defende o verdadeiro partido marxista-leninista da classe operária de cada país e tudo faz para estreitar os laços de solidariedade com os partidos comunistas e operários. Apóia a luta da classe operária dos países submetidos ao jugo do revisionismo pela restauração da ditadura do proletariado. Apóia as ações da classe operária dos países capitalistas por suas reivindicações e pelo socialismo. Apóia os povos oprimidos que, de armas nas mãos, lutam por sua emancipação. Apóia o movimento de libertação nacional em todos os continentes. Apóia decididamente o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia que dirigem a construção do socialismo e abrem caminho para a edificação da sociedade comunista.

O Partido Comunista do Brasil guarda fidelidade ao internacionalismo proletário, expresso no lema de Marx e Engels, lançado há mais de um século: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

III

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL CONDUZIRÁ O POVO À VITÓRIA

Cinquenta anos de vida, meio século de lutas, amadureceram o Partido para a revolução. Capacitaram-no, política e ideologicamente, para conduzir o povo brasileiro à vitória nos embates pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo. O Partido Comunista do Brasil se transformou numa combativa organização revolucionária, guiada pelo marxismo-leninismo. Nenhuma outra força no país conta com a experiência e o conhecimento que o Partido acumulou em tão longo período. Nenhuma outra é mais indicada para dirigir a revolução brasileira.

O Partido desenvolve sua atividade num momento crucial da vida política da nação. Há oito anos domina o país uma ditadura sanguinária e anti-nacional. O povo enfrenta o dilema de continuar humilhado, oprimido e espoliado ou derrubar o regime dos militares e construir uma vida livre e feliz. A revolução é um imperativo da hora presente. O Partido põe em tensão todas suas forças para elevar a luta do povo a um novo nível, para desencadear a guerra popular.

É possível fazer a guerra popular e, através de um esforço tenaz e de duros sacrifícios, obter a vitória.

O governo dos generais está cada vez mais isolado. Sua política traidora agravou ao extremo todos os problemas sociais, econômicos e políticos. Abriu as portas do país à voraz penetração dos imperialistas numa escala a que nenhum governo antes se atrevera. Entregou grande parte das riquezas da Amazônia aos trustes estrangeiros, pondo em risco a própria integridade territorial do Brasil. Intensificou a exploração dos trabalhadores das cidades e do campo, tornou insuportável a carestia de vida. Fêz cair sobre a nação a noite escura do fascismo, da completa falta de liberdade, da perseguição em massa e das torturas de presos políticos. Espalhou a insegurança, a fome e o desespero em milhões de lares brasileiros.

Esta política não pode deixar de provocar a revolta dos patriotas e democratas, de vastos setores da população, revolta momentaneamente contida pela brutalidade da polícia e das Forças Armadas, mas pronta a explodir em violentos choques com a ditadura. O país atravessa uma situação em que a chama revolucionária acesa em algum lugar pode se estender, em maior ou menor tempo, a todos os rincões do país.

Não há dúvida de que o povo brasileiro não suportará indefinidademente o jugo dos generais. Intensificará suas lutas. Se erguerá de armas nas mãos, iniciando a guerra popular, para varrer o construoso regime que impera no Brasil. O fragor das primeiras refregas ecoará pelo país inteiro convocando todos os patriotas e democratas para ocupar o posto que lhes compete na grande jornada pela independência, o progresso e a liberdade. Se forjará uma indestrutível união das grandes massas das cidades e do campo, que ninguém poderá conter. Se criará a mais ampla frente única, agrupando os que se opõem à ditadura e almejam um Brasil livre e soberano, uma vida de bem-estar, cultura e democracia. Arderá o chão sob os pés dos generais fascistas e de seus amos, os imperialistas norte-americanos.

Em sua luta, o povo brasileiro não estará só. Contará com o apoio dos povos revolucionários de todo o mundo, com a simpatia dos movimentos democrá-

ticos e pela paz de vários países. A seu lado estarão a grande China e a valorosa Albânia.

A revolução é a caraterística principal do mundo contemporâneo. Na Ásia fervilham as rebeliões. Os povos da Indochina realizam façanhas heróicas e obrigam os belicistas ianques a morder o pé da derrota. O velho colonialismo no Continente Africano agoniza sob os golpes demolidores dos patriotas em armas. Também se alastra a vaga revolucionária na América Latina, prenunciando grandes batalhas. A guerra popular é a arma provada dos povos oprimidos para bater seus inimigos. Na Europa e na América do Norte, a classe operária levanta seu punho vigoroso contra a exploração capitalista, realiza importantes greves que estremecem trustes e monopólios poderosos. Nos países sob o tacão do social-imperialismo, se avoluma o descontentamento e explodem levantes populares que produzem pânico nos revisionistas soviéticos. Cresce em todo o mundo, em particular nos Estados Unidos e na Inglaterra, a repulsa à agressão ianque no Sudeste Asiático e à repressão britânica na Irlanda do Norte. Milhões de pessoas, em todos os continentes, condenam com indignação o racismo nos Estados Unidos, África do Sul e outros lugares. Em seu conjunto, estas lutas dirigidas contra inimigos comuns, favorecem a luta do povo brasileiro. Por sua vez, o movimento revolucionário pela emancipação nacional no Brasil ajuda os outros povos em seu combate à opressão e à exploração.

Os imperialistas norte-americanos, os social-imperialistas soviéticos e os reacionários em geral fazem tentativas desesperadas para barrar o avanço da revolução no mundo e para submeter os povos à maior espoliação. Os Estados Unidos e a União Soviética empreendem a mais desenfreada corrida armamentista da história, recorrem ao militarismo e às guerras de agressão. Seus soldados pisam terras alheias em quase todos os recantos do globo e suas esquadras se espalham pelos cinco mares. Saqueiam, exploram e oprimem milhões de seres humanos. Cometem os piores crimes e implantam o fascismo para escravizar povos. Os imperialistas ianques são os principais inimigos da Humanidade. Junot com os social-impe-

rialistas soviéticos constituem a força contra-revolucionária mais feroz da atualidade. No entanto, por mais que se exacerbam na violência, são impotentes para sufocar a revolta das massas. Já se passaram os tempos em que os imperialistas decidiam, a seu bel-prazer, da sorte das nações. Agora, é a hora dos povos que não querem mais viver como antes e tomam em suas mãos seu próprio destino.

Ao fazer o balanço de sua atividade em cinquenta anos, ao tirar ensinamentos de meio século de lutas e ao examinar as perspetivas que se apresentam, o Partido Comunista do Brasil pode se orgulhar da trajetória que percorreu. Longo foi o caminho palmilhado. Grandes as vicissitudes suportadas. Mas soube encontrar o norte da revolução. Manteve-se sempre fiel ao ideal do socialismo e aos princípios do internacionalismo proletário. Um brilhante futuro está reservado ao Partido Comunista do Brasil, sejam quais forem as dificuldades a enfrentar. Conduzirá a luta pela emancipação nacional e social do povo brasileiro. Dirigirá a construção do socialismo. Ele, e somente ele, estará à frente dos trabalhadores até à edificação da sociedade comunista.

Salve o 50.° aniversário de fundação e o 10.° de reorganização do Partido Comunista do Brasil!

Viva o marxismo-leninismo, doutrina orientadora da luta do proletariado e dos povos por sua total emancipação!

Viva o movimento comunista mundial, a força mais progressista e avançada da presente época!

Rio de Janeiro, Fevereiro/Março de 1972.

O COMITÊ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

MENSAGENS DE PARTIDOS COMUNISTAS IRMÃOS

MENSAGEM DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA AO COMITÉ CENTRAL DO P. C. DO BRASIL

Prezados camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista da China, em nome de todos os comunistas e do povo da China, envia suas calorosas saudações ao Partido Comunista do Brasil e ao povo brasileiro por ocasião do cinquentenário de fundação e do 10.° aniversário da reorganização do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Nos últimos cinquenta anos, os bravos comunistas do Brasil têm lutado heroicamente, vaga após vaga, pela libertação do povo brasileiro e desenvolvido uma luta irreconciliável contra o oportunismo de vários matizes. Desde 1962, em especial, quando os marxistas-leninistas romperam com a camarilha revisionista e reorganizaram o Partido Comunista do Brasil, eles têm-se esforçado em integrar a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução brasileira e têm conseguido importantes êxitos na sua luta revolucionária.

Alegrâmo-nos com os êxitos do fraterno Partido Comunista do Brasil. O Partido Comunista da China e o povo chinês, armados com o marxismo-leninismo-pensamento Mao Tsé-tung, apoiam resolutamente o Partido Comunista do Brasil em sua luta

contra o imperialismo, o revisionismo e os reacionários internos. A unidade de combate e a amizade forjadas entre nossos dois Partidos e entre nossos dois povos na grande luta contra seus inimigos comuns certamente se consolidarão e se desenvolverão sempre mais.

Viva o glorioso Partido Comunista do Brasil!

Viva o invencível marxismo-leninismo!

O Comitê Central
do Partido Comunista da China

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

— Mensagem do Partido do Trabalho da Albânia por motivo dos aniversários da fundação e da reorganização do Partido Comunista do Brasil

AO COMITÊ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Queridos camaradas:

Nestes dias, os comunistas marxistas-leninistas brasileiros, unidos em torno do Partido Comunista do Brasil, bem como os trabalhadores de seu país, comemoram, no fogo da luta, o 50.° aniversário de fundação do Partido e do 10.° aniversário de sua reorganização. Nesta oportunidade, em nome de todos os comunistas albaneses, o Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia dirige a vocês e, por seu intermédio, ao Partido Comunista irmão as mais calorosas saudações revolucionárias.

A fundação do Partido Comunista do Brasil, há cinquenta anos, como destacamento de vanguarda do pro-

letariado brasileiro, foi consequência do desenvolvimento da luta da classe operária e do povo brasileiro contra o imperialismo e a oligarquia local. Foi a primeira grande vitória das ideias marxistas-leninistas no Brasil.

A reorganização do Partido Comunista do Brasil, há dez anos atrás, é outro acontecimento marcante na longa história de seu Partido. Ela coroou, exitosamente, a luta iniciada muitos anos antes pelos marxistas-leninistas brasileiros contra a corrente oportunista no Partido encabeçada por Luís Carlos Prestes e poderosamente apoiada pelos revisionistas contemporâneos soviéticos. Desta maneira, o Partido Comunista do Brasil definiu claramente a linha de demarcação que separa os marxistas-leninistas dos revisionistas contemporâneos em todos os terrenos. Isto constituiu uma outra grande vitória da classe operária e do povo brasileiro, cuja luta pela liberdade, independência nacional e o socialismo não pode triunfar sem o Partido Comunista do Brasil.

Nestes dez anos, sob a direção de seu Comitê Central marxista-leninista, o Partido Comunista do Brasil se reafirmou como um verdadeiro partido revolucionário, se fortaleceu e se forjou na luta, superando inúmeras dificuldades e aumentando sua influência entre as massas. O tratamento de uma série de problemas da teoria e da prática da revolução contribuiu não só para a educação ideológica e política das massas trabalhadoras brasileiras como também para levar adiante a ação e a luta revolucionária dessas massas, sob a direção do Partido Comunista do Brasil.

Nossos dois partidos estão estreitamente vinculados e se apoiam mutuamente na luta comum contra o imperialismo, encabeçado pelo norte-americano, contra o revisionismo contemporâneo, liderado pelo soviético, e contra todos os reacionários. Também no futuro nossos dois partidos continuarão avançando, sempre lado a lado, em completa unidade, sobre a base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

De todo o coração, desejamos ao Partido Comunista do Brasil, partido irmão, novos êxitos em sua gloriosa

luta pelos direitos vitais da classe operária e do povo trabalhador brasileiro e pelo triunfo da revolução.

Viva o Partido Comunista do Brasil, vanguarda da classe operária e do povo revolucionário brasileiro, portador das ideias vitoriosas do marxismo-leninismo!

Viva a unidade combativa entre o Partido Comunista do Brasil e o Partido do Trabalho da Albânia!

O Comitê Central
do Partido do Trabalho da Albânia

UNIDOS PELO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

— Mensagem do Partido do Comunista da Itália (m-l) por ocasião do cinquentenário da fundação e do décimo aniversário da reorganização do Partido Comunista do Brasil

AO COMITÊ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Caros camaradas:

Por ocasião do 50.° aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil e do 10.° aniversário de sua reorganização, enviamos-lhe a saudação militante dos comunistas e das massas populares de nosso país.

O Partido Comunista do Brasil, quase sempre na clandestinidade durante sua gloriosa história, passou por duras provas e decididas lutas, particularmente com a insurreição armada de 1935 e com o corajoso esforço atual contra a ditadura militar fascista e o imperialismo norte-americano. Sujeitos a contínuas e ferozes perseguições, os comunistas brasileiros sempre estiveram à frente das lutas populares contra a reação, pelos direitos dos trabalhadores, pela independência e pela liberdade.

Os comunistas brasileiros obtiveram notáveis resultados na construção ideológica, política e organizativa

da vanguarda da classe operária do Brasil, na luta contra o revisionismo contemporâneo e contra o oportunismo de qualquer tendência, no esforço para levantar as massas das cidades e do campo, tendo em vista a guerra popular contra os militares fascistas e os imperialistas norte-americanos.

Nessa heróica luta, o Partido Comunista da Itália (m-l) está ao lado dos camaradas brasileiros. Os dois Partidos irmãos, unidos por um profundo sentimento de internacionalismo proletário, em recente encontro, se empenharam em desenvolver o máximo esforço para que os povos italiano e brasileiro, ligados por fraternos vínculos e por comuns tradições revolucionárias, dêm uma contribuição sempre maior à grande frente única contra o imperialismo, o social-imperialismo e a reação, pela causa da revolução.

Caros camaradas:

Expressando-lhes nossa solidariedade militante e confiando nos maiores sucessos de vossa luta, lhes asseguramos que levaremos decididamente adiante o dever internacionalista comum.

Roma, 18 de Fevereiro de 1972.

FOSCO DINUCI

Secretário-Geral

do Partido Comunista da Itália, (M-L)

SAUDAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS AO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Artigo do «Zëri i Popullit» (A Voz do Povo), órgão do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Os comunistas e todo o povo brasileiro comemoram estes dias dois acontecimentos marcantes: o cinquentenário da fundação do Partido Comunista do Brasil

e o 10.º aniversário de sua reorganização. O P.C. do Brasil, destacamento organizado de vanguarda do proletariado brasileiro, foi fundado há meio século atrás, como resultado do desenvolvimento sempre crescente da luta da classe operária e do povo brasileiro contra o imperialismo e a oligarquia local.

A fundação do Partido na atmosfera revolucionária criada em todo o mundo pelo triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro, se constituiu na primeira grande vitória do marxismo-leninismo no Brasil. Atendendo às exigências objetivas da revolução brasileira desde os primeiros dias de sua fundação, o P.C. do Brasil concentrou seus esforços na libertação da classe operária e das massas trabalhadoras a fim de lançá-las em ações concretas. Lugar de destaque em sua atividade revolucionária é ocupado pela direcção das amplas massas populares no levante armado de 1935 contra o latifúndio, a grande burguesia e o domínio dos monopólios estrangeiros.

A reorganização do P.C. do Brasil há dez anos atrás como autêntico partido marxista-leninista foi outro grande acontecimento, correspondeu também à luta de classes do país e à grave situação que os revisionistas contemporâneos encabeçados pelos soviéticos haviam criado em todo o mundo ao se transformarem em declarados traidores da revolução e do marxismo-leninismo. Como resultado e coroamento exitoso do longo processo e áspera luta que se desenvolvia no seio do Partido entre os que defendiam consequentemente o marxismo-leninismo e a revolução no Brasil e os que a haviam traído, foi realizada a V Conferência Nacional Extraordinária do Partido, a qual decidiu a completa rutura nos terrenos ideológico, político e orgânico entre a parte saudável do Partido e a camarilha revisionista de Luís Carlos Prestes, poderosamente apoiada pelos revisionistas contemporâneos soviéticos. Desde sua reorganização, o P.C. do Brasil assumiu a tarefa de levantar bem alto a bandeira da luta em defesa da pureza do marxismo-leninismo, de mobilizar e dirigir a classe operária e as amplas massas trabalhadoras brasileiras em sua luta pela liberdade e a independência nacional, para se libertar da exploração feudal-burguesa e pelo triunfo do socialismo.

A Conferência de reorganização acentuou de maneira particular a necessidade de construir um autêntico partido marxista-leninista sem o qual é impossível levar até à vitória não só a revolução proletária, como também a revolução anti-imperialista, democrática e popular. Assinalou, ao mesmo tempo, que somente um partido que defende consequentemente o marxismo-leninismo, se orienta em todo o momento por seus ensinamentos e os aplica de maneira criadora nas condições concretas do país será capaz de levar adiante a grande causa da revolução.

O Partido Comunista do Brasil, em sua condição de herdeiro das melhores tradições dos comunistas e dos revolucionários brasileiros, apoiando-se nessas tradições e elevando-as a um novo nível, de acordo com as necessidades históricas e as exigências objetivas do movimento revolucionário, colheu importantes êxitos nos últimos 10 anos. Neste período, ele se ateve a uma clara linha anti-imperialista e anti-revisionista tanto no próprio país como no cenário internacional. Cresceu e se forjou como autêntico partido marxista-leninista, enfrentou imensas dificuldades em luta contra o inimigo de classe. Fortaleceu seus vínculos com as amplas massas trabalhadoras da cidade e do campo, se afirmou como partido verdadeiramente revolucionário, como força política consequente contra a ditadura fascista e seu padrão, o imperialismo norte-americano. Tem denunciado continuamente a penetração dos imperialistas ianques em toda a vida do país, assim como o regime fascista vigente, instrumento dos imperialistas norte-americanos, que oprime o povo trabalhador e os revolucionários brasileiros. Particular atenção tem sido dada pelo Partido ao desmascaramento da camarilha revisionista de Prestes e à indicação das causas de sua degenerescência. Um combate consequente tem sido travado contra os oportunistas e reformistas de todos os matizes que, com sua atividade divisionista e de sapa procuram sabotar a luta revolucionária da classe operária e desviá-la para o caminho do reformismo. Com sua atitude revolucionária e com sua luta de princípios, perseverante e intransigente contra o imperialismo norte-americano, contra a reação interna

e contra o revisionismo contemporâneo, capitaneado pela camarilha renegada soviética, o Partido Comunista do Brasil fortaleceu sua unidade combativa de classe com outras forças revolucionárias brasileiras, fortaleceu a confiança das massas na vitória da luta contra o regime ditatorial e o imperialismo norte-americano, elevou sua autoridade junto às massas trabalhadoras e revolucionárias dentro e fora do país.

Na luta diária pela aplicação de sua linha revolucionária e para fazer com que os atos correspondam às palavras, caraterística fundamental dos autênticos marxistas-leninistas, o P.C. do Brasil levantou bem alto a idéia da guerra popular como único caminho para a realização das legítimas aspirações das massas trabalhadores, defendendo esta idéia contra as correntes antimarxistas e pseudo-revolucionárias e adequando-a às condições concretas do Brasil. Particular atenção tem sido dada à contínua revolucionarização do Partido em geral e de cada militante em particular, travando-se uma luta ideológica, política e organizativa múltipla contra o revisionismo contemporâneo e contra todas as manifestações antimarxistas que possam surgir nos métodos e no estilo de trabalho. O Partido tem assinalado continuamente que autêntico comunista é quem diariamente forja seus laços com as massas e as prepara sem cessar para o desencadeamento da guerra popular revolucionária.

O próprio desenvolvimento dos acontecimentos no Brasil demonstra que apesar de todas as medidas de terror e da repressão policial que a ditadura militar tem adotado contra os comunistas e as forças progressistas do país, o movimento revolucionário está em crescimento e o caminho revolucionário vem sendo abraçado pelas mais amplas camadas do povo brasileiro. No ano de 1971, a classe operária dos Estados da Guanabara, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros Estados realizou greves e manifestações. Os camponeses realizaram ações armadas. Os estudantes, inteletuais e outras forças patrióticas realizaram amplos movimentos contra a ditadura e o imperialismo norte-americano e por seus direitos sociais e democráticos.

O P.C. do Brasil, dirigido pelo seu Comitê Central, mantém a correta linha de solidariedade internacionalista com todos os partidos marxistas-leninistas e forças revolucionárias e sempre tem apoiado a luta de libertação dos povos de todo o mundo. Foi um dos primeiros a expressar sua solidariedade e seu apoio à áspera e difícil luta do Partido do Trabalho da Albânia e do P.C. da China contra o revisionismo kruchovista. O P.C. do Brasil condenou com indignação a agressão do tipo fascista dos social-imperialistas soviéticos contra a Checoslováquia, denunciou energicamente a colaboração contra-revolucionária entre as duas superpotências imperialistas, Estados Unidos e União Soviética, assim como os pérfidos planos e complôs que são tramados contra os povos indochineses, árabes e do Indostão e demais povos do mundo.

Os comunistas albaneses e todo nosso povo sempre seguiram com simpatia a luta e os êxitos do P.C. do Brasil, considerando-os como importantes vitórias de todo o movimento marxista-leninista mundial. O Partido do Trabalho da Albânia aprecia altamente a perseverante luta travada pelos autênticos comunistas brasileiros para consolidar e reforçar cada vez mais ideológica, política e organizativamente seu Partido Comunista. Seguindo este caminho, o P.C. do Brasil, dirigido sabiamente por seu Comitê Central marxista-leninista, conquistará maiores vitórias na luta contra os seus inimigos. O P.T.A. e o P.C. do Brasil lutam firmemente convencidos de que por mais lenta e árdua que seja a luta comum contra o imperialismo, encabeçado pelo norte-americano, contra o revisionismo contemporâneo, que tem à frente a renegada camarilha revisionista soviética, o marxismo-leninismo triunfará sobre o revisionismo, a revolução sobre a contra-revolução, os povos sobre o imperialismo e a classe operária sobre a burguesia.

Por ocasião do cinquentenário de fundação do P.C. do Brasil e do décimo aniversário de sua reorganização, os comunistas albaneses e todo nosso povo dirigem-lhes suas mais calorosas saudações revolucionárias e desejam-lhes de todo o coração grandes êxitos na luta complexa, porém gloriosa, pela verdadeira libertação nacional e pelo progresso social, na luta pelo triunfo do marxismo-leninismo.

O PARTIDO
— NECESSIDADE HISTÓRICA

O PARTIDO — NECESSIDADE HISTÓRICA

Pedro Pomar

«A Classe Operária», n.º 66
Julho de 1972

Ao completar o 50.º aniversário de sua fundação e o 10.º de sua reorganização, o Partido Comunista do Brasil publicou um balanço crítico e autocrítico da trajetória que percorreu — «Cinquenta Anos de Luta». Se trata de uma importante contribuição à luta emancipadora da classe operária e do povo brasileiro.

O resumo abreviado das grandes lutas dos comunistas, desde 1922, e generalização das experiências fundamentais de todo esse período, bem como a caracterização do papel desempenhado pelas figuras destacadas do movimento comunista em nosso país, vinham sendo insistentemente reclamadas como novas armas para reforçar a educação dos comunistas, especialmente dos jovens, e salientar a significação do P.C. do Brasil no curso do movimento revolucionário brasileiro e em seu futuro. Nos últimos anos, sobretudo na fase mais intensa de combate ao liquidacionismo revisionista de direita e de «esquerda», se colocaram na ordem-do-dia e ganharam força questões teóricas e políticas de relevo, entre as quais a questão da existência do Partido, de sua necessidade histórica, de suas perspetivas revolucionárias. A empresa para elu-

cidar estes problemas não era fácil, requeria tempo, condições de estudos, pesquisas e debates, um clima arejado e não os de uma dura clandestinidade, como a atual. Exigia simultaneamente maior amadurecimento teórico, ampla visão histórica e aguda percepção política. Sobrepondo-se a essas dificuldades e limitações, o Comitê Central do P.C. do Brasil atendeu a esses reclamos e realizou um trabalho valioso, que certamente ajudará a formar os novos e a reeducar os velhos militantes proletários, a corrigir antigos e persistentes erros, em suma, a instruir politicamente as massas, dando-lhes também a oportunidade de mais uma vez medir o grau de seriedade com que o Partido vem encarando sua árdua mas gloriosa tarefa de dirigir a revolução.

No Brasil, ao examinar a realidade, se deve ter em conta que a tradição das organizações políticas populares praticamente inexistiu ou foi muito fraca. As forças reacionárias ergueram contra elas obstáculos de toda ordem e continuam a mover-lhes perseguição feroz. Por isso, seus vínculos materiais e sua força de coesão sempre foram bastante débeis. Faltava-lhes, antes de tudo, uma teoria acertada, uma base ideológica que lhes desse solidez e estabilidade. Dessa forma, a certas pessoas parece inusitado, ou artificial, ou mesmo obra de forças estranhas o fato de um partido político que jamais ocultou seus objetivos revolucionários, sua natureza de classe, sua teoria marxista-leninista e sua fidelidade ao internacionalismo proletário, tenha não apenas sobrevivido durante meio século como também tornado um partido nacional, de massas, o mais autêntico dos que já existiram em nosso país. Esta, porém, é uma realidade viva, indiscutível. Em si mesma, dá idéia da magnitude do empreendimento e da força das aspirações revolucionárias do proletariado brasileiro. Doutro modo, não se pode compreender como o Partido tenha suportado tão duras perseguições e subsistido. E mesmo os que viveram mais de perto e lutaram longamente para que vingasse essa organização, têm dificuldades em relatar as vicissitudes atravessadas e os entraves vencidos para a manter e a fazer progredir. Em consequência, nunca é demais relembrar a saga de heroísmo e sacri-

fícios de todos que lutaram para que a chama da revolução e do socialismo, sustentada pelo P.C. do Brasil, iluminasse sem cessar a marcha de nosso povo.

Cinquenta anos são, sem dúvida, mais que suficientes para avaliar a significação de uma corrente política e o destino que lhe está reservado. Atuando num período tão largo e dos mais agitados e fecundos da história do país e do mundo, a prática do P.C. do Brasil não podia deixar de oferecer lições riquíssimas que permitem julgar se sua existência foi ou não necessidade imperativa das condições concretas brasileiras e do movimento operário. É claro que tal julgamento não deve provir da própria vontade do Partido nem exprimir qualquer espírito de vanglória. Um partido político só se revela historicamente necessário quando está fadado, pelas condições objetivas, por interesses reais, por seu programa, sua conduta e sua direção, a tomar o Poder e a edificar um novo regime político e social. No momento em que se escrever a história completa do P.C. do Brasil melhor se comprovará que sua existência obedeceu à lógica férrea da evolução social brasileira, se tornou parte integrante, inseparável da história do proletariado e do povo brasileiro.

Nesses cinquenta anos, o P.C. do Brasil, além de expressar politicamente a presença da classe operária na vida do país, foi o principal artífice de importantes acontecimentos. Promoveu grandes movimentos e campanhas políticas e chegou a dirigir a insurreição nacional-libertadora de 1935. Tais sucessos tiveram enorme ressonância, elevaram o nível da consciência anti-imperialista e democrática das massas populares e contribuíram para desmascarar o caráter reacionário e traidor das classes dominantes. Apesar dos revezes e dos erros, foi e continua a ser a constante na atividade do P.C. do Brasil, a luta para concretizar a revolução agrária e anti-imperialista, democrática e nacional, a única capaz de livrar o país da dependência ao imperialismo, assegurar liberdade para as grandes massas exploradas e oprimidas e abrir a via para a construção da sociedade socialista no Brasil. Em torno dessa questão e do caminho para a resolver é que se dividiu o velho partido, que se deu a rutura com os revi-

sionistas de Prestes e se trava, hoje, a luta contra todas as formas de oportunismo, tanto fora como dentro do Partido. Ao expurgar os revisionistas, em 1962, e renovar-se, pôde o P.C. do Brasil erguer com mais clareza e mais decisão a bandeira da revolução libertadora e democrática, convertendo-se no partido da esperança do povo brasileiro e tornando-se merecedor do justo apreço entre os destacamentos marxistas-leninistas do movimento proletário internacional. A necessidade de um partido marxista-leninista, verdadeiramente proletário e revolucionário, se impõe ainda mais em nossa época, conforme assinala o documento «Cinquenta Anos de Luta», porque a vida provou que só ele pode levar a causa do povo ao triunfo. Tanto a burguesia nacional como a pequena burguesia fracassaram em conduzir a bom termo o processo revolucionário. Vacilantes e inconsequentes, elas não foram capazes sequer de criar organizações políticas algo estáveis e fortes. Ao passo que o proletariado compreende cada vez mais que se tornará invencível na medida em que souber vincular sua ideologia revolucionária com os laços materiais da organização. Lênin ensinou que na luta pelo poder e para se emancipar de toda exploração e opressão o proletariado só tem uma arma: a organização, isto é, o Partido. O grande mestre revolucionário mostrou que só os que necessitam do socialismo e se dedicam de corpo e alma à sua vitória possuem espírito de partido, lutam para fortalecer o Partido.

No transcurso de cinquenta anos, vários fatores objetivos e subjetivos, de ordem nacional e internacional, influíram igualmente para a existência do P.C. do Brasil. Basta recordar a influência da Revolução de Outubro e a ajuda da Internacional Comunista, bem como, mais recentemente, a solidariedade das forças marxistas-leninistas a nosso Partido. Nunca estivemos isolados da luta revolucionária da classe operária e dos povos do mundo inteiro. Por ela sempre fomos grandemente beneficiados. Num determinado momento da polêmica pública entre os marxistas-leninistas e os revisionistas contemporâneos, o P.C. do Brasil foi posto em causa. O renegado Kruschov, então à frente do P.C.U.S., acusou os principais dirigentes de nosso

Partido de divisionistas. Na defesa de nossos camaradas, se levantaram o P.C. da China e o Partido do Trabalho da Albânia e outras forças marxistas-leninistas, saudando sua luta pela reorganização do P.C. do Brasil.

Essa polêmica comprovou, mais uma vez, que a existência de um partido político se relaciona com a presença de um núcleo dirigente, elemento principal entre os que confluem obrigatoriamente para a constituição desse partido. O P.C. do Brasil teve a vantagem de contar com um núcleo de camaradas de certa experiência política e organizativa, dispostos a enfrentar a missão de construir um verdadeiro estado-maior revolucionário do proletariado. Unido em torno dos princípios marxistas-leninistas e da luta para aplicá-los criadoramente à realidade brasileira, esse núcleo se vem consolidando, ampliando-se com quadros jovens e esforçando-se tenazmente para que o Partido preserve e desenvolva suas tradições combativas. Todos inimigos compreenderam que a existência desse núcleo dirigente era uma premissa essencial para tornar o P.C. do Brasil apto a cumprir sua grandiosa tarefa revolucionária. Atacaram-no furiosamente e continuam empenhados em eliminar esse núcleo por todos meios a seu alcance. Não obstante, assim agindo, eles ajudam a demonstrar a importância decisiva de o P.C. do Brasil possuir uma direção que guarda a continuidade da luta revolucionária e procura se colocar teórica e politicamente, à altura de suas responsabilidades históricas.

O Partido Comunista do Brasil tem um destino glorioso. Pertencer a suas fileiras é motivo de honra e legítimo orgulho revolucionário. Defendê-lo e fortalecê-lo é o mais elementar dos deveres de todos os comunistas.

NOVA E GLORIOSA FASE NA VIDA DO PARTIDO

«A Classe Operária», n.º 62
Fevereiro de 1972

Dez anos transcorreram desde que um punhado de comunistas, representando seus camaradas de São Paulo, do Estado do Rio, do Rio Grande do Sul, da Guanabara e do Espírito Santo e interpretando os sentimentos de milhares de revolucionários espalhados por todo o país, se reuniram para reorganizar o Partido Comunista do Brasil. A V Conferência Nacional Extraordinária do Partido, realizada a 18 de Fevereiro de 1962, constituiu um acontecimento da maior importância no movimento comunista em nosso país. Marcou a rutura definitiva dos marxistas-leninistas com os revisionistas seguidores de Prestes e traçou seu caminho revolucionário. A luta anti-revisionista que se desenrolava nas fileiras comunistas adquiriu novas formas. Os marxistas-leninistas dispunham, agora, de uma organização própria para travar o combate em defesa dos princípios revolucionários. Levantam sua organização, com seu programa e fisionomia bem definidos. O Partido Comunista do Brasil entrava em nova e gloriosa fase de sua existência.

O surto de revisionismo contemporâneo, alentado pelo XX Congresso do P.C.U.S. desde que surgiu nas fileiras do Partido Comunista do Brasil, em 1956, en-

controu tenaz resistência. Militantes e dirigentes se ergueram em defesa da organização partidária e dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e conseguiram derrotar a corrente nacionalista-burguesa de Agildo Barata. Quando Prestes jogou o que restava de seu prestígio a favor do revisionismo, a luta ideológica cresceu de intensidade, ganhou proporções bem maiores. À medida que se estruturava a linha revisionista, sobretudo após a adoção da Declaração de Março de 1958, que revogou o Programa revolucionário do IV Congresso, também se elevava o grau de consciência dos marxistas-leninistas. Pouco a pouco, se foi formando no Comitê Central um núcleo marxista-leninista que enfrentava as concepções errôneas e a linha reformista dos que haviam abandonado o campo da revolução e aderido às posições burguesas. Esse combate alcançou maior envergadura na preparação e no curso do V Congresso do Partido. As decisões desse Congresso manipulado vieram mostrar que a direção do Partido do proletariado do Brasil degenerara e procurava, a todo o custo, transformá-lo num ajuntamento social-democrata. O espírito de Partido e a honra e a consciência proletárias, no entanto, estavam bem vivos no núcleo de revolucionários que se forjava no curso da luta de classes, em muitos e muitos anos de batalhas. A luta travada pelos que se mantiveram fiéis à revolução despertava grande número de militantes para o combate às concepções erradas e aguçara seu espírito crítico. Em verdade, os choques de opiniões que se verificaram por ocasião do V Congresso representaram a luta ideológica mais importante já travada no movimento comunista brasileiro. Possibilitaram delimitar o campo entre os revolucionários e os oportunistas, contribuíram para aprofundar o conhecimento da realidade brasileira e ajudaram a compreender que estava em jogo a própria existência do Partido e os destinos da revolução. Quando os prestistas resolveram arrancar a máscara e pedir o registro de um novo partido, legal, que nada tinha em comum com o verdadeiro partido da classe operária fundado em 1922, encontraram formal oposição de todos os que se negavam a arriar a bandeira da revolução. A conhecida Carta dos Cem e o Manifesto de

rutura com os prestistas são uma expressão do amadurecimento político e ideológico dos que combatiam o revisionismo contemporâneo. Essa tomada de posição demonstrava, ao mesmo tempo, que os marxistas-leninistas estavam dispostos a levar até ao fim a luta anti-revisionista e em prol da revolução brasileira.

Difíceis e complexas foram as condições em que se travou a batalha contra o oportunismo e o reformismo no movimento comunista brasileiro. Além de raízes antigas, então revividas, o oportunismo de todos os matizes encontrava novas fontes. O imperialismo pressionava o movimento operário mundial para lhe arrancar concessões. Fazendo causa comum com os revisionistas kruchovistas, especulava com os pretensos erros de Stálin e se engajava no que foi denominada a campanha contra o culto à personalidade. Os revisionistas, por seu turno, se utilizavam do prestígio da União Soviética, prestígio adquirido quando o primeiro país socialista estava sob a direção de Lênin e Stálin, para difundir as errôneas teses do XX Congresso do P.C.U.S. No Brasil, a burguesia, na década de 50 e nos primeiros anos da década de 60, realizava intenso trabalho de doutrinação. Apresentava sua política «desenvolvimentista» como se fosse uma orientação visando a libertação nacional. Procurava atrair para sua influência o proletariado e contava para tal fim com a dirigente ajuda dos revisionistas, encabeçados por Prestes. Relativamente fraca do ponto de vista económico, a burguesia brasileira, entretanto, soube utilizar o orçamento do Estado para criar uma camada privilegiada entre o proletariado que lhe servisse de apoio político. Setores de trabalhadores das empresas do capitalismo de Estado, de autarquias e de firmas fortemente subsidiadas pelo governo, conseguiram vantagens que os colocavam em destaque em relação ao conjunto do proletariado. O partido revisionista se apoiava sobretudo nessas camadas, que o pressionavam fortemente. Sobretudo os dirigentes sindicais se constituíam em massa de manobra do governo, particularmente na administração Goulart. Além de tudo isso, na arena mundial não estavam suficientemente claras e públicas as profundas divergências

que opunham os marxistas-leninistas aos revisionistas contemporâneos. A existência da organização independente do proletariado no Brasil corria sério risco. Daí a importância da iniciativa corajosa e consciente de 1962. Se tratava de marchar contra a maré montante do oportunismo e do reformismo, largamente estimulada pelos dirigentes revisionistas.

Para os marxista-leninistas, se tornara claro que é impossível emendar ou corrigir o revisionismo. A seu programa reformista é indispensável opor um programa revolucionário. Mais ainda: é necessário opor à organização reformista uma organização revolucionária. Essa experiência adveio no curso da própria luta ideológica. O rompimento nos terrenos ideológico, político e orgânico com os oportunistas seguidores de Kruschov e de Prestes — o primeiro verificado no mundo capitalista após o XX Congresso do P.C.U.S. — teve significado histórico para o movimento comunista brasileiro. Haviam fracassado as tentativas de liquidar o Partido. A V Conferência Nacional Extraordinária pôs por terra os planos liquidacionistas acalentados pela camarilha prestista. A classe operária brasileira, inspirada pelo proletariado revolucionário de todo o mundo, encontrava forças para enfrentar e derrotar o revisionismo contemporâneo.

A reorganização do Partido, levada a cabo na Conferência de 1962, não representou uma simples continuidade do velho Partido, que tão gloriosas tradições acumulara. Significou um salto qualitativo no Partido. Precedida de profunda luta ideológica, a reorganização se deu na base do marxismo-leninismo, o que imprimiu ao Partido uma fisionomia de autêntica vanguarda política do proletariado. Como ensina Lênin, «para construir o partido, não basta gritar "unidade". É necessário, ademais, ter alguma espécie de programa político, um programa de ação política». O Manifesto-Programa então aprovado retoma, em nível mais alto, as posições revolucionárias do passado. Aponta as causas do atraso do país: o domínio imperialista, o monopólio da terra e os grupos monopolistas da burguesia. Situa o imperialismo norte-americano como o principal inimigo do povo brasileiro. Define a revolução brasileira em sua etapa atual como anti-imperialista e anti-

latifundiária, nacional e democrática. Assinala que a liquidação do domínio do imperialismo, em particular do norte-americano, da grande burguesia e dos latifundiários, seus aliados, é indispensável para a passagem da revolução a sua etapa socialista, que só se concretizará se à frente da luta estiver o proletariado, em aliança com as massas camponesas. Propugna a criação de ampla frente democrática e anti-imperialista, sob a direção da classe operária, aliada ao campesinato. Fundamenta a necessidade da violência revolucionária como única via para livrar o país do atual regime reacionário e para instaurar um governo popular revolucionário.

Nas novas condições que se criaram, tendo como guia o Manifesto-Programa, o Partido vem lutando para cumprir seu papel histórico. Lênin indicou que «sem uma linha tática baseada na avaliação do momento político atual e que dê resposta exata aos "malditos problemas" do presente, é possível ter um pequeno grupo de teóricos, mas não uma unidade política operativa». Apoiado nesta indicação leninista, o Comitê Central elaborou uma linha autênticamente revolucionária, expressa em seus documentos básicos «União dos Brasileiros Para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista», «Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil» e noutras resoluções. Procurando superar o dogmatismo do passado e lutando contra a tendência à cópia mecânica das experiências estrangeiras, os comunistas se esforçam por unir a teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin com a prática concreta da revolução brasileira. Nos dez anos que nos separam da histórica Conferência de 1962, os marxistas-leninistas se esforçaram por elaborar a teoria da revolução brasileira e, também, alicerçaram uma prática revolucionária em consonância com as concepções proletárias.

Os anos imediatamente posteriores à reorganização do Partido foram anos de profunda luta ideológica e política contra o revisionismo. Atrelados ao governo reformista de Goulart, os revisionistas brasileiros pareciam obter vitórias sobre vitórias, vitórias que na realidade eram da burguesia. Essas ilusões, no entanto, vieram abaixo com o golpe de 1.° de Abril de 1964 que,

se de um lado trouxe novas dificuldades à luta do povo brasileiro, de outro despertou grandes contingentes de brasileiros para a realidade: é impossível conseguir êxitos estáveis e duradouros, e muito menos modificar a estrutura atual, nos marcos do regime de exploração e opressão vigente, por meios pacíficos, como indicavam os revisionistas. Nas fileiras do agrupamento oportunista nova cisão se manifestou. A existência do P.C. do Brasil e a experiência adquirida no período imediatamente anterior deram tonalidade diferente a esta nova batalha. O autêntico partido proletário serviu como um catalizador, capaz de atrair todos aqueles que, sinceramente, se opõem ao revisionismo contemporâneo e se enfileiram no campo da revolução. Ao Partido afluíram a maioria dos militantes e grande parte dos dirigentes que romperam com Prestes. Se fortaleceu o partido da classe operária, se enfraqueceu mais ainda o grupelho oportunista.

O revisionismo contemporâneo é um fenômeno internacional. Por isso, ao mesmo tempo que travam a luta em seu país, os revolucionários brasileiros dão sua contribuição à luta mundial contra o revisionismo contemporâneo. Se alegram por contarem com camaradas de combate como o Partido Comunista da China, o Partido do Trabalho da Albânia e todos os demais partidos marxistas-leninistas. Fazem esforços por levar à prática sua orientação, por fazer do P.C. do Brasil o instrumento de que necessita o povo brasileiro para conquistar um regime que lhe assegure o progresso e bem-estar. No curso da luta prolongada, o Partido cresceu e se fortaleceu, estreitou suas ligações com as massas. De um punhado de militantes, se transformou numa organização estruturada em quase todos os Estados, se tornou a principal força de esquerda do país. É, hoje, a única que tem clareza de objetivos. Sua estratégia, na atual etapa, visa a conquista do poder político através da luta armada. A essência de sua tática se exprime na preparação e desencadeamento da guerra popular como única forma de derrubar o domínio imperialista e a ditadura militar-fascista. A revolucionarização do Partido — tarefa colocada ante os militantes pelo Comitê Central — dá seus frutos. Sadia luta de opiniões se trava nas fileiras partidárias, com

vistas a unir a teoria com a prática. Se combate tudo que é errado e constitui entrave à luta revolucionária: a rotina, o comodismo, a passividade, a falta de confiança nas massas. Militantes em número crescente, em especial os jovens, se entregam plenamente à atividade partidária, marcham alegremente para cumprir todas as tarefas que o Partido lhes designa, ligam sua vida e seu futuro à revolução. Viver, trabalhar, pensar e agir como revolucionário se torna lema nas organizações partidárias. O espírito revolucionário da crítica e da autocrítica impregna a atividade dos comunistas e os ajuda a levar à prática a linha do Partido, dispostos a superar todas as dificuldades.

A vida mesma comprovou a correção do passo dado em 1962. Após sua reorganização, o Partido não cometeu erros essenciais, não se desviou da senda assinalada na Conferência Nacional Extraordinária, nem ficou oscilando entre posições reformistas e revolucionárias. Suas atividades se orientam no sentido da luta pelos objetivos programáticos, seus documentos e resoluções guardam coerência e continuidade.

Decorridos dez anos da Conferência que reorganizou o Partido, se pode avaliar o profundo significado histórico daquela reunião. O rompimento com os oportunistas e a estruturação do Partido em bases revolucionárias comprovam que a única posição correta é a que tem os princípios como norte. O pequeno núcleo de comunistas, defendendo com vigor e convição o espírito de Partido, pôde conduzir a bandeira da revolução. Como expressava os sentimentos mais profundos da classe operária e do povo brasileiro, vê sua luta se coroar de êxitos. Por mais difíceis e duros que forem os dias que hão-de vir, os comunistas brasileiros têm plena confiança na vitória. Se batem por uma causa justa, pelos interesses mais entranhados do povo brasileiro, por sua libertação nacional e social. E aqueles que não se desviam da senda revolucionária e nela persistem, com toda certeza vencerão.

PARTIDO DE TRADIÇÕES COMBATIVAS

«A Classe Operária»,
n.° 82 — Ano IX
Fevereiro de 1974

O Partido Comunista do Brasil completa, a 18 de Fevereiro, doze anos de sua reorganização. Ao assinalar o acontecimento, os comunistas salientam uma vez mais sua significação e seu alcance político, procuram avaliar as experiências adquiridas e se empenham em se tornar plenamente conscientes de seu papel, a fim de fazer avançar a revolução nacional e democrática até à vitória do socialismo. Estão seguros do êxito de sua causa, pois confiam nas massas, se guiam pela doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, possuem uma linha política acertada e contam com a solidariedade ativa do proletariado internacional e dos povos oprimidos.

A realização da Conferência Nacional Extraordinária do Partido, em 1962, representou uma séria derrota do revisionismo contemporâneo, da reação interna e do imperialismo, que se haviam mancomunado para liquidar o partido do proletariado, desmoralizar o marxismo-leninismo e extinguir as esperanças na revolução e no socialismo. Prestes, à frente dos revisionistas brasileiros, abandonara o tradicional partido dos comunistas, formara um agrupamento de tipo social-democrata,

reformista burguês, e renegara os princípios revolucionários. A Conferência Nacional Extraordinária reuniu os comunistas que se opunham à traição de Prestes e seus seguidores, marcando uma rutura completa em todos os terrenos — ideológico, político e organizativo — com os revisionistas. Aprovou o Manifesto-Programa, restabeleceu os princípios e as normas leninistas de organização e elegeu um novo Comitê Central. Essa foi uma grande demonstração de vitalidade das idéias marxistas-leninistas, dos fortes anseios revolucionários do proletariado e do povo, do amadurecimento do processo democrático e anti-imperialista. Constituiu um passo decisivo para enfrentar e resolver de forma correta os problemas cardeais da revolução brasileira. Ao mesmo tempo que mantinha seu caráter e suas qualidades de classe, o Partido se renovava, livrando-se da escória oportunista.

Poucos, porém, acreditaram que naquele momento estivessem em jogo questões de tal magnitude. Ao contrário, muitos atribuíram ao episódio motivos de ordem secundária. Por isso, ao lado das previsões sombrias sobre o futuro da decisão dos comunistas, choveram as ameaças e os ataques, desde a extrema direita até aos trotsquistas. Havia mesmo pessoas que, honestamente, não compreendiam fosse possível afrontar internacionalmente o revisionismo no instante em que seu maior corifeu, Kruschov, pontificava em tudo, no auge da notoriedade. Ou que, no plano nacional, se justificasse remar contra a maré montante do reformismo, chegada ao apogeu no período do governo de João Goulart, com o qual os revisionistas de Prestes colaboravam cem por cento. Ademais, os efetivos do Partido eram pequenos, seus quadros reduzidos, suas ligações com as massas bastante débeis. Realmente, a situação se afigurava muito desfavorável.

Entretanto, os comunistas não se assustaram. Longe disso, trataram de arrostar as borrascas com a coragem e a determinação exigidas pelas circunstâncias. Para superar tamanhas dificuldades, possuíam magnífica tradição combativa. Sabiam, igualmente, que na luta de classes só tem valor e futuro a política de princípios, e desde que estes correspondam ao curso real dos acontecimentos. Caso contrário, de nada adiantam

os bons ou maus vaticínios, os exorcismos ou as imprecações, as perfídias demagógicas ou os mais hediondos crimes do fascismo. Para fazer vingar a causa dos explorados e oprimidos é preciso ter capacidade de revelar em seus múltiplos aspetos as contradições do regime capitalista e imperialista e não temer adotar o caminho revolucionário. O P.C. do Brasil sobreviveu a todas vicissitudes e se fortaleceu porque baseou sua orientação na teoria científica e invencível da classe operária, propugnou e continua a defender os interesses fundamentais dos trabalhadores e do povo e permaneceu fiel ao movimento comunista internacional. Conquistou seu direito à existência política em duros combates. Se vem impondo como uma força respeitável e se converte na maior esperança das massas populares do país, ao passo que seus inimigos e detratores, mormente os revisionistas, foram severamente desmascarados, sofreram pesadas derrotas e mergulharam numa crise irremediável.

A trajetória do Partido, nesses doze anos de reorganização, significou de facto uma porfia para vencer a corrente contra-revolucionária. Pontilhada de lutas ásperas e de diferentes tipos, ensinou aos comunistas preciosas lições que enriqueceram seu cabedal político e ideológico. Nesse processo eles aprenderam a caraterizar sem titubeios os inimigos principais e os secundários, bem como a distinguir os amigos permanentes dos eventuais. Identificaram melhor a natureza e as táticas do imperialismo norte-americano — o pior inimigo de nosso povo — assim como descobriram a catadura do não menos perigoso e feroz social-imperialismo soviético. Revelaram com maior precisão o papel da burguesia nacional, seu jogo duplo, suas indecisões e sua incapacidade para dirigir vitoriosamente a revolução. Destacaram ainda mais a importância do campesinato como aliado fundamental do proletariado, dando prioridade à atuação entre os camponeses e às ações no campo. Valorizaram devidamente a necessidade do estudo da realidade concreta e do domínio da teoria marxista-leninista. Compreenderam e vêm tentando sistematizar a experiência do trabalho para ganhar as massas e do manejo das formas de luta, notadamente da luta armada, a fim de que o movi-

mento popular tenha sucesso. Em suma, a vida do Partido nesse período — como aliás em toda sua história — tem sido uma batalha tormentosa, constante, abnegada dos comunistas para integrar a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática da revolução brasileira, para fortalecer a organização e a transformar num instrumento apto a orientar a classe operária e seus aliados na senda do triunfo.

O Partido Comunista do Brasil, há quase dois anos, entrou numa nova fase de sua existência, fase determinada pelo surgimento no país dos primeiros e promissores embriões da guerra popular, bandeira que o Partido desfraldou desde a VI Conferência Nacional, em 1966. Como se previa, a luta armada, mesmo no início e em pequena escala, acarretaria significativas alterações na atividade do Partido e estaria destinada a ter grandes repercussões na vida nacional. O Partido seria chamado a polarizar as aspirações democráticas e libertadoras do povo brasileiro e, simultaneamente, se tornaria alvo de furiosa perseguição da ditadura militar e do imperialismo norte-americano. Os inimigos se juntariam e intensificariam sua repressão com o objetivo de o destruir como força organizada e eliminar fisicamente seus dirigentes e ativistas. Os fatos confirmam essas previsões. Nunca foram tão graves as investidas da reação contra os comunistas. Jamais a luta pela sobrevivência da vanguarda marxista-leninista e pelo futuro da revolução brasileira esteve tão aguda.

Por isso, no 12.° aniversário da reorganização de seu partido, os comunistas, se bem que estejam orgulhosos com as vitórias alcançadas, se acham conscientes de suas responsabilidades e das gigantescas tarefas que têm sobre os ombros. Inspirados na justeza de sua causa e no exemplo dos que se sacrificaram, sentem que é hora de pôr em tensão todas energias, estreitar mais solidamente suas fileiras, elevar seu nível de atuação para aplicar com sucesso a linha revolucionária, reforçar a vigilância e preservar com habilidade suas forças, a fim de que a luta não tenha solução de continuidade.

O glorioso Partido Comunista do Brasil triunfará com certeza nesta nova e duríssima prova. Já mos-

trou, várias vezes, que é indestrutível. Amadureceu em experiência. Deve agora se revelar capaz de dirigir com êxito as massas trabalhadoras e o povo brasileiro em sua marcha pela libertação nacional e social.

50.º ANIVERSÁRIO
DE «A CLASSE OPERÁRIA»,

ÓRGÃO CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL SOBRE O 50.º ANIVERSÁRIO DE «A CLASSE OPERÁRIA»

Dia 1.º de Maio próximo, o órgão central do Partido Comunista do Brasil completará cinquenta anos de existência. Desde 1925, «A CLASSE OPERÁRIA» se tornou a intérprete destemerosa do destacamento avançado do proletariado brasileiro que abraçou a causa do socialismo, do marxismo-leninismo. Nesse meio século, o jornal dos comunistas, somente em curtos períodos, pôde sair legalmente. Por causa das violências e arbitrariedades dos diferentes governos das classes dominantes teve de ser publicado de modo clandestino. Suportou incríveis perseguições e esteve sujeito a brutalidades sem conta. Vários de seus redatores, gráficos e distribuidores foram presos, torturados e alguns pagaram com a vida a honrosa tarefa de o editar e difundir.

Apesar das vicissitudes, «A CLASSE OPERÁRIA» jamais cessou de circular, de levar aos trabalhadores e ao povo a orientação do Partido. Vencendo toda sorte de dificuldades, procurou ininterrutamente defender os interesses das massas exploradas e oprimidas, propugnar pela necessidade da revolução agrária e anti-imperialista, apontar o caminho do socialismo e do internacionalismo proletário.

«A CLASSE OPERÁRIA» sempre mereceu, por isso, o apoio firme de milhares de abnegados combatentes

proletários, a solidariedade ativa de verdadeiros patriotas e democratas que a sustentaram desassombradamente, de mil e uma formas, durante todos esses cinquenta anos. A figura do CLASSOP, militante comunista encarregado da difusão do jornal, passou a constituir parte integrante de sua gloriosa história. Graças a esse apoio e a essa ajuda, «A CLASSE OPERÁRIA» mantém-se até hoje fiel a seu dever de informar, esclarecer, mobilizar e organizar as massas para a luta por sua emancipação nacional e social.

Quando o Partido Comunista do Brasil rompeu com os revisionistas contemporâneos e teve de reorganizar suas fileiras, o papel de «A CLASSE OPERÁRIA» cresceu ainda mais. Ela se transformou numa trincheira de luta do marxismo-leninismo ajudando a desmascarar o revisionismo e todas as teorias e correntes hostis ao movimento operário e comunista, num baluarte da revolução popular brasileira e da união do proletariado e dos povos oprimidos do mundo inteiro. Ao se instaurar a ditadura militar-fascista com o propósito de estrangular definitivamente os ideais de justiça e liberdade do povo brasileiro, o órgão central do Partido, na mais rigorosa clandestinidade, vem cumprindo sem vacilações sua função revolucionária, contribuindo para unificar o pensamento e a ação dos comunistas em todo o país.

Tendo em conta essas tradições heróicas e o importante papel que vem desempenhando «A CLASSE OPERÁRIA», o Comitê Central decide:

1. Comemorar, durante o mês de Maio de 1975, o 50.° aniversário do órgão central do Partido. Neste sentido, cada organização, de acordo com suas possibilidades, deve programar as mais variadas iniciativas a fim de dar a conhecer aos comunistas e ao povo a história e a importância do jornal;

2. Elaborar um breve roteiro da vida do jornal nesses cinquenta anos;

3. Tirar uma edição especial sobre o 50.° aniversário de «A CLASSE OPERÁRIA»;

4. Estimular a criação de correspondentes e a organização de círculos de contribuintes para a difusão e sustentação do jornal.

Janeiro de 1975

O Comitê Central
do Partido Comunista do Brasil

UM JORNAL DE TRABALHADORES

«A Classe Operária»,
n.° 95 — Ano X
Março de 1975

Quando o órgão central do Partido Comunista do Brasil, «A CLASSE OPERÁRIA», marcha para completar cinquenta anos de existência, tanto os comunistas como os democratas sinceros se aprestam para comemorar a data da maneira mais condigna possível. Certamente, as comemorações nem de longe poderão se comparar com as pomposas festas que promovem os chamados órgãos tradicionais de imprensa das classes dominantes, muito gabolas de sua longevidade e virtudes, mas que só se distinguem por sua capacidade de empulhar o povo e pela vocação de trair os interesses nacionais. Serão naturalmente atos simples, modestos e, além disso, clandestinos. Todavia, terão cunho educativo. Salientarão o papel desempenhado por nosso jornal nesse meio século, encarecerão sua importância no presente e maior significação no futuro. Levarão em conta as tarefas atuais, sobretudo as que dizem respeito à melhoria de seu conteúdo e forma. Estimularão as críticas, sugestões, correspondências, bem como o apoio indispensável para que continue a cumprir sua gloriosa missão.

Bem poucos serão capazes de imaginar o que significaram esses cinquenta anos de «A CLASSE OPERÁ-

RIA». Houve muito de abnegação, de sacrifícios, de heroísmo daqueles que compreenderam o valor de difundir as idéias do marxismo-leninismo, de esclarecer as massas trabalhadoras. Desde o primeiro número, nosso Partido pretendeu que ela fosse «Um Jornal de Trabalhadores, feito para Trabalhadores». E isto continua sendo. Se bem que tivesse surgido depois de fundado o Partido, «A CLASSE OPERÁRIA» foi a melhor expressão literária e política da vanguarda do proletariado brasileiro. Se manteve fiel aos princípios que defendia, suportou duríssimas provas. Paulatinamente, se converteu numa valente tribuna da causa democrática, da reforma agrária anti-feudal, da luta anti-imperialista e anti-fascista, da libertação nacional. Se tornou o elo imprescindível do processo de reorganização do Partido, do combate ao revisionismo contemporâneo e em prol do internacionalismo proletário. É um incansável propugnador das soluções revolucionárias, tenaz orientador das forças populares em luta com as correntes da reação e do entreguismo. Por tudo isso, nosso jornal se identificou com a história do Partido, se transformou no propagandista querido dos comunistas e de muitos outros patriotas, na encarnação viva do espírito de resistência do proletariado e de seus anseios por um mundo sem exploradores e opressores.

Nas condições difíceis em que se encontra hoje o movimento revolucionário no país, cresce de importância o papel do órgão central do P.C. do Brasil. Praticamente, é nosso grande meio de divulgação. Está chamado a exercer uma função de relevo na batalha atual pelo fortalecimento do Partido, por sua ligação com as massas operárias e camponesas, pela formação da frente-única. Na medida em que a luta democrática e anti-imperialista reclama, para congregar as forças progressistas, um núcleo dirigente proletário bem firme e sagaz, mais se destaca o trabalho esclarecedor e mobilizador de «A CLASSE OPERÁRIA». Ao mesmo tempo que se deve executar essa tarefa fundamental, ela precisa focalizar as questões candentes da revolução e suas perspetivas, a fim de iluminar o caminho por onde teremos de avançar.

Desse modo, uma das melhores formas de celebrar o 50.° aniversário do aparecimento de «A CLASSE OPERÁRIA» consiste na adoção de medidas práticas para aumentar sua difusão, no incentivo a correspondências sobre a situação das massas e seu estado de espírito, na organização de círculos de leitores e amigos que a sustentam materialmente.

Os comunistas farão do cinquentenário de «A CLASSE OPERÁRIA» um motivo para fortalecer a causa proletária e popular.

ROTEIRO HISTÓRICO DE «A CLASSE OPERÁRIA»

PRIMEIRA FASE — 1925/1940

1.° de Maio de 1925

Surge uma nova imprensa no país. «A CLASSE OPERÁRIA», órgão central do Partido Comunista do Brasil, edita seu primeiro número. Traz como legenda — UM JORNAL DE TRABALHADORES FEITO PARA TRABALHADORES. Tiragem inicial: 5 mil exemplares, vendidos nas fábricas e nos sindicatos.

18 de Julho de 1925

Sem qualquer justificativa legal, «A CLASSE OPERÁRIA» é fechada pelo governo. Sua tiragem e distribuição vinham aumentando rapidamente.

1.° de Maio de 1928

Reaparece novamente «A CLASSE OPERÁRIA». Denuncia com vigor a exploração das massas trabalhadoras e a polícia reacionária de Washington Luiz. Divulga orientação do P.C. do Brasil e da III Internacional.

Meados de 1929

A redação de «A CLASSE OPERÁRIA», no Rio, é invadida pela polícia e depredada. O mesmo ocorre com sedes de sindicatos. O jornal não pôde mais ser impresso legalmente. A partir daí circula na clandestinidade.

De 1930 a 1933

Após os acontecimentos de 1930 que culminam com a derrubada do regime existente e a instauração do governo discricionário de Getúlio Vargas, «A CLASSE OPERÁRIA» enfrenta odiosa perseguição policial.

1935

Saliente papel é desempenhado pela «A CLASSE OPERÁRIA» na preparação da insurreição nacional libertadora. Derrotado o movimento dirigido pela A.N.L. (Aliança Nacional Libertadora), a repressão se abate furiosamente contra o jornal dos comunistas.

De 1936 a 1939

Apesar da descoberta pela polícia de várias de suas oficinas e do assassinato de gráficos que a imprimem, «A CLASSE OPERÁRIA» aparece sempre, estimulando os comunistas e todos os patriotas a combater o fascismo.

2.° trimestre de 1936 até Outubro do mesmo ano

«A CLASSE OPERÁRIA» passa a ser publicada, ilegalmente, em Salvador, Bahia, onde se encontrava então o Secretariado do Comitê Central do Partido.

Já em Novembro de 1936, «A CLASSE OPERÁRIA» passa a ser publicada em S. Paulo, para onde se tinha transferido o Secretariado do Comitê Central. No n.° 198, Ano XI, Novembro de 1936, «A CLASSE

OPERÁRIA» publica um comunicado da direção central do P.C. do Brasil que denuncia as manobras golpistas de Getúlio Vargas «no sentido da instauração aberta de sua ditadura», tendo para isto colocado generais fascistas nos postos do alto comando do Exército.

Princípios de 1940

Os beleguins de Felinto Muler, assessorados pela Gestapo de Hitler, conseguem calar temporariamente a poderosa voz da imprensa proletária. «A CLASSE OPERÁRIA DESAPARECE». O P.C. do Brasil sofre um duro golpe. Sua direção é encarcerada.

SEGUNDA FASE — 1945/1953

Maio de 1945

Com a derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial e a decomposição do Estado Novo, «A CLASSE OPERÁRIA» volta a circular legalmente. Exprime a opinião de um forte Partido Comunista com cerca de 200 mil membros. Bandeira de luta das massas populares e de defesa da democracia, alcança grandes tiragens. É reeditada em vários Estados.

Meados de 1945

A redação de «A CLASSE OPERÁRIA» publica o folheto: «A CLASSE OPERÁRIA»: VINTE ANOS DE LUTAS. Esse folheto foi elaborado com base em informações prestadas por antigos militantes e dirigentes do Partido que conheciam fatos relacionados com a redação, impressão e difusão de «A CLASSE OPERÁRIA».

De 1946 a 1948

Durante o governo reacionário do general Dutra, «A CLASSE OPERÁRIA» torna a ser proibida de circular várias vezes, sem nenhum fundamento. Em 1948 é compelida a suspender sua publicação. Também centenas de sindicatos sofrem intervenção ministerial.

1951

«A CLASSE OPERÁRIA» reaparece publicamente. Mas a repressão contra ela continua: é apreendida nas bancas dos jornaleiros, seus vendedores são vítimas de toda sorte de vexames.

1953

Devido à repressão, «A CLASSE OPERÁRIA» deixa de ser editada. Com o surto revisionista no Partido e a traição de Prestes ao marxismo-leninismo — 1956/57 — toda tentativa de a reeditar é abandonada.

TERCEIRA FASE — 1962/1964

Março de 1962

Uma nova fase revolucionária se inicia para «A CLASSE OPERÁRIA». Volta a circular legalmente, tendo como diretor o camarada Maurício Grabois e como redator-chefe o camarada Pedro Pomar. Porta-voz do autêntico Partido Comunista do Brasil, marxista-leninista, reorganizado em Fevereiro desse ano, o jornal cumpre uma das mais importantes tarefas. É o centro do combate ao revisionismo contemporâneo.

Agosto de 1962

Em seu editorial «Preparar-se Para a Luta em Todos os Terrenos», «A CLASSE OPERÁRIA» assinala: «As forças revolucionárias, ao mesmo tempo que lutam por um governo popular revolucionário, têm o dever de

organizar a luta do povo, as ações de massas contra a carestia de vida, pela reforma agrária radical, pela solução dos problemas de abastecimento, pelas liberdades». E adiante: «No caso em que a crise política assuma um caráter mais profundo, com atritos de maior amplitude entre os grupos das classes dominantes, é preciso estar em condições de enfrentar o imperialismo, o latifúndio e seus agentes em todos os terrenos».

Julho de 1963

«A CLASSE OPERÁRIA» traz, em suas páginas, o importante documento do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil intitulado RESPOSTA A KRUSCHOV. Aí se desmascara a política revisionista do P.C.U.S. e as infâmias de seu principal dirigente contra a China Popular, ao mesmo tempo que se faz fundamentada defesa da reorganização do Partido Comunista do Brasil.

Março de 1964

É impresso legalmente o último número de «A CLASSE OPERÁRIA». Nele é desmascarada a posição traidora de Prestes que procura adormecer a vigilância do povo ao afirmar numa rede de televisão em São Paulo que a reação estava definitivamente batida, oferecendo simultaneamente seus préstimos à burguesia paulista.

Abril de 1964

«A CLASSE OPERÁRIA» é fechada pelos golpistas.

QUARTA FASE — Começa em 1965

1.º de Maio de 1965

«A CLASSE OPERÁRIA» volta a circular na clandestinidade. No editorial, «Trincheira de Luta», se lê: «Há

pouco mais de um ano era arbitrariamente suspensa 'A CLASSE OPERÁRIA', combativo e valoroso órgão do proletariado revolucionário». «A velha CLASSE, herdeira das mais gloriosas tradições revolucionárias dos trabalhadores brasileiros, em especial dos comunistas, foi um dos primeiros alvos da reação policial-militar que varre furiosamente o país. Sua redação foi invadida, depredada e, até o presente, se encontra interditada. Pela força e pelo arbítrio, o porta-voz do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL se calou temporariamente». «Hoje, sua palavra se faz novamente ouvir. É mais uma fase de sua heróica existência».

A partir de meados de 1965

«A CLASSE OPERÁRIA» edita na clandestinidade 96 números. Sua feição gráfica aparece bastante diversificada, uma vez que é impressa em vários Estados de acordo com as condições locais. Publica propaganda revolucionária marxista-leninista, documentos do Partido, críticas ao revisionismo e às tendências aventureiras pequeno-burguesas, análises da situação política e orientações para a luta de massas, artigos sobre a vida dos trabalhadores e do povo, materiais da resistência armada do Araguaia.

Entre os trabalhos publicados:

— Resolução do C.C. do P.C. do Brasil intitulada TODA SOLIDARIEDADE AO POVO DO VIETNÃ (Junho de 1965);

— Resolução do C.C. do P.C. do Brasil de APOIO À LUTA DO POVO DE SÃO DOMINGOS (Junho de 1965);

— Carta Aberta a Fidel de Castro (Abril de 1966);

— Apoiar a Grande Revolução Cultural Proletária (Maio de 1967);

— Desenvolver a Luta Ideológica e Fortalecer a Unidade do Partido (Resolução do C.C. do P.C. do Brasil — Junho de 1967;

— Alguns Problemas da Situação Internacional — Enver Hodja (Abril de 1968);

— Declaração do C.C. do P.C. do Brasil sobre a invasão da Checoslováquia pela União Soviética (Setembro de 1968);

— Mensagem do C.C. do P.C. do Brasil ao Partido do Trabalho da Albânia de congratulações e apoio pelo rompimento com o Pato de Varsóvia (Setembro de 1968);

— Na Terra Onde Floresce o Socialismo (artigo de Maurício Grabois sobre a Albânia (Julho de 1969);

— Atualidade do Pensamento de Lênin (Abril de 1970);

— «Povos de Todo o Mundo, Unamo-nos! Derrotemos os Agressores Norte-Americanos e Todos seus Lacaios!» (Declaração de Mao Tsé-tung, (Junho de 1970);

— Soluções Ilusórias (sobre os acontecimentos no Peru, Chile e Bolívia — Janeiro de 1971);

— O Povo Conquistará a Verdadeira Independência (Setembro de 1972);

— Comunicado do C.C. do P.C. do Brasil sobre o assassinato, nas câmaras de torturas da ditadura militar-fascista, dos camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini (Fevereiro/Março de 1973);

— Saudação aos Guerrilheiros do Araguaia (Abril/Maio de 1973);

— Acerca da Luta Anti-imperialista (Julho de 1973);

— Em Defesa do Povo Pobre e pelo Progresso do Interior (Agosto de 1974).

Dezembro de 1972

A polícia invade o local onde é impressa «A CLASSE OPERÁRIA», em São Paulo. Confisca suas máquinas e tortura os que nelas trabalham.

Janeiro de 1975

Em seu número 93, publica a resolução do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil sobre a come-

moração do 50.° aniversário da fundação de «A CLASSE OPERÁRIA», jornal dos marxistas-leninistas brasileiros.

Nesse número são publicados ainda dois importantes artigos :

— «Relevante Fato Político», que informa sobre a realização do pleno do C.C. do P.C. do Brasil com dois pontos da ordem-do-dia : a situação política e as tarefas atuais e problemas da construção do Partido. Além da resolução sobre os 50 Anos de Lutas da «CO», foram aprovados pelo C.C. do Partido : o documento intitulado LEVAR ADIANTE E ATÉ AO FIM A LUTA CONTRA A DITADURA; uma mensagem aos dirigentes e militantes do Partido que lutam em regiões longínquas, sob pressão constante das tropas da ditadura militar-fascista; e outra mensagem aos camaradas que se encontram encarcerados.

— «A Bandeira de Luta do Araguaia», que diz que a bandeira levantada pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia não só exprime com justeza e força os sentimentos e interesses dos camponeses, mas também de todos os patriotas brasileiros, sendo certo seu triunfo.

Fevereiro de 1975

Publica :

Mensagem aos Brasileiros, LEVAR ADIANTE E ATÉ AO FIM A LUTA CONTRA A DITADURA;

Resolução do C.C. do P.C. do Brasil, de Janeiro de 1975.

Março de 1975

Publica :

NÃO ARRIAREMOS NOSSA BANDEIRA, carta remetida a destacada personalidade do Sul do Pará pelos moradores de um sítio às margens do rio Araguaia, nas primeiras semanas de luta guerrilheira naquela região amazônica. É datada de 20 de Julho de 1972.

Maio de 1975

Publica :

«Tribuna do Proletariado Militante» — importante artigo sobre o quinquagésimo aniversário de «A CLASSE OPERÁRIA».

TRIBUNA DO PROLETARIADO MILITANTE

«A Classe Operária»,
n.° 97 — Ano XI
Maio de 1975

«A CLASSE OPERÁRIA» está completando seu 50.° aniversário de fundação. Este fato, extremamente auspicioso e de enorme significação, enche de júbilo os comunistas, todos os democratas consequentes. O órgão central do Partido Comunista do Brasil, em sua trajetória difícil mas gloriosa, firmou uma admirável linha de independência, de combatividade e coerência. Erigiu-se num marco luminoso e perene do movimento revolucionário brasileiro.

Jornal de Trabalhadores feito para Trabalhadores, «A CLASSE OPERÁRIA» guardou fidelidade à legenda que a inspirou. Vem dedicando-se a desmascarar o odioso sistema económico, social e político imperante no país, a despertar, mobilizar e unir as massas exploradas e oprimidas a fim de que conquistem sua emancipação sob a hegemonia do proletariado, a educar os comunistas no sentimento da abnegação a serviço do povo. Eminentemente política e revolucionária, jamais claudicou em suas posições ou traíu os interesses do proletariado.

A impressão e a difusão de «A CLASSE OPERÁRIA» por tão longo período representam uma epopéia. As incessantes e brutais perseguições da reação ou as

intrigas dos oportunistas e dos revisionistas raras vezes conseguiram silenciá-la. Contou com a invariável e firme solidariedade dos trabalhadores avançados, dos setores esclarecidos das massas populares. Alguns militantes deram suas vidas para a fazer circular. Sua sobrevivência tem sido o resultado desse apoio incondicional assim como da vitalidade e da justeza da causa proletária.

O jornal do Partido se tornou a expressão literária mais autêntica da política, da tenacidade e da perseverança dos comunistas brasileiros. Vem desempenhando e desempenhará um papel cada vez mais saliente no processo revolucionário que está em curso no país e no mundo e que terminará inevitavelmente com a vitória definitiva da democracia, da independência nacional e do socialismo.

JORNAL PROLETÁRIO, JORNAL DE PARTIDO

Desde que se criaram no Brasil condições para a propaganda impressa, para a difusão ampla da palavra escrita, as forças progressistas a ela recorreram com o objetivo de pugnar por seus interesses, por suas aspirações. Apesar do obscurantismo reinante, da intermitente repressão e da pobreza de meios, a imprensa patriótica e democrática sempre demonstrou valor. Manifestava os anseios de liberdade e de cultura do povo, denunciava sem medo as injustiças e os poderosos, reclamava direitos para os humildes. Ao entrar em cena o movimento operário, essa tradição foi reforçada, teve seu conteúdo ampliado. A imprensa proletária não só desfraldou a idéia da rebeldia e da independência de classe como deu profundidade ao sentido do democratismo, das reivindicações políticas e sociais contra os exploradores e opressores. Por um longo período, quer os jornais da inteletualidade democrática, quer os de origem operária foram, em geral, efêmeros. Um ou outro sobreviveu maior tempo. Na batalha desigual com as forças reacionárias, terminavam soçobrando. Não dispunham do respaldo indispensável para prosseguir em circulação, embora muitos desfrutassem de simpatia e popularidade.

Em relação aos jornais de origem popular que a precederam, «A CLASSE OPERÁRIA» apresentou algumas vantagens. Apareceu num estágio bem mais avançado do movimento proletário, depois que este havia dado um salto com a constituição do Partido Comunista. Tinha relevante missão a cumprir: ser o órgão central do Partido, sua principal tribuna política.

Trazendo nitidamente impresso, desde o início, seu caráter de classe, partidário, e tendo nascido, como o Partido, umbilicalmente vinculado aos meios proletários, a experiência que «A CLASSE OPERÁRIA» iria viver era inédita, sem precedente no país. Até então havia predominado no movimento operário brasileiro o apoliticismo, de cunho anarco-sindicalista. O próprio Partido se ressentiu dessa influência negativa. Também eram bastante difundidas e influentes as ideias economistas e reformistas. No fundo, a respeito da imprensa, prevaleciam as teses social-democratas vigorantes no movimento socialista europeu depois que ele caíu nas mãos dos velhos revisionistas. De acordo com essas teses, os órgãos da imprensa socialista não ficariam subordinados nem à direção nem à disciplina do Partido. Seus eventuais redatores deviam ser livres para os orientar como melhor lhes parecesse. Isto era a prova acabada da degenerescência dos partidos social-democratas, sua transformação em partidos reformistas, oportunistas, incapazes de preparar e dirigir a revolução destinada a liquidar o capitalismo. A vitória da Revolução de Outubro, na Rússia, e do marxismo-leninismo, vibraram um golpe tremendo a tais concepções. Mas não as destruíram, especialmente entre nós.

O Partido Comunista do Brasil, se bem que ainda engatinhasse na aplicação do marxismo-leninismo a nossa realidade, já começara a perceber que se quisesse realizar sua tarefa histórica não devia se transformar num apêndice de sua imprensa e sim dirigi-la de modo efetivo. A fim de unir as massas trabalhadoras das cidades e do campo e orientá-las, de evitar sua degeneração em um agrupamento reformista, o Partido precisava controlar sua imprensa. Aprendera que Lênin enfocara nos primórdios de sua atividade o papel do jornal não apenas como agitador e propagandista,

mas também como edificador de uma organização centralisada; aguerrida, já que na luta pelo Poder, a arma decisiva do proletariado é esse tipo de organização. Lênin, atacando o estreito espírito de círculo e o «anarquismo senhorial», signo dos inteletuais infensos ao trabalho organizado, ensinara que o proletariado só se tornaria invencível quando «sua união ideológica por meio dos princípios do marxismo se consolidasse na unidade material da organização». Insistiu em que a imprensa, a literatura e a arte deviam servir ao proletariado, livrando-se do filisteísmo, da falta de espírito de partido. Com o propósito de se opor à imprensa burguesa e a tudo quanto fosse individualismo e carreirismo dos inteletuais burgueses, Lênin indicava que os operários conscientes tinham necessidade de arvorar o princípio da literatura de partido, desenvolvê-lo, dar-lhe vida de modo cabal e completo. «A literatura — dizia ele — deve se tornar parte integrante da luta proletária». E explicava: «É impossível viver na sociedade e dela não depender. A independência do escritor, do artista ou da atriz burgueses não é outra coisa senão a dependência camuflada (ou hipocritamente disfarçada) da bolsa do capitalista».

Os comunistas brasileiros testemunhavam, por outro lado, o quanto era falsa a propalada imparcialidade e objetividade da chamada grande imprensa, da imprensa burguesa, que Lima Barreto, já em 1907, soubera tão vigorosamente desmascarar em seu «Recordações do Escrivão Isaías Caminha», livro que conserva tanta atualidade, apesar do refinamento pragmático a que recorre hoje em dia essa imprensa, a serviço da reação interna e do imperialismo norte-americano, para mentir, mistificar e embrutecer as massas.

Seguindo a concepção leninista, os comunistas quiseram fazer de «A CLASSE OPERÁRIA» um órgão de divulgação em tudo e por tudo diferente, seja da imprensa «sadia», comercial, privada, seja da imprensa apolítica ou reformista de alguns grupos operários. Pretendiam que fosse um jornal com espírito de partido. Embora a princípio essa posição aparecesse de maneira algo estreita, setária e a forma da propaganda fosse bastante geral, o jornal sempre se esforçou por corresponder às diretivas partidárias e buscou escre-

ver principalmente sobre os problemas que afligiam os operários e o povo, numa linguagem simples, direta, convincente. À medida que aplicava de modo vivo a linha do Partido, que rompia com o setarismo e se tornava mais flexível, «A CLASSE OPERÁRIA» passava a alargar sua influência, a granjear prestígio, fazendo-se por diversos títulos digna do apreço de todos sinceros revolucionários brasileiros.

LUTA POLÍTICA E IDEOLÓGICA

O nascimento de «A CLASSE OPERÁRIA» ocorreu numa fase ascendente das ações revolucionárias no país, em que uma nova disposição de forças políticas e sociais se formava para exigir as transformações democráticas que a sociedade brasileira de há muito necessitava. Nas cidades e no campo sucediam greves e manifestações de trabalhadores por suas reivindicações e direitos democráticos. Nos quartéis estouravam levantes, em especial de jovens oficiais que refletiam a radicalização das camadas pequeno-burguesas e burguesas, levantes de condenação às fraudes nos pleitos eleitorais, ao predomínio vergonhoso das velhas oligarquias serviçais dos latifundiários do café e dos banqueiros ingleses, e por medidas econômicas e culturais progressistas. Em face dessa situação, os comunistas, ainda pouco numerosos, se viam cada vez mais compelidos a participar da vida política, a sair do isolamento em que se encontravam. Em princípios de 1923, o Partido se preparava para debater, em seu II Congresso, problemas econômicos e organizativos da classe operária e do campesinato e questões de natureza política. Se apresentava como primordial e urgente a necessidade de efetuar uma viragem em direção às massas, lançar uma sólida ponte para elas e fazer com que os comunistas se dedicassem à ação política. Se impunha que fixassem sua atenção nos acontecimentos em curso, que afetavam outras classes e camadas oprimidas, que aparecessem como verdadeiros lutadores pela democracia e empregassem uma tática que elevasse a consciência das massas. Em suma, o Partido precisava se fortalecer através do caminho provado

da ligação com as massas. O veículo capaz de realizar essa tarefa seria um jornal, um semanário legal, já que os comunistas não possuíam recursos para editar um diário.

Assim é que, às vésperas do II Congresso do Partido, em 1925, surgiu «A CLASSE OPERÁRIA», porta-voz dos marxistas-leninistas, destinado a incentivar o trabalho junto às massas, esclarecê-las e uni-las na defesa de seus interesses, a ajudá-las na luta contra as forças reacionárias, a prepará-las para a revolução nacional e social. Simultaneamente, deveria contribuir para coesionar o pensamento e a ação dos comunistas, visando a fazê-los combatentes intrépidos, marxistas-leninistas fiéis, internacionalistas de verdade, incutindo em todos o espírito de partido, o amor sem limites ao Partido.

Nas diversas fases que assinalam a relativamente longa existência de «A CLASSE OPERÁRIA», os comunistas ressaltam com justificado sentimento de orgulho revolucionário que o órgão central cumpriu com honra seu dever. Sustentou corajosamente os interesses imediatos do proletariado e das massas populares, da mesma forma que jamais perdeu de vista seus interesses gerais e futuros. Concitou-os a participar da luta pelas liberdades, por uma reforma agrária radical, pela expulsão do imperialismo, descortinando-lhes a perspetiva do socialismo e insistindo nas idéias do internacionalismo proletário. Sempre obediente à orientação do Comitê Central do Partido, «A CLASSE OPERÁRIA» pode dizer que, desde seu primeiro número até ao momento atual, vem sendo uma consequente intérprete dos interesses dos oprimidos, uma valorosa combatente da causa da libertação nacional e social do povo brasileiro. Através de suas páginas, os comunistas têm contribuído para forjar uma forte consciência democrática e anti-imperialista, e também socialista, desenvolver nos militantes revolucionários proletários a convição da necessidade de construir um poderoso e combativo Partido, marxista-leninista, sem o qual será impossível conseguir o triunfo sobre a burguesia e o imperialismo.

Quando o Partido Comunista do Brasil fez o balanço resumido das experiências de sua atividade no documento «Cinquenta Anos de Luta», mostrou que, ao

travar diferentes batalhas ao longo desse período, havia obtido significativas vitórias mas cometera igualmente inúmeros erros. O sentido principal de seus esforços, no entanto, consistira em assimilar a teoria marxista-leninista e aplicá-la de maneira criadora às condições concretas brasileiras, isto é, tratara de elaborar e levar à prática uma linha política que correspondesse à realidade, aos interesses da revolução no país. A avaliação desse processo incluíu logicamente a crítica a seu periódico central, crítica cuja finalidade era a de corrigir os vaivéns e retrocessos que se refletiram na orientação do jornal.

Efetivamente, erros existiram. E não podia ser de outra forma, já que não somos idealistas, com pretensões de fazer tudo à perfeição. Resultaram em sua maior parte de debilidades e limitações, ou de dificuldades na luta para melhor servir ao povo, para transformar o marxismo-leninismo num guia de ação, na arma invencível da libertação dos explorados e oprimidos pelo capitalismo e pelo imperialismo. Entretanto, o acervo de experiências é bem mais positivo que negativo, registra sucessos excelentes.

As páginas de «A CLASSE OPERÁRIA» sempre transbordaram de ódio à exploração e às injustiças, infundiram esperanças em um mundo melhor. Propugnaram com vigor as reivindicações dos trabalhadores, denunciaram de modo candente a falta de direitos para o povo. Nelas os comunistas patrocinaram campanhas memoráveis em favor da jornada de 8 horas, da lei de férias remuneradas, da indemnização em decorrência de dispensa do trabalho, do direito de greve, da regulamentação do trabalho de menores e mulheres, do salário igual para trabalho igual, contra a carestia de vida e muitas outras. Em relação ao movimento sindical, pleitearam o direito de livre sindicalização, com a consequente formação de federações sindicais regionais e da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), a qual chegou a ser criada antes de 1930, mas logo a seguir fechada, o mesmo ocorrendo em 1946. A palavra-de-ordem «Todos os trabalhadores dentro de seus Sindicatos» foi difundida amplamente em suas colunas. As manifestações do 1.° de Maio realizadas de 1926 a 1935, assim como as do período de 1945-1953, encontraram apoio entusiástico do jornal.

Através de «A CLASSE OPERÁRIA» ganhou notável incentivo a idéia da formação da frente-única dos trabalhadores e das forças populares. Desde o lançamento do Bloco Operário e Camponês, constituído em 1926 com a finalidade de aglutinar as forças fundamentais do povo, passando pela Aliança Nacional Libertadora, em 1935, para resistir ao fascismo, até a ampla frente patriótica que é hoje preconizada pelo Partido objetivando à derrubada da ditadura militar-fascista, a questão da frente-única tem sido um dos **leit motiv** do jornal. Na mesma medida, e com maior energia, vem ele infundindo a idéia da luta revolucionária contra o monopólio da terra e demais restos feudais, por uma reforma agrária radical, contra a espoliação imperialista, sobretudo a norte-americana, pela completa independência nacional, pela conquista de amplas franquias democráticas e por um novo regime político e social que assegure a soberania do país, bem-estar e cultura para o povo.

Como não podia deixar de ser, a insurreição de Novembro de 1935 recebeu a solidariedade dos comunistas em textos vibrantes do órgão central do Partido. E quando, em 1962, «A CLASSE OPERÁRIA» retomou suas melhores tradições, se transformou num posto avançado do combate pelas soluções revolucionárias para os problemas brasileiros. Condenou a via pacífica defendida pelos revisionistas e vem fundamentando a necessidade do caminho da luta armada, da guerra popular, como o único capaz de livrar o Brasil da ditadura militar e da dominação imperialista norte-americana. Ao surgir a resistência guerrilheira no Araguaia, em Abril de 1972, saudou-a com entusiasmo e publicou um grande número de artigos e materiais relacionados com esse acontecimento, que abre novos horizontes ao movimento revolucionário e democrático.

A idéia do socialismo, a propaganda da edificação do novo regime na União Soviética, no período de Stálin, a inelutabilidade de sua vitória, sempre estiveram presentes em artigos, reportagens e trabalhos publicados em «A CLASSE OPERÁRIA». Quanto mais as forças do capitalismo, do fascismo e dos renegados revisionistas tentam desmoralizar a causa socialista e fazer com que o proletariado abandone a luta contra a

escravidão assalariada mais os comunistas se empenham em demonstrar que a sorte do regime de exploração do homem pelo homem está definitivamente selada. De acordo com as previsões de Marx, Engels, Lênin e Stálin, nada poderá evitar o desaparecimento do capitalismo e o surgimento da nova sociedade.

Outro tanto deve ser dito com referência à defesa do internacionalismo proletário. O lema «Proletários de todos países, uni-vos!» é a epígrafe consagrada do jornal desde sua fundação. Milhares de trabalhadores têm sido educados no sentimento de solidariedade a seus irmãos dos países capitalistas, aos povos que constróem o socialismo e aos que são oprimidos pelo imperialismo e lutam por sua libertação nacional. Quando a União Soviética, sob a direção de Stálin, era o baluarte da revolução mundial, os comunistas brasileiros afirmavam que a pedra de toque do internacionalismo proletário residia na defesa do primeiro Estado Socialista. Hoje, que os revisionistas soviéticos transformaram o glorioso país de Lênin e Stálin numa potência social-imperialista, o dever dos comunistas exige, ao contrário, a luta unida contra sua política agressiva e hegemônica. Coerente com essa posição internacionalista, «A CLASSE OPERÁRIA» publicou, em 1962, a resolução do Comitê Central do Partido defendendo a China Popular contra a agressão da Índia de Nehru. Esclareceu, além disso, os reais motivos que levaram os expansionistas hindus a cometer aquele crime, do qual saíram derrotados e bastante desmascarados. A mesma conduta se manifestou por ocasião da Grande Revolução Cultural Proletária. Também nas páginas de «A CLASSE OPERÁRIA» sobressai a profunda amizade que une os marxistas-leninistas do Brasil a seus camaradas da Albânia, amizade que se estreita dia a dia para benefício da causa comum.

Enfim, «A CLASSE OPERÁRIA» tem sido um firme baluarte na luta contra o liquidacionismo e em defesa do Partido. Promove intensa campanha de desmascaramento dos revisionistas contemporâneos, traidores do movimento operário. Se em outros tempos, combateu com veemência o oportunismo, ajudando a descobrir as posições vacilantes e reformistas do ex-secretário geral do Partido, Astrogildo Pereira, e denunciando o prestismo como tendência caudilhesca,

pequeno-burguesa, nos últimos anos vem contribuindo poderosamente para mostrar a fisionomia de Prestes como renegado da revolução, positivista travestido de marxista-leninista. Sob esta capa, Prestes tentou liquidar a tradicional organização dos comunistas e impingir como sucedâneo um agrupamento nacionalista-burguês, reformista, que denominou de Partido Comunista Brasileiro. Mas malogrou em seu infame propósito.

Graças em boa parte ao trabalho de «A CLASSE OPERÁRIA», o Partido, após o golpe de 1964, fez uma retirada em relativa ordem. Apesar de ter sido fechada e sua sede ocupada pelos militares, o órgão central dos comunistas se torna mais necessário nessa nova fase de vicissitudes que vive o país. Os artigos que pública refletem o amadurecimento do Partido, o avanço da revolução. Se sente, ao lê-los e estudá-los, que o Partido procura seriamente se colocar à altura de suas grandiosas tarefas. Debate temas políticos que estão na ordem-do-dia e oferecem condições de mobilizar as massas; examina as plataformas e os meios para ampliar a frente de resistência patriótica e popular; busca a melhor concepção e os métodos mais apropriados à preparação e desencadeamento da luta armada; concentra o fogo de seu ataque no revisionismo contemporâneo, que é o maior perigo para o movimento comunista e revolucionário, sem abandonar o combate às demais idéias hostis e estranhas ao proletariado, de fundo pequeno-burguês e burguês.

Na luta política e ideológica, «A CLASSE OPERÁRIA» revelou, nos cinquenta anos transcorridos desde sua fundação, que o proletariado é a única classe capaz de, em aliança com os camponeses, constituir a força social indispensável à realização das transformações revolucionárias reclamadas pela sociedade brasileira.

APOIO ESSENCIAL E COMOVENTE

Por mais que as classes dominantes e os corifeus do liberalismo proclamem os direitos do homem e do cidadão e apresentem a liberdade de imprensa como a mais preciosa das liberdades, a prática é outra. Para os trabalhadores e oprimidos, sobretudo. Os jornais

populares e operários são prova disso. A luta para usufruir o direito de expressar e difundir idéias livremente, através da imprensa, tem sido duríssima. Hoje, sob a ditadura militar, até os jornais reacionários sofrem severa censura, salvo quando fazem acordo com os generais fascistas ou se colocam ao serviço de sua política. Não é de admirar, pois, que «A CLASSE OPERÁRIA», em meio século de existência, só por brevíssimos períodos tenha saído legalmente. A maior parte desse tempo, foi editada e circulou clandestinamente, sujeita a feroz perseguição. Teve de superar mil e um obstáculos que lhe impunham os inimigos para calar sua voz. Não há no país exemplo de jornal tão perseguido.

Não obstante, apenas temporariamente deixou de ser publicada. No presente, prossegue de modo impávido ocupando seu posto de combate. Isto de forma alguma acontece por casualidade, mas sim porque ela corresponde aos interesses do proletariado e de seu partido, que vêem no jornal seu intérprete consciente, destemoroso, pertinaz.

Agitando as reivindicações proletárias e populares, propaganda a idéia da revolução e do socialismo, sincera e apaixonadamente, «A CLASSE OPERÁRIA», apesar da pobreza material, sempre apareceu eloquente como a verdade que defendia, despertava entusiasmo, suscitava a simpatia da gente simples que mostrava carinho com o jornal, passava a reclamá-lo, a apoiá-lo, a protegê-lo. Seus redatores, gráficos, correspondentes e distribuidores contribuíram para estender sua influência. Formaram em torno dele um coletivo disposto a todos os sacrifícios para que continuasse levando a verdade ao povo, para assegurar a difusão da palavra do Partido.

A cada invasão de suas oficinas, a cada repredação de suas redações, ou depois da prisão, tortura ou assassinato de alguns de seus destemidos trabalhadores ou colaboradores, sucedia o aumento das manifestações de solidariedade ao jornal, se ampliava a aura popular que o cercava, crescia a determinação de republicá-lo e difundí-lo em maior escala.

Essas manifestações comoventes se expressavam na angariação de recursos materiais, através de todo

tipo de contribuições. O jornal periodicamente publicava a relação das contribuições, prestando contas a seus leitores e amigos das fontes que invariavelmente o sustentaram. Assim se criou e desenvolveu a legenda de heroísmo e devotamento que fazia «A CLASSE OPERÁRIA» ressurgir em resposta aos golpes desferidos pela redação. Os redatores e gráficos, bem como o inesquecível «Classop», foram homens corajosos que dedicaram suas vidas desinteressadamente à revolução. Obra do Partido, apoiada por um tão formidável ativo de colaboradores, «A CLASSE OPERÁRIA» espelhava as virtudes e potencialidades do proletariado brasileiro, a força e a grandeza de sua causa.

Por isso, a reação persegue encarniçadamente o jornal, todos os que nele trabalham. A saída de cada número representa uma dura batalha. Até sua leitura é considerada crime pelos governantes. Sob a ditadura militar, a posse de um simples exemplar do órgão central do Partido dá motivo para prisões e torturas.

«A CLASSE OPERÁRIA», no entanto, sempre encontrou meios e formas de levar a orientação do Partido a seus militantes e aos setores avançados do proletariado e do povo. As forças reacionárias e fascistas jamais conseguiram silenciá-la em definitivo. Também os revisionistas tentaram fazê-lo, por manobras escusas, mas falharam. É que, em sua renegação dos objetivos revolucionários, os revisionistas, chefiados por Prestes, pretenderam logo depois de 1957, acabar com a tradição combativa da imprensa do Partido. Sentiam particular repugnância por tudo quanto cheirasse a proletário, dizendo que a palavra traduzia setarismo. Chegaram então a abandonar o nome de «Voz Operária» que, em certo período, substituíra «A CLASSE OPERÁRIA». A esta, davam-na como inexistente para todo o sempre. De modo que, quando a viram voltar à circulação, em 1962, ficaram furiosos, trataram de ignorá-la. Haja visto que o pseudo-historiador e velho oportunista, general Nelson Werneck Sodré, num volumoso e superficial livro de compilação sobre a história da imprensa brasileira, editado em 1964, não diz uma palavra sobre o reaparecimento do antigo periódico central dos comunistas.

Entre parêntesis, é preciso dizer que a vida pregou uma peça aos revisionistas e a Prestes. Após 1964, eles recorreram à feitura de jornais com nomes operários, procurando se salvar da desmoralização em que caíram, e ver se ainda conseguiam impingir sua mercadoria envenenada aos trabalhadores e prestar serviços à burguesia.

Enquanto isso, para os revolucionários, para os comunistas, «A CLASSE OPERÁRIA» era tão necessária como o ar, significava a presença do próprio Partido, a materialização de sua existência. Em vários momentos da vida nacional se tornou o elo visível, concreto, principal, de ligação entre os comunistas. Assim sucedeu no período do famigerado Estado Novo fascista. Assim sucede agora nos terríveis anos da ditadura militar. Recebê-la, ler e estudar seus artigos, difundi-la, é uma das mais importantes formas de atividade dos comunistas que, nela inspirados, articulam suas forças, reconstróem a organização, se ligam às massas, preparam a revolução.

É impossível aqui narrar os enormes sacrifícios e relacionar os nomes de todos os que se empenharam para que «A CLASSE OPERÁRIA» continuasse circulando e cumprindo o dever de esclarecer e educar o proletariado e as forças populares em sua luta emancipadora. Destacamos o mais antigo dentre eles, o do camarada José Duarte, que se tornou incansável batalhador em prol da imprensa revolucionária proletária. Ressaltamos igualmente o nome do camarada Maurício Grabois que, desde seu ingresso no Partido, em 1932, esteve ligado ao jornal, quer na condição de «Classop», quer na de colaborador assíduo ou de dirigente que esteve por mais tempo à frente do órgão central do Partido. Ele tem sido um dos mais decididos defensores da linha proletária da imprensa comunista, um dos melhores jornalistas da causa da revolução.

Devemos honrar sobretudo os que não pouparam nenhum sacrifício e imolaram suas preciosas vidas para que o jornal do Partido difundisse as idéias da liberdade e do socialismo. Relembramos com emoção nomes como o do camarada Amaro Francisco de Oliveira, «Classop» assassinado em 1935 pela polícia de Per-

nambuco, sob a direção de Etelvino Lins. Ou o do camarada Carlos Danielli, que respondia pela redação de «A CLASSE» quando foi massacrado pelos militares fascistas, em fins de 1972, num dos quartéis de São Paulo. O empenho do camarada Danielli para que o jornal saísse com regularidade e ajudasse as organizações partidárias em sua atividade política é digno de exemplo. Não cabe agora mencionar e exaltar outras figuras queridas. A extensa legião está para sempre ligada à imprensa do Partido. Jamais será esquecida.

* *
*

Ao completar cinquenta anos, «A CLASSE OPERÁRIA» percorreu brilhante trajetória, cumpriu destacada função. Se projetou como o porta-voz da vanguarda marxista-leninista brasileira, tenaz defensora dos interesses populares, ardente propulsora das correntes patrióticas e progressistas, irreconciliável inimiga da ditadura militar e do fascismo, do latifúndio e do imperialismo, destemorosa propagandista da revolução agrária e anti-imperialista, etapa necessária para passar ao socialismo.

No processo revolucionário que se desenrola ante nossos olhos, no Brasil e no mundo, «A CLASSE OPERÁRIA» terá de se desincumbir de missões da mais alta importância. Deverá desempenhar um grande papel tanto agora como em futuro imediato.

O mundo capitalista agoniza. Suas crises se manifestam cada dia mais violentas, seus males são incuráveis. Nem o terror fascista a que recorre com maior frequência, nem as panacéias reformistas e revisionistas podem salvá-lo. Entretanto, é difícil prever exatamente em que momento será sepultado e até quando seus miasmas e sua maldita herança continuarão empestando o ambiente social. O certo é que o imperialismo e o social-imperialismo preparam novas agressões e tentam estabelecer seu domínio sobre os povos. Em contrapartida, sobe a maré revolucionária, exigindo uma direção à altura para que a vitória seja conseguida. Assume proporções gigantescas a luta ideológica, se impõe como nunca a defesa das posições

marxistas-leninistas e a adoção de táticas flexíveis que orientem de modo justo as forças da revolução ascendente.

A situação do Brasil também piora. O país está ameaçado de recolonização. O povo passa privações. Aumenta o reclamo pela derrubada da ditadura militar-fascista. Se agrava o impasse entre a expressa vontade da imensa maioria da nação e a obstinada decisão dos generais de se conservarem no Poder e executarem sua política anti-nacional e anti-popular. A campanha pela convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, pela Abolição de todos os Atos e Leis de exceção e pela Anistia Geral, através da ampla união das forças anti-ditatoriais e do recurso a todas as formas de luta, se tornou o centro da atividade dos comunistas e das correntes democráticas e populares. Ao mesmo tempo, se impõe o fortalecimento do Partido marxista-leninista, cresce sua responsabilidade política e ideológica.

Nessas circunstâncias, o jornal dos comunistas se faz ainda mais indispensável. Ele orienta, une e dá alento ao conjunto do Partido. Seus artigos esclarecem e reforçam a convição dos revolucionários. Além de lidos devem ser estudados, pois traduzem o pensamento mais avançado, a mais justa teoria revolucionária. Contribuem para distinguir os marxistas-leninistas dos revisionistas, os verdadeiros dos falsos comunistas.

É preciso encontrar meios e modos de editar e reproduzir «A CLASSE OPERÁRIA», fazê-la chegar às organizações partidárias, de maneira segura, eficiente. Cada exemplar deve ser valorizado. Cumpre ainda apoiá-la com boas correspondências, informações oportunas e contribuições financeiras.

«A CLASSE OPERÁRIA» é uma das tribunas mais gloriosas do proletariado militante, marxista-leninista, internacionalista, de nosso país. Continuemos a sustentá-la sem nenhum desfalecimento.

Salve o 50.° aniversário do órgão central do Partido Comunista do Brasil!

CLASSOP, MILITANTE ABNEGADO

«A Classe Operária»,
n.º 97 — Ano XI
Maio de 1975

Quando transcorre o cinquentenário da fundação de «A CLASSE OPERÁRIA», merece registro especial o contingente de militantes que se dedicaram a sua difusão entre os trabalhadores e as massas populares. Eles viveram e enfrentaram todas vicissitudes que atravessou o órgão central do Partido Comunista. Compreendiam o significado das opiniões avançadas, expressas no jornal, e se esforçavam ao máximo para divulgá-las amplamente. São milhares, muitos milhares, os que sofreram perseguições e passaram pelos cárceres porque distribuíam, aberta ou clandestinamente, «A CLASSE OPERÁRIA». Há também os que perderam a vida nessa nobre tarefa. Todos prestaram relevante serviço à revolução.

No período da legalidade — março de 1962/março de 1964 — «A CLASSE OPERÁRIA» contou com a colaboração ativa de inúmeros CLASSOPs. Era vendida nas bancas dos jornaleiros em todo país. Mas era vendida também em **comandos.** Uma correspondência de São Paulo, publicada em Agosto de 1962, dizia: «Compreendendo a importância da difusão de «A CLASSE OPERÁRIA», os comunistas se vêm dedicando, cada vez mais, à realização de comandos para levar o jornal aos traba-

lhadores, nas portas das fábricas, nas feiras e de casa em casa. Nesse trabalho, alguns companheiros se têm destacado. Por exemplo, na Casa Verde, um velho militante conseguiu 50 leitores fixos do jornal e faz constantemente comandos com seus companheiros. Outros comandistas que nestas últimas semanas alcançaram verdadeiro recorde individual na difusão de «A CLASSE OPERÁRIA» foram os companheiros Wilson e Gaúcho (Manuel Nurquas). Num comando em Guianazes, em pouco mais de uma hora, eles venderam 150 jornais. No dia 5 de Agosto, fizeram um comando em Ermelindo Matarazzo e venderam em pouco tempo 200 exemplares. Além deles, inúmeros outros companheiros se vêm dedicando à difusão de «A CLASSE OPERÁRIA». Numa outra correspondência, publicada na mesma data, proveniente de São Gonçalo, Estado do Rio, se dizia: «Leitores de «A CLASSE OPERÁRIA», no último dia 2, realizaram um bom comando para a venda do jornal na porta da Usina Metalúrgica HIME. Os comandistas ofereciam o periódico aos trabalhadores dizendo tratar-se de um jornal comunista. Dezenas de exemplares foram vendidos em poucos minutos». E assim em quase todos Estados.

Atualmente, sob o regime terrorista dos generais, não se pode aplicar os mesmos métodos daquele período. Mas o CLASSOP continua sendo indispensável. Ele precisa estudar as formas mais variadas e adequadas à distribuição com segurança do jornal, entendendo que onde chega «A CLASSE OPERÁRIA», aí chegam a orientação e a política correta do Partido. Entre outros meios, o CLASSOP deve se preocupar constantemente em selecionar nomes e endereços de pessoas que lhe pareçam mais úteis receber o jornal. Esses nomes e endereços podem e devem variar, ou repetir-se, mas multiplicar-se sempre. É uma ação propagandística de grande valia, que não deve ser subestimada, uma forma concreta de lutar contra a ditadura. Naturalmente, os cuidados são necessários para defender o militante e a organização partidária de golpes da repressão.

A figura do CLASSOP se identifica com a do militante abnegado, convencido de que as idéias revolucionárias, como enfatizava Marx, se transformam em força

material quando penetram na consciência das massas. Seu trabalho, modesto e pertinaz, trabalho de formiga, tem extraordinário valor e enorme alcance. De imediato, pode não aparecer muito. Seu resultado, porém, é dos mais compensadores e altamente produtivo. O CLASSOP é um arauto do Partido, um mensageiro da revolução.

«A CLASSE OPERÁRIA» — NOSSA ESTRELA-GUIA

A. Pageu

Nas comemorações do 50.° aniversário de nossa querida «A CLASSE OPERÁRIA» participam várias gerações de militantes do Partido Comunista do Brasil. Todos nós, os que viemos ao Partido nas grandes jornadas revolucionárias de 34/35, os combatentes mais velhos e os mais jovens, apresentamo-nos como verdadeiros camaradas, imbuídos do mesmo entusiasmo comunista. E sempre leais e firmes, sejam quais forem as tarefas, combates, durezas ou vicissitudes, marchamos juntos, ombro a ombro, sob as gloriosas bandeiras de nosso Partido, numa férrea unidade em torno do Comitê Central.

Hoje mais do que ontem e amanhã mais do que hoje, êste nosso espírito: lutar é parte inseparável de nossa vida, lutar todos os dias irmanados pelos mesmos ideais e pela fidelidade a toda a prova a nosso Partido, lutar até ao fim e servir apaixonadamente nosso povo, confiantes em seu futuro radioso. Como estandarte e símbolo desta luta, iluminando os caminhos libertadores de nosso povo, esteve e está sempre nas primeiras linhas de combate «A CLASSE OPERÁRIA», órgão central do Partido Comunista do Brasil e porta-voz dos trabalhadores, para os trabalhadores e

pelos trabalhadores. Com o passar dos anos, nos dias de hoje em especial, sentimos incontida alegria ante cada novo número da «CO» que nos chega às mãos e avidez crescente na leitura de suas matérias esclarecedoras, que trazem luz, confiança e certeza.

Ao avaliarmos seus 50 anos de lutas, podemos dizer com a consciência tranquila de quem constata uma verdade cristalina: «A CLASSE OPERÁRIA» percorreu um caminho glorioso. Sua trajetória histórica é a trajetória mesma de nosso Partido. Seus ricos ensinamentos para os dias de hoje e os de amanhã são a expressão viva do processo dialèticamente dinâmico da luta de classes e das lutas libertadoras no Brasil, das lutas renhidas dos proletários revolucionários e de seu partido-guia — o Partido Comunista do Brasil.

Está aí diante de nossos olhos: toda uma história plasmada nos silêncios construtivos da clandestinidade revolucionária e sem qualquer tradição de legalismo burguês, aconchegante e corrutor. Até hoje, nenhum jornal brasileiro chegou a acumular tradições tão gloriosas, a ser tão amado e respeitado, a ter uma história tão rica, marcada pela força de seu exemplo, pelo poder de persuasão de seus pontos-de-vista e pela influência política e ideológica que exerce entre os revolucionários e patriotas brasileiros, sabendo galvanizar os comunistas em suas ações e as massas em suas lutas. Manancial inexgotável de experiências e cheia de lições a tirar? Sim, porque sempre defensora intransigente da causa proletária e testemunha viva da força e vitalidade dos ideais marxistas-leninistas e da invencibilidade da prática proletário-revolucionária. Centro agitador e propagandístico coletivo apaixonado, mobilizador e organizador coletivo sem igual, aglutinador e coesionador coletivo exemplar? Sim, porque sempre fiel às indicações do grande Lênin sobre a missão da imprensa partidária, a serviço do Partido e das massas trabalhadoras e populares.

Subordinada ao Comitê Central e seguindo sua orientação, «A CLASSE OPERÁRIA» tem contribuído exemplarmente para criar a experiência comum de nosso Partido e para enriquecê-la sempre, para forjar suas gloriosas tradições de lutador proletário-revolucionário

e para assegurar sua continuidade histórica. Assim, tem sido laboratório comunista a produzir permanentemente produtos de primeira qualidade, fonte geradora constante de energias revolucionárias. E também força propulsora da necessidade de revolucionarizar ininterruptamente as fileiras partidárias, de elevar mais e mais em todos nós comunistas o espírito de Partido, o amor, a dedicação e a fidelidade sem limites e a toda a prova ao Partido. Em sua longa existência, a «CO» procurou sempre incutir nos militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil o dever proletário-revolucionário de sustentarmos firmemente, em cada momento e em quaisquer circunstâncias, na mais dura vida clandestina, nos combates mais aguerridos ou nas câmaras de torturas e nos presídios ditatoriais, esta legenda heróica: «PRIMEIRO O PARTIDO, DEPOIS TUA VIDA, SE POSSÍVEL». Maravilhosa missão a de «A CLASSE OPERÁRIA», tão maravilhosa quanto a do Partido e a da classe que representa com honra — o partido dos proletários, a classe dos proletários.

Ao sistematizar as experiências e atividades de nosso Partido e junto com elas os problemas novos nacionais e internacionais do ponto-de-vista marxista-leninista, «A CLASSE OPERÁRIA» contribui vivamente para elevar o nível político e ideológico do coletivo militante partidário e dos combatentes mais avançados das massas. Ao generalizar as lutas do povo brasileiro e denunciar a exploração e a opressão de que as massas são vítimas e conclamá-las a ações político-revolucionárias dos mais variados tipos e níveis, é, ao mesmo tempo, o desmascarador implacável dos revisionistas prestistas, oportunistas e traidores da causa revolucionária e o combatente intransigente contra o imperialismo ianque e o social-imperialismo russo e contra a tirania militar fascista imposta pela força das armas a nosso povo. Através da «CO», recebemos a orientação segura e clara numa linguagem simples e vivaz, como tudo que é autêntico e vem da experiência amadurecida dos que aprenderam a expressar as verdadeiras aspirações populares. Assimilar criadoramente seu rico conteúdo, utilizá-la ao máximo, difundi-la por toda a parte e audazmente, mas sem infringir as normas que a vigilância revolucionária exige, não disperdi-

çar um só exemplar, é um de nossos deveres primeiros.

Nos combates sob gloriosas bandeiras é que brotam, sem cessar, em todas épocas e sob mil formas, a heroicidade das massas proletárias e de seus fiéis servidores — os comunistas. Quando pronunciamos as palavras «a nossa querida CO» é dever de todos nós, militantes do Partido Comunista do Brasil, expressar nosso «muito obrigado» aos milhares de abnegados combatentes proletários e de verdadeiros patriotas e democratas que jamais deixaram de dar a «A CLASSE OPERÁRIA» seu firme apoio e ativa solidariedade, com desassombro e abnegação. E em especial nosso profundo reconhecimento aos valorosos camaradas destacados para a difícil tarefa de redigir, imprimir, empacotar e distribuir «A CLASSE OPERÁRIA» e a cumpriram de maneira exemplar, em circunstâncias geralmente adversas, sem medir sacrifícios, nem mesmo o da própria vida.

Seus redatores, colaboradores e correspondentes sempre deram o melhor de si, buscando superar continuamente as próprias deficiências, para que o conteúdo da «CO» correspondesse a seu título e a suas insígnias da foice e do martelo, com a estrela vermelha disposta no lado esquerdo; e fosse também fiel a sua legenda internacionalista proletária: «PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!» Vários estilos de várias gerações, o dos antigos militantes e dirigentes e o dos mais jovens, se mesclam em suas páginas, mas sempre fundidos num mesmo conteúdo: a propaganda das idéias marxistas-leninistas e da linha proletário-revolucionária, a voz sempre vibrante do Partido Comunista do Brasil, glorioso e invencível. E justo é destacar o melhor entre os melhores de seus colaboradores, seu diretor desde maio de 1945 — o camarada Maurício Grabois, agitador, propagandista e polemista por excelência e de talhe leninista.

Seus impressores, acumulando ao mesmo tempo a tarefa de empacotadores, sempre deram mil provas de comunistas exemplares para que a «CO» aparecesse regularmente, mesmo nas mais difíceis condições de repressão e de clandestinidade, não importando a constante variação de seus aspetos gráficos.

Num trabalho cheio de riscos, porque na mais rigorosa ilegalidade, nestes camaradas passa a não haver lugar para cálculos pessoais e mesquinhos, ambições ridículas de promoções a postos dirigentes, espera egoísta de títulos e honrarias, mas apenas a satisfação pela certeza do dever cumprido. Sem qualquer comodidade e sem poderem aparecer nem mesmo em restritas reuniões partidárias, sem se deixarem fazer notar, sabendo como se vincularem ao único camarada de ligação, mas ninguém sabendo onde moram nem como encontrá-los, pronunciando poucas palavras que não chamem a atenção nos raros encontros rápidos, com todos sentidos sempre atentos para perceberem, num relance, tudo o que lhes parecer estranho, é como trabalham e vivem exclusivamente, a tempo integral, para a «CO».

Seus distribuidores, os que carregam o honroso título de «CLASSOP», num devotamento comovente, jamais mediram sacrifícios ou riscos, nem pensaram em dificuldades ou comodidades, para cumprir a difícil tarefa de camuflá-la de mil formas engenhosas e de fazê-la chegar de múltiplas maneiras a milhares de combatentes revolucionários no Brasil inteiro, nas fábricas e nos campos, nas favelas e mocambos ou nas choças de barro e palha. Ou para colocá-la, noite a dentro, por baixo das portas de lares humildes e silenciosamente desaparecerem. Ou para participar num comando de pichadores, que, nas caladas da noite, carregando tinta e pincél, desempenham, sem temores, a arriscada missão de pintar seu nome nos muros velhos das cidades ou nas pedras dos caminhos. Ou para entregá-la a mãos calosas, dizendo baixo, quase com os lábios cerrados: «lei-a, camarada, com toda a atenção, e passe-a adiante, não a deixe em casa, nem mesmo camuflada, envie-a em seguida pelo correio se for possível, ou queime-a se não tiveres a quem entregá-la até amanhã à noite». Nos dez anos de ditadura getuliana ou nestes onze anos de tirania militar fascista, quantos de nós, tendo nas mãos o exemplar de nossa querida «CO», após terminar de ler e reler, já nos aproximamos, em passos lentos, vezes e vezes, da chama de um candieiro ou de um fogão e o queimamos sem vacilar, desfazendo-nos inclusive de suas

cinzas? Com o coração apertado e um nó na garganta, lágrimas nos olhos, é verdade; mas, é verdade também, com suas palavras orientadoras guardadas fundo para nos guiarem nas dificuldades e para sabermos convencer a outros camaradas ou amigos de sua justeza, além de ficarmos com a consciência tranquila de que, assim, estávamos observando disciplinarmente as regras de vigilância revolucionária, resultantes de uma vivida e dura experiência, que visam dar continuidade a nossa luta, mesmo nas condições da mais rigorosa clandestinidade, devido a repressão militar fascista.

Ao render justas homenagens aos redatores, colaboradores, correspondentes, impressores, empacotadores e distribuidores de «A CLASSE OPERÁRIA», nas comemorações de seus 50 anos de lutas, frizemos: em geral são camaradas que se destacam como comunistas exemplares, embora nem sempre ocupem postos dirigentes e em sua maioria sejam modestos militantes.

Ao viverem na clandestinidade, num trabalhar permanentemente anônimo, os camaradas redatores, impressores e distribuidores da «CO» geralmente são obrigados a ter várias identidades e a usar mil nomes diferentes. De alguns, conhecemos seus verdadeiros nomes; de outros, nem mesmo sabemos como se chamavam. De muitos, guardamos apenas, carinhosamente, um ou outro «nome de guerra», como dizemos em nossa linguagem partidária. O essencial, porém, conservamos com o zelo do que está inscrito definitivamente nas gloriosas tradições de «A CLASSE OPERÁRIA» e deve ser transmitido vivamente de geração a geração: seu trabalho sempre abnegado, suas vidas cheias de dedicação, sem nunca terem dito um «NÃO» diante de qualquer tarefa partidária e a executando com entusiasmo.

Com profundo respeito, é nosso dever lembrar sempre estes camaradas: os que pela «A CLASSE OPERÁRIA» foram perseguidos e nunca se entregaram; ou presos e torturados e nunca falaram; ou passaram anos a fio nos cárceres da repressão ditatorial e sempre mantiveram alta a chama de sua dignidade de comunistas que não se vergam. E destaquemos especialmente os nomes dos que foram friamente assassinados por beleguins policiais e militares ao resistirem bravamente à prisão, ou ao enfrentarem as mais bárbaras

torturas, com a coragem tranquila e confiante de verdadeiros comunistas, souberam sustentar como o heroi da fábula: «MEU NOME É NINGUÉM». Quando o dever e a honra de um comunista se manifestam naturalmente, como hábitos diuturnos, adquirem uma estrutura de mandamento e passam a ser exemplos que ficam para sempre, sem a marca do tempo.

Com a força de nossos sentimentos proletário-revolucionários, evoquemos, pois, a memória de todos valentes camaradas que deram o melhor de si mesmos pela «A CLASSE OPERÁRIA» com amor e paixão verdadeiramente emocionantes, pois a honrosa tarefa de porta-estandartes da «CO» passou a ser vida de suas vidas. Sempre incansáveis e infundindo confiança, nunca tomando conhecimento da existência de dificuldades, sacrifícios ou riscos nem pensando em quaisquer comodidades, jamais se preocupando consigo mesmos, eis a constante de suas vidas de militantes comunistas. São modelos, portanto, a seguir, porque encarnação viva da grandeza silenciosa e edificante do heroismo proletário.

Apresentemos armas e digamos «PRESENTE» ao bravo Cabo Jofre. Pertencendo à Aeronáutica, foi combatente intrépido da insurreição popular de novembro de 1935. Após a derrota da insurreição, conseguiu escapar do cerco e perseguição das tropas getulianas, passando às atividades partidárias clandestinas. Destacado para responsável pela impressão da «CO», vivia onde funcionava a gráfica do Partido: uma casa humilde de um subúrbio carioca, sem qualquer espécie de comodidade. Uma noite viu a casa cercada pela polícia gestapena de Felinto Muller, nos dias negros da ditadura getuliana. Não se intimidou: minou a base da máquina impressora da «CO» e o quarto onde estava camuflada, acendeu a mecha, pulou a única janela existente na pequena casa, tiroteou sem cessar, com vistas a romper o cerco policial, tombando, entretanto, sem vida após uma rajada de metralhadora pelas costas, certamente sorrindo por ainda ter ouvido a forte explosão havida concomitantemente. Nada sobrou da pequena casa suburbana, nem da máquina impressora da «CO», nem da tipagem, nem dos papéis ali existentes. Nada caiu nas garras dos cães policiais, ávidos por

documentos secretos do Partido, mas impotentes diante da bravura exemplar do inesquecível Cabo Jofre. Sem se ter rendido jamais às forças inimigas, o nome do Cabo Jofre ficou vivamente gravado para sempre na história gloriosa de nosso Partido, seu sangue generoso como semente, sua vida de bravo como modelo.

Com particular carinho, recordemos os modestos militantes comunistas como Erasmo, operário gráfico baiano, dedicação comovente e a toda a prova, zeloso no cumprimento de suas tarefas partidárias, revolucionário profissional infatigável. Primeiro, em Salvador, na Bahia, compondo e imprimindo sempre a «CO» numa velha máquina «Minerva» manual e com tipagem de madeira, mesclada com alguns tipos de chumbo conseguidos pela abnegação de alguns militantes gráficos. Vivia sempre em pequenos barracos dos subúrbios mais pobres de Salvador, dormindo em cima de jornais velhos e quase abraçado na «Minerva», que amava de todo coração e cuidava com carinho, conseguindo inclusive torná-la silenciosa, a fim de que não se ouvisse o menor ruído nas caladas da noite. Solteiro, dizia sorrindo, num falar baixo e manso, com comovente simplicidade proletária: «Minha companheira inseparável é a velha Minerva». Depois, no Rio, atendendo à convocação do Secretariado do Comitê Central para continuar compondo e imprimindo a «CO», noutra «Minerva» manual, num barraco de um subúrbio carioca. Preso o Secretariado do Comitê Central em março e abril de 1940 pela Gestapo getuliana, não caiu a gráfica da «CO» nem caiu Erasmo. Perdendo os vínculos com a direção central e mesmo com o Partido, não tendo dinheiro para ir a Salvador nem sabendo como comunicar com seus velhos conhecidos do Comitê Regional da Bahia, Erasmo foi trabalhar numa gráfica carioca, de máquinas manuais, pois só com estas era inigualável tipógrafo. Seu contato com o Comitê Central só pode ser restabelecido após abril de 1945, com a legalidade do Partido, através de camaradas que o conheciam e em quem confiava. O mesmo de sempre: antes de tudo quiz informar o que havia acontecido, o que tinha feito e entregar a tipografia do Comitê Central, conservada com desvelo por cinco anos. Alegre pela publicação da «CO» como semaná-

rio, impressa em rotativa, com matérias cuidadosamente elaboradas e com inovações gráficas que surpreenderam a imprensa da época, Erasmo dizia sereno: «Está muito diferente e muito melhor, mas bonita mesmo era a «CO» impressa na velha Minerva manual». Assim era Erasmo: militante comunista de modelar modéstia e de abnegação sem alardes, compondo e imprimindo a «CO» sozinho e em silêncio, levando-a pontualmente em pequenos pacotes camuflados ao contato oficialmente determinado pelo responsável do Comitê Central pela imprensa partidária. Sem nunca pensar em si mesmo, cuidava de tudo que era do Partido com zelo proletário. Estava realizado e feliz sendo gráfico da «CO», vivendo anônimo na grandeza silenciosa e solitária da rigorosa clandestinidade a que são obrigados a viver os gráficos das tipografias do Partido.

Com os punhos cerrados e em silêncio, pronunciemos o nome do camarada Carlos Danielli, nosso querido Carlinhos. Filho de operários, nasceu a 14 de setembro de 1929. Operário naval, foi comunista aos 15 anos, membro do Comitê Central do Partido ainda muito jovem e da Comissão Executiva desde 1962. Assassinado aos 43 anos, no dia 31 de dezembro de 1972, nas câmaras de torturas do CODI - II Exército, por oficiais do Exército, comandados pelos majores Carlos Alberto Brilhante Ustra e Dalmo Luís Cirillo, trucidadores de inúmeros patriotas brasileiros. Entre as funções de Danielli, como dirigente de nosso Partido, estavam a de responsável da redação da «CO» e a de fazê-la sair mensalmente, impressa a cores e em «off-set». Apesar das bárbaras torturas que os bandidos fascistas do Comando de Operações da Defesa Interna lhe infligiram durante quatro dias e quatro noites, com todo corpo dilacerado, nada revelou aos odiados inimigos, se manteve firme e soube honrar sua condição de comunista, respondendo sempre a seus algozes: «É disso que vocês querem saber? Pois é comigo mesmo; só que eu não vou dizer». Com a mesma coragem, afirmou até os últimos sinais de vida: «Só faço meu testamento político». Há testamento mais valioso para nosso povo do que seu exemplo de bravura proletária no silêncio inquisitorial das câmaras de torturas do regime fascista? Ao en-

frentar corajosamente a máquina militar assassina, que, na fraqueza de seu desespero, o triturou vivo, sem nada conseguir, Danielli cumpriu dignamente seu dever de comunista e morreu de pé, tendo talvez nos lábios o sorrizo dos fortes e imbatíveis, vencedor que foi de seus torturadores e assassinos. Conduta que é a imagem mesma do valor do comunista, a expressão viva das virtudes do revolucionário proletário e o modelo do que deve ser todo militante do Partido Comunista do Brasil, vida de dedicação e fidelidade sem limites e a toda a prova ao Partido, morte gloriosa, eis o legado e o mandato do camarada Carlos Danielli, que devemos ter sempre presente. Nas paredes da solitária de onde saiu para a morte, Danielli deixou escrito com seu próprio sangue: «Este sangue será vingado». Sim, cobrar esta dívida de sangue é missão sagrada; e não está longe o dia em que será cumprida.

Carlos Danielli, Cabo Jofre, Erasmo, três vidas diferentes, três exemplos edificantes de militantes do Partido Comunista do Brasil que não se apagarão jamais em nosso espírito de comunistas e que viverão para sempre no coração generoso dos operários e camponeses brasileiros. Seus nomes estão na galeria dos herois de nosso povo, junto aos de muitos outros comunistas e revolucionários consequentes. Comunistas de verdade, deram suas vidas por inteiro à causa invencível de nosso Partido e à luta libertadora de nosso povo. Suas vidas exemplares devem ser fontes de inspiração constante a nos incitar a ser sempre fieis aos nobres e belos ideais comunistas pelos quais lutaram e se sacrificaram, a defender intransigentemente as tradições heroicas de nosso Partido, a levar sempre adiante, com intrepidez e bravura proletárias, a causa da revolução popular e do socialismo no Brasil. Levantemos sempre mais alto suas bandeiras de combate, que nunca foram outras senão as do Partido Comunista do Brasil, exemplo vivo de vanguarda marxista-leninista da classe operária, guia e esperança do povo brasileiro. E sob estas gloriosas bandeiras, avancemos ainda mais confiantes para novos e maiores combates, a fim de conquistarmos novas e maiores vitórias.

Sempre como órgão central do Partido Comunista do Brasil, «A CLASSE OPERÁRIA» chega a seus 50 anos de lutas com algumas vicissitudes, mas, principalmente, cheia de glórias. Nunca deixando de existir através do tempo, se renova em cada novo número com maior vigor. Principalmente hoje, quando no Brasil a luta de classes e as lutas pela liberdade estão em crescente ebulição, lembrando um grande caldeirão ao fogo, a voz de nossa querida «A CLASSE OPERÁRIA», como a voz da verdade, ressoa mais forte, num dizer que não se presta a dois entenderes. É a voz estimulante para os combates e nos combates, quando estão se acendendo mais e mais as chamas da revolução popular. Para os que lutam na dura clandestinidade das cidades, na imensidão da floresta amazônica, nas guerrilhas heroicas do Araguaia, nas pobres e agrestes regiões interioranas, nos cárceres medievais da tirania militar fascista, em todos rincões de nosso Brasil imenso, «A CLASSE OPERÁRIA» é a estrela-guia a iluminar difíceis mas gloriosos caminhos, a irradiar confiança inabalável na justeza da causa dos comunistas. E também o estandarte vermelho nos dias de festa dos revolucionários proletários brasileiros.

CARLOS DANIELLI, LINCOLN OEST, LUÍS GUILHARDINI, LINCOLN ROQUETE, FRANCISCO CHAVES,

5 HERÓIS COMUNISTAS

RESOLUÇÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PC DO BRASIL

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil vem denunciar à Nação o brutal assassinato dos camaradas Carlos Nicolau Danielli, Lincoln Cordeiro Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Bicalho Roque, ocorrido em fins do mês passado, em São Paulo e na Guanabara. Estes destacados revolucionários, fiéis à classe operária e ao povo, foram presos quando transitavam pela cidade. Conduzidos às masmorras da reação, sofreram selvagens torturas, sendo trucidados pela polícia que atuou sob a direção de oficiais das Forças Armadas, treinados e orientados pelos imperialistas norte-americanos. É mais um crime monstruoso da ditadura militar fascista, que enche de revolta e indignação os verdadeiros democratas e patriotas.

Aos generais que governam o país, não são já suficientes as detenções arbitrárias, as torturas de milhares de presos políticos e as sentenças iníquas, quase diárias, decretadas pela Justiça Militar. Desesperados ante a oposição crescente ao regime antinacional e antipopular que implantaram pela força, se desmandam na repressão feroz contra o povo. Recorrem, cada vez mais, ao assassínio frio e covarde dos que lutam pela liberdade e a independência nacional, tentando, pelo terror, conter as manifestações de descontentamento

que se avolumam por toda a parte. Assim procedem para servir os interesses de grandes capitalistas, de latifundiários e, principalmente, dos monopolistas estrangeiros. Assim agem, cumprindo diretivas de seus amos norte-americanos.

A violência contra os revolucionários atinge toda a nação. Os assassinatos, as torturas e as condenações dos elementos mais decididos fazem parte da estratégia de intimidação do fascismo, visando a submeter os operários, os camponeses, a inteletualidade, os patriotas e democratas. Sob o pretexto de luta contra o comunismo, Hitler avassalou a Alemanha. Invocando pretensa necessidade de se opor ao radicalismo, os generais brasileiros editaram o Ato Institucional n.° 5 que liquidou os últimos resquícios de liberdade e instaurou um sistema terrorista de governo. É tarefa de todos brasileiros que não querem viver como escravos protestar energicamente contra o banditismo dos militares fascistas, denunciar os crimes e as violências que cometem, intensificar o combate para derrubar a ditadura sanguinária.

Os desatinos dos generais não é sinal de força. Eles assassinam os melhores filhos do povo porque estão cada vez mais isolados, são fracos e têm medo das massas populares. Se inquietam com o grande exemplo da resistência armada do Araguaia que não conseguiram nem conseguirão esmagar. Se mostram temerosos com a crescente revolta dos camponeses abandonados à própria sorte, com o inconformismo dos trabalhadores sujeitos a um salário de fome, com a ânsia de liberdade que alcança todos recantos do país. Unindo suas forças, não dando tréguas aos militares retrógrados, o povo assestará golpes mortais à ditadura.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil inclina suas bandeiras de combate em homenagem aos camaradas assassinados pela reação. Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini — membros do Comitê Central — e Lincoln Roque, candidato a membro do Comitê Central, cumpriram com honra seu dever de revolucionários. Deram suas vidas heroicamente em defesa da causa do proletariado e do povo. Foram batalhadores incansáveis em prol dos direitos e da emancipação dos explorados e oprimidos. São exemplos de

dedicação ao partido da classe operária, de militança resoluta para o fortalecer e desenvolver em todos sentidos. Seus nomes jamais serão esquecidos.

O Comitê Central chama os militantes a reforçar a vigilância e a elevar sempre mais sua consciência revolucionária. O país vive sob um regime terrorista. A luta contra tal regime exige das forças de vanguarda abnegação e espírito de sacrifício. A reação se volta particularmente contra nosso Partido que é o núcleo mais decidido e consequente de oposição à ditadura. Os comunistas devem reexaminar seus métodos de trabalho, tirar experiências e substituir, sem vacilação, os processos rotineiros de atuação orgânica que facilitam os golpes do inimigo. É necessário estabelecer novas formas de contato entre as bases e as organizações superiores, tendo em conta que a tática da reação, orientada pelos imperialistas ianques para liquidar as organizações revolucionárias, visa a golpear, fundamentalmente, as direções, os centros dirigentes do Partido e de outras forças de esquerda.

Os generais fascistas podem matar centenas, milhares de lutadores de vanguarda. Não poderão jamais liquidar o partido do proletariado e o movimento político que ele dirige. O sangue e o martírio dos que caem na luta são sementes de ódio à ditadura e ao imperialismo que germinam, em massa, novos e audazes combatentes. Quaisquer que sejam as vicissitudes, os comunistas levarão adiante, com entusiasmo e confiança na vitória, a grande bandeira da liberdade, da independência e do progresso que também empunharam Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Roque.

Rio, janeiro de 1973

O Comitê Central
do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

DANIELLI, OEST, GUILHARDINI e ROQUE, HERÓICOS LUTADORES DE VANGUARDA

«A Classe Operária»
1973/1974

Entre fins de 1972 e princípios de 1973, foram presos pela ditadura fascista e barbaramente trucidados os camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Roque, os três primeiros membros efetivos e o último candidato a membro do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. Ao rememorar essa funesta e dolorosa perda do movimento operário e revolucionário brasileiro, julgamos nosso indeclinável dever reverenciar suas figuras inesquecíveis, exaltar e dignificar seu exemplo na luta pela liberdade e a independência da Pátria assim como pelo socialismo. Eles pertencem hoje à imensa galeria dos mártires e heróis imortais do povo. Hão-de inspirar a luta revolucionária que não pode ser contida por longo tempo e terminará triunfante.

No aniversário do covarde assassinato desses queridos camaradas cumpre-nos realçar sua conduta para educar os combatentes da resistência popular à ditadura, aprofundar o estudo das lições dos episódios que os vitimaram, tornar inabalável a determinação de cobrar a dívida de sangue que a tirania serviçal do imperialismo norte-americano impõe a nosso povo. A fim

de desenvolver a luta política de massas e conduzir a revolução à vitória é imprescindível aplicar de modo vivo a justa linha do Partido, empregar métodos adequados à clandestinidade e à preparação da guerra popular, reforçar nossa convição política e ideológica.

Os camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque legaram-nos valiosos ensinamentos que devem ser aproveitados para fortalecer e tornar mais aguerrida a falange de lutadores que converterão o Brasil numa nação livre e digna de seus filhos. Esses camaradas, em seu anseio de justiça social e liberdade, vieram ao Partido por diferentes caminhos. Trabalharam como simples e ardorosos militantes durante vários anos. No curso de ásperos embates contra os inimigos do proletariado, atingiram posições de responsabilidade na direção partidária. Não foi uma trajetória fácil. Nas condições brasileiras, ser comunista significa arrostar as maiores adversidades, se submeter a duras provas. As classes dominantes jamais consentiram que os operários conscientes e os elementos avançados do povo formassem tranquilamente seu destacamento político. Sempre lhes moveram feroz perseguição. Por isso mesmo essa é a tarefa mais importante e gloriosa dos verdadeiros patriotas e revolucionários. Como afirmou Lênin, o Partido Comunista é a consciência, a honra e a inteligência de nosso tempo. De seus militantes se reclama, antes de tudo, capacidade de renúncia e vontade de ferro. Em se tratando de dirigentes, deles se exige, além do devotamento sem limites à causa do comunismo, agudo senso político, assimilação da teoria marxista-leninista, assim como suficiente experiência na luta de classes para guiar com acerto a nave da revolução. O Partido precisa possuir um núcleo de dirigentes com habilidade comprovada, solidamente unidos em torno dos princípios, e ter um programa e uma tática em correspondência com a realidade do país a fim de facilitar e acelerar a marcha da classe operária para o socialismo.

Durante o tempo em que serviram, de corpo e alma, ao Partido, os camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque revelaram em alto grau aquelas qualidades. Daí ser mais sensível o claro por eles deixado. Eram homens convencidos da justeza dos

ideais que abraçaram. O coro de maldições dos revisionistas e trotsquistas, os furiosos ataques dos reacionários e fascistas não os abalaram. Ao contrário, nas diversas fases pelas quais atravessou a organização partidária, sustentaram sem desfalecimentos e elevaram bem alto a bandeira da revolução. Deram importante contribuição à elaboração do programa e da tática dos comunistas, ajudaram a converter o Partido numa força combativa, intransigente com os inimigos mas flexível na ação, intimamente ligados às massas trabalhadoras.

CARLOS DANIELLI

Carlos Danielli nasceu em 1929, no Estado do Rio de Janeiro, filho de uma família operária. Muito jovem ainda começou a trabalhar nos estaleiros de construção naval em São Gonçalo. Aos 15 anos já participava do movimento operário e patriótico. Quando foi reconstituída a União da Juventude Comunista, em 1946, Danielli nela ingressou, sendo mais tarde indicado um de seus principais dirigentes. Em 1948 se tornou membro do Partido Comunista do Brasil. A adesão à causa do comunismo norteou toda sua vida. Trabalhou com abnegação, lutou sem medir sacrifícios e morreu heroicamente em defesa dessa causa. Jamais vacilou no desmascaramento do oportunismo, na salvaguarda dos princípios doutrinários e da organização partidária. Sempre teve uma vida modesta, de proletário revolucionário. Militando no Partido, compreendeu a importância da teoria marxista-leninista para orientar a revolução brasileira. Estudioso, procurava enriquecer seus conhecimentos e aplicá-los à realidade do país. Em toda sua atividade, manifestava grande entusiasmo pela revolução e a construção do Partido.

Foi eleito membro do Comitê Central no IV Congresso do Partido, em novembro de 1954. Quando, em 1956, os revisionistas tentaram dissolver a União da Juventude Comunista, Danielli, que se encontrava à frente desta organização, se opôs firmemente às manobras liquidacionistas. Posteriormente, discordou da orientação oportunista adotada por Prestes e seus

seguidores. No V Congresso, em 1960, se salientou no combate ao revisionismo e pela adoção de uma linha revolucionária, marxista-leninista. Por sua intransigência com a orientação direitista aprovada no Congresso, Danielli foi alijado do posto de membro efetivo do Comitê Central. Ante a ameaça de liquidação do antigo partido da classe operária, sustentou uma atitude inflexível de defesa da vanguarda proletária e de suas tradições revolucionárias.

Carlos Danielli deu valiosa contribuição para reorganizar o Partido Comunista do Brasil. Foi um dos organizadores da Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962, sendo nela eleito membro do Comitê Central e da Comissão Executiva, cargos que ocupou até sua morte. Nesses quase onze anos, dedicou o melhor de sua capacidade e de suas forças à luta pela reconstrução do Partido e pela elaboração e aplicação de sua linha revolucionária. Como verdadeiro comunista, não escolhia tarefas. Estava disposto a realizar qualquer missão designada pelo Partido. Era um entusiasta da preparação da luta armada; e se empenhou, de corpo e alma, para que o Partido estivesse à altura de cumprir seu papel no combate à ditadura militar e pela libertação nacional e social do povo brasileiro. Internacionalista consequente, foi partidário convito da unidade do movimento operário e comunista mundial. Em fins de 1971, chefiou a delegação do P.C. do Brasil ao VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia pelo qual nutria grande admiração. Sempre se esforçou para estreitar os laços de amizade e camaradagem entre nosso Partido e os demais partidos irmãos.

Destacado membro do Comitê Central, Danielli era um dos mais visados pelas forças da reação. Seu nome de há muito constava da lista, preparada pelos órgãos de repressão da ditadura, dos revolucionários a serem friamente exterminados. Ao ter conhecimento deste sinistro propósito, afirmou categoricamente: «Minha decisão está tomada. Serei fiel até o fim à revolução e ao Partido». Preso a 28 de dezembro de 1972, Danielli foi assassinado após sofrer bárbaras torturas. Cumpriu seu dever de revolucionário proletário. Honrou sua condição de comunista.

LINCOLN OEST

Lincoln Cordeiro Oest, natural da Guanabara, oriundo de uma família da pequena burguesia de tendência liberal, tinha 65 anos quando foi assassinado pela polícia. Em sua juventude, ingressou na Escola Militar de Realengo, mas logo no início abandonou o curso. Foi grande apreciador do esporte, tendo sido campeão brasileiro de futebol e de basquetebol.

Com o movimento da Aliança Liberal, em 1930, Lincoln começou a participar da atividade política. Em 1932, se aproximou do movimento operário e do Partido Comunista do Brasil, tendo-se convertido, a seguir, em membro da organização de vanguarda do proletariado. Desenvolveu intensa atividade nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora. Antifascista combativo, foi ardente partidário da insurreição popular de 1935. No período de brutal repressão que se seguiu à derrota dessa insurreição, e sob as difíceis condições do Estado Novo, prestou valiosa colaboração aos órgãos dirigentes do Partido. Nos anos da guerra contra o nazi-fascismo, se empenhou nas tarefas patrióticas pelo envio da Força Expedicionária Brasileira aos campos de batalha da Europa e pela ajuda aos expedicionários. Em 1945, tomou parte na luta pela anistia aos presos políticos e pelas liberdades democráticas. Com a legalidade do Partido, Lincoln ocupou um posto no Comitê Regional do Estado do Rio, onde era bastante conhecido. Indicado para concorrer na legenda do P.C. do Brasil às eleições a deputado para a Assembleia Legislativa Fluminense, se elegeu com significativa votação. Se destacou em sua atuação parlamentar como servidor do povo, defendendo com tenacidade as reivindicações dos trabalhadores das cidades e do campo, desmascarando os reacionários, portando-se com valentia e espírito proletário. Após a cassação do mandato dos parlamentares comunistas, prosseguiu resolutamente em sua militança revolucionária. Participou de greves e manifestações de rua. Era um dos auxiliares mais eficientes do Comitê Central. Por ocasião do surto revisionista, em 1956, se colocou na posição em defesa do Partido, repeliu os ataques a Stálin e ao internacionalismo proletário. Se opôs firmemente ao

grupo revisionista de Agildo Barata e outros renegados. Na fase do V Congresso do Partido, em 1960, formou ao lado dos que criticavam a linha revisionista e propugnavam uma orientação revolucionária. Não vacilou, quando se tornou aberta a traição de Prestes ao movimento comunista, em assumir plena responsabilidade na gloriosa tarefa de reorganização do P.C. do Brasil. Na Conferência Nacional Extraordinária de 1962, foi eleito para o Comitê Central e a Comissão Executiva.

O camarada Lincoln Oest, em toda sua atividade de militante e dirigente do Partido Comunista do Brasil, se caraterizou pela modéstia, desprendimento, honestidade e grande noção do dever revolucionário. Expansivo e fraternal, sabia se ligar às massas e sempre se dedicou ao trabalho entre o povo. Tinha facilidade de comunicação com os jovens, que o estimavam. Foi homem de grande firmeza frente ao inimigo de classe. Preso nos meados de 1969, em São Paulo, esteve ameaçado de morte e suportou selvagens torturas apesar de, na ocasião, ser bastante precário seu estado de saúde. Nada disse aos esbirros policiais, nem mesmo onde morava. A construção do Partido constituía o centro de suas preocupações. Ajudou imensamente a estruturação da organização partidária e a formação ideológica de seus militantes. A revolução era seu mais caro ideal. Repetia sempre que não queria morrer antes que começasse a luta armada no Brasil.

O covarde assassinato do camarada Lincoln Oest pela polícia da ditadura representou grande perda para o movimento comunista. Ele enfrentou seus carrascos corajosamente, como autêntico revolucionário. Soube ser digno do glorioso título de membro do partido da classe operária.

LUÍS GUILHARDINI

Luís Guilhardini, operário de origem e metalúrgico de profissão, nasceu em Santos, no Estado de São Paulo, em 1920. Ingressou no Partido Comunista do Brasil em 1945, período do ascenso popular e democrático que se seguiu à derrota do nazi-fascismo.

A filiação ao Partido representou sua incorporação definitiva ao movimento operário e comunista. Durante alguns anos, desenvolveu atividades revolucionárias entre os trabalhadores da cidade portuária de Santos e da capital de São Paulo, como militante e dirigente do Partido. Em 1953, se tornou membro do Comitê Metropolitano do Rio de Janeiro e, mais tarde, membro do Comitê Regional dos Marítimos. Se empenhou na construção do Partido entre os portuários, os marítimos e os operários dos estaleiros navais da Guanabara e do Estado do Rio.

Militante honesto e abnegado, após a reorganização do Partido Comunista do Brasil, em Fevereiro de 1962, compreendeu a traição dos revisionistas à causa da revolução e do Partido e seu verdadeiro significado. Juntamente com outros camaradas encetou a luta contra a política oportunista, defendendo os princípios do marxismo-leninismo. Esta luta se coroou com a adesão de todo Comitê Regional dos Marítimos ao Partido Comunista do Brasil. Guilhardini participou na VI Conferência Nacional do Partido, realizada em junho de 1966, como delegado das organizações de base dos marítimos. Nela foi eleito membro do Comitê Central e, posteriormente, membro da Comissão Executiva.

O camarada Luís Guilhardini se dedicou inteiramente à causa do proletariado. Trabalhou sem descanso pela construção do Partido. Contribuiu para a elaboração da linha revolucionária dos comunistas. Sempre recebeu com espírito de responsabilidade as tarefas que lhe foram atribuídas e delas procurou se desincumbir cabalmente. Com profundo sentimento de classe, se esforçou por assimilar a teoria marxista-leninista. Manifestava grande senso da realidade e agudo espírito crítico. Deste modo, ajudava a direção do Partido a formular acertadamente a orientação a seguir. Em 1971, como delegado do P.C. do Brasil ao VI Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, Guilhardini transmitiu o apreço, o carinho e a solidariedade dos trabalhadores brasileiros ao indômito povo albanês.

Em fins de 1972, a ditadura massacrou, nas masmorras da Guanabara, este valoroso combatente proletário.

Diante dos verdugos policiais, Guilhardini, se conduziu com dignidade e bravura. Foi coerente até ao fim da vida, com a causa que abraçou.

LINCOLN ROQUE

Nos princípios de 1973, Lincoln Bicalho Roque foi assassinado pela polícia. Tinha então 28 anos de idade. Natural do Espírito Santo, provinha de família camponesa. Seu pai era pequeno sitiante. Lincoln estudou com grande dificuldade, chegando, por esforço próprio, a cursar os primeiros anos da Faculdade de Medicina. Ainda muito jovem, em 1962, ingressou no movimento comunista, tendo desenvolvido sua atividade durante algum tempo no setor estudantil. Não tardou a se dar conta do caráter oportunista da linha do P.C. brasileiro, em cujas fileiras militava. Se juntou aos companheiros na Guanabara que tomaram posição firme em defesa do marxismo-leninismo e combateram o revisionismo de Prestes e seus seguidores. Como resultado dessa luta, se incorporou nas fileiras do antigo e legítimo partido da classe operária — o Partido Comunista do Brasil. Por suas qualidades pessoais e devotamento aos interesses partidários, se tornou dirigente do Comitê Regional Leste; e, mais tarde, candidato a membro do Comitê Central. Inteligente, lúcido e corajoso desempenhou eficiente trabalho de organização. Estudioso dos problemas brasileiros compreendia não só as causas mais profundas da difícil situação das massas trabalhadoras, como também o verdadeiro caminho para libertar o país da dependência estrangeira, do sistema do latifúndio, da ditadura militar fascista. Era um entusiasta da linha revolucionária do Partido Comunista do Brasil. Ao ser preso, se portou dignamente, como um autêntico militante comunista. Não houve suplício que dobrasse sua vontade firme. Selvagemente torturado nada disse aos esbirros policiais. Caiu abatido por uma rajada de metralhadora. Seu nome, sua firmeza, o sacrifício de sua vida pelo bem do povo jamais serão esquecidos.

QUATRO COMUNISTAS EXEMPLARES

A estatura política e o valor dos camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Roque avultaram quando o país caiu sob o tacão dos militares e a batalha pela sobrevivência e a afirmação do P.C. do Brasil entrou num período crucial. Desde logo ficou claro para os marxistas-leninistas que a investida dos generais retrógrados dirigiria seu gume no sentido de destruir o movimento popular e democrático, já que esta era a premissa para a aplicação de sua política entreguista, em benefício dos exploradores e opressores nacionais e estrangeiros. Ante a nova situação, o Partido precisava formular uma tática suscetível de unir todas as forças sociais e políticas interessadas na defesa da independência nacional e na conquista da democracia e do bem-estar do povo. Em consequência, era imperativo convocar seus militantes para enfrentar de modo resoluto a grave ameaça que pesava sobre o futuro da nação. Se impunha a revolucionarização do Partido. Essas conclusões se baseavam no fato de que na época atual, o imperialismo e a reação tendem cada vez mais a escravizar os povos; e por isso se empenham em esmagar o movimento revolucionário ascendente através da liquidação do partido marxista-leninista, única força capaz de guiar os povos até à vitória definitiva. Desse modo, a revolucionarização das fileiras partidárias se apresentou como questão essencial. Todos os militantes deviam organizar suas vidas de acordo com as necessidades da luta. Precisavam se desfazer dos compromissos de ordem pessoal, se adaptar às exigências do trabalho clandestino e se dedicar por inteiro à atividade partidária.

Os camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque estiveram entre os mais entusiastas defensores da campanha de revolucionarização e entre seus mais coerentes aplicadores. Elevaram o nível de sua militança, afastando qualquer empecilho a seu trabalho e dando magníficas provas de desprendimento na execução das tarefas. Aprimoraram seus conhecimentos, assimilando melhor a teoria marxista-leninista e estudando mais a realidade e os acontecimentos em curso. Neste terreno, avançaram muito, embora fossem

afeitos ao trabalho prático, organizativo. Redobraram de cuidados pelo crescimento dos efetivos e o desenvolvimento da estrutura do Partido, pela educação dos quadros, insistindo para que tivessem iniciativa, soubessem se orientar em qualquer situação, pesquisassem os problemas das massas e a história do povo e adquirissem maior domínio do marxismo-leninismo.

Em relação com o estilo de vida, a maneira de ser e de agir dos verdadeiros comunistas, esses camaradas nos deixaram grandes ensinamentos. A reação costuma acusar os proletários conscientes dos piores pecados, dos mais feios vícios, e pintá-los como amantes dos privilégios, ou burocratas sem alma. Na verdade, os comunistas são o oposto disso. Esses defeitos são próprios da burguesia e dos imperialistas, de suas instituições e de seus partidos. Os camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque mostraram ser não apenas sinceros partidários da causa dos pobres e humildes, mas também levaram uma existência simples, modesta, de pessoas desprendidas. Sempre foram conscienciosos, nunca disseram uma coisa e fizeram outra. Possuíam moral íntegra. Além disso, pugnavam para que todos os militantes do Partido cultivassem essas virtudes, tivessem um caráter firme. Se opunham ao espírito de rotina e combatiam com intransigência qualquer forma de privilégio, de superioridade ou manifestação burocrática. Não se conformavam com as deficiências e os erros e estavam sempre atentos para a necessidade da crítica e da autocrítica. Ao mesmo tempo, procuravam impregnar de otimismo revolucionário o ambiente em que viviam e trabalhavam. Seu procedimento sempre foi fraternal com todos os companheiros. Eram assim muito queridos, gozando de justificado prestígio no seio do Partido. Autênticos servidores do povo, mereceram o carinho e a confiança que lhes tributava o conjunto de militantes e dirigentes do movimento operário e comunista.

Entretanto, a prova suprema dos predicados desses camaradas ia ser oferecida ao afrontarem as fauces terroristas da ditadura militar. Em circunstâncias anteriores, quando presos pela reação, Danielli, Oest e Guilhardini se haviam comportado com bravura. Mais

jovem, Lincoln Roque não passara por igual experiência. Mas, diante da atual ditadura fascista, que excede em selvageria a tudo o que se conhecia, cair nas malhas da polícia significa sofrer torturas bestiais. E, quando se trata de dirigentes o que lhes aguarda, em geral, é a morte cruel. Os generais fascistas pretendem, assim, liquidar os dirigentes e os principais militantes do glorioso Partido Comunista do Brasil. Isto porque, desde meados de 1972, quando se iniciou a heróica resistência armada no Araguaia, os órgãos de repressão, orientados por Médici e os imperialistas norte-americanos, concentraram seus esforços para destruir nosso Partido e eliminar fisicamente seus dirigentes, a quem consideram perigosos antagonistas. De nosso lado, advertíamos que em face da luta armada do sul do Pará, o movimento revolucionário no país entrava em nova fase, a qual exigia a elevação da vigilância de classe, o aperfeiçoamento das formas de atuação dos comunistas e o desenvolvimento de sua consciência política e ideológica. Estávamos certos de que a ditadura militar fascista, em seu isolamento, procuraria desesperadamente abafar a chama da resistência popular e se encarniçaria na vingança contra os patriotas que ousaram desafiá-la e persistem na idéia de vencê-la. Os camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Lincoln Roque não tinham dúvidas a respeito dessa situação. Apesar disso, como autênticos revolucionários, eram os mais decididos em apoiar os patriotas do Araguaia e se desdobravam para que o Partido estivesse à altura de sua missão. Em nenhum instante temeram por suas vidas. Empenhados totalmente no trabalho, sucedeu-lhes o pior. Acabaram sendo capturados pelos órgãos policiais. Porém, diante dos esbirros fascistas e em face da morte, não vacilaram. Se comportaram com inexcedível coragem. Sua poderosa convição comunista e sua honra revolucionária sobrepujaram os suplícios que lhes infligiram os carrascos da ditadura e se mantiveram fieis até o último alento ao Partido e à revolução. Mostraram que a luta em que se lançaram pela vitória da democracia e do socialismo não foi um acidente em suas vidas. Morreram como mártires do movimento revolucionário proletário, como heróis do povo brasileiro.

Exemplos tão admiráveis de sacrifício, testemunham de modo eloquente que o PC do Brasil é uma força indestrutível, porque forjou militantes e dirigentes capazes de tal abnegação, porque despertou sentimentos de tal nobreza e porque vem refletindo os interesses e as aspirações dos explorados e oprimidos. Por mais terríveis que sejam os golpes contra ele desfechados, não lhe faltarão valor e energia para continuar na luta nem intrépidos combatentes para substituir os que tombaram. Alcançará, inevitavelmente, a vitória. Enquanto isso, o regime militar se enfraquece dia a dia; e, na medida em que comete seus nefandos crimes, mais vulnerável se torna, estando irremissivelmente condenado à derrocada completa.

Ao transcorrer o aniversário do assassinato de Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Roque voltamos a inclinar nossas bandeiras de combate em sua gloriosa memória, jurando levar adiante, até ao triunfo, a causa pela qual eles e tantos outros revolucionários vêm dando suas preciosas vidas. Intensificaremos a solidariedade a todas as vítimas da repressão fascista a fim de libertá-las dos martírios e da prisão. Contaremos com o apoio fraternal e amigo do proletariado internacional e das forças democráticas de todo o mundo que condenam com crescente vigor o trucidamento de tantos e tão valentes patriotas brasileiros. Na batalha contra a ditadura militar fascista, demonstraremos que nossos camaradas não morreram em vão, que continuaremos dignos de seu heroismo.

EXEMPLO DE SOLIDARIEDADE COMUNISTA

Por motivo do assassinato pela polícia dos quatro dirigentes comunistas, o camarada Enver Hodja, em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, enviou, em janeiro de 1973, ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil um telegrama de condolências e de apoio à luta de nosso povo.

Este telegrama, lido pela Rádio Tirana, foi publicado na imprensa albanesa em vários jornais do exterior, especialmente da Europa. É um pronunciamento imbuído de elevado espírito internacionalista e de grande fra-

ternidade proletária que calou fundo no coração dos revolucionários brasileiros. Seu texto é o seguinte:

«Queridos camaradas. Com profunda amargura nosso Partido e nosso povo tomaram conhecimento, há poucos dias, da perda dos destacados combatentes revolucionários e dirigentes do Partido Comunista do Brasil, camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Roque, os quais deram heroicamente sua vida pela liberdade, pela independência e pelos direitos sociais do povo brasileiro. O assassinato bárbaro destes combatentes da liberdade é um ato de desespero do regime fascista, que tenta impedir o desenvolvimento da luta revolucionária do povo brasileiro. Os comunistas e o povo albaneses acompanham com simpatia, apoiam sem reservas a justa luta dos revolucionários brasileiros e denunciam energicamente as ações de terror cometidas contra eles. Expressamos nossa confiança inabalável de que os atos desesperados e bárbaros da ditadura fascista, cuja derrota é inevitável, não poderão jamais impedir a vaga sempre crescente da luta armada revolucionária do povo brasileiro. Milhares de novos combatentes manterão no alto a bandeira dos camaradas caídos com glória no campo de batalha, e conduzirão à vitória a sagrada causa pela qual eles não pouparam inclusive a própria vida.»

FRANCISCO CHAVES, DENODADO LUTADOR DE VANGUARDA

«A Classe Operária»
N.° 85 — Ano X
Maio de 1974

Ainda nas primeiras fases da resistência dos moradores e patriotas do Araguaia contra os assaltos das tropas da ditadura, tombou numa refrega o bravo ex-marinheiro e dirigente comunista Francisco Chaves. As forças revolucionárias perderam um de seus melhores combatentes. Ele deu a vida conscientemente pela causa que abraçara com tanto desprendimento.

A figura simples, alegre e otimista mas responsável e firme desse denodado camarada era muito conhecida de numerosos militantes do movimento popular e anti-imperialista brasileiro. Oriundo de uma família de camponeses pobres de ascendência africana, desde criança sentiu duramente as injustiças e os preconceitos de que são vítimas as pessoas humildes e de pele negra. Muito jovem, ingressou como praça na Marinha de Guerra, onde veio a se interessar pelos problemas políticos e sociais e sonhar com a redenção dos explorados e oprimidos. De todas as corporações militares, a Marinha sempre foi aquela em que mais fortes se apresentavam as diferenças de classe e em que, com maior zelo, se cultivou o espírito de casta dos oficiais. Justamente por isso, lá se manifestou e

desenvolveu uma bela tradição de luta de marinheiros, de que são exemplos memoráveis a revolta de 1910 chefiada por João Cândido, em prol da abolição do regime da chibata, assim como outras rebeliões contra as injustas discriminações e por direitos democráticos. Em 1934-35, enquanto boa parte da oficialidade aderia às hostes integralistas de Plínio Salgado, vasto contingente de marujos engrossava as fileiras da Aliança Nacional Libertadora, participava das ações antifascistas e apoiava a insurreição de novembro de 1935. Muitos marinheiros se filiaram ao Partido Comunista do Brasil. Francisco Chaves foi um deles. A partir de então, elevou constantemente sua consciência de classe, tornando-se um batalhador incansável da conquista de melhores condições sociais para seus companheiros, de liberdade para os trabalhadores e da emancipação nacional do povo brasileiro.

Seu nome começou a se destacar durante a feroz repressão que se seguiu à derrota da insurreição de 1935. Preso pelos que se esmeravam em liquidar o setor revolucionário da Marinha, suportou por seis meses a fio torturas inenarráveis por sua bestialidade. Sob a chefia do famigerado comandante Lúcio Meira, um dos piores verdugos daquele período, a horda repressiva queria obrigar nosso valente camarada a entregar os membros da Aliança e do Partido existentes naquela corporação e ainda não descobertos. Mas não conseguiram seu intento. Inquebrantável foi a resistência de Francisco Chaves. Recolhido ao presídio de Ilha Grande, não cessou de lutar. Graciliano Ramos, que com ele conviveu nessa época, narra em seu livro «Memórias do Cárcere» os esforços de Chaves e de outros comunistas para denunciar as condições desumanas, de autêntico campo de concentração, em que se achavam os presos políticos do referido presídio.

Posto em liberdade no início da década de 40, quando pairava sobre os povos a ameaça da dominação nazista e o Partido sofria internamente o ataque dos liquidacionistas, Chaves não vacilou no caminho a tomar. Defendeu a existência do Partido, sua justa linha política, a luta sem quartel contra o perigo fascista se integrou no trabalho da reconstrução partidária e da preparação da Conferência da Mantiqueira, em 1943. Nesta

conferência, foi eleito suplente do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, cargo que exerceu até 1946.

Após a Conferência, militando principalmente entre as massas trabalhadoras do Rio de Janeiro, viveu todos os êxitos alcançados pelo Partido e também as vicissitudes que este e o proletariado atravessaram. Fiel a seus ideais, guiando-se invariavelmente pelos interesses fundamentais do povo e pronto a qualquer sacrifício em favor da causa revolucionária, Francisco Chaves sempre esteve atento aos problemas nacionais e manteve vivo seu sentimento internacionalista. Ao sobrevir o grande surto revisionista de 1956, não se deixou enganar nem atemorizar pela gritaria da corja de revisionistas kruschovistas contra Stálin e o Partido, a ditadura do proletariado e o movimento comunista. Sustentou atitude de classe, evitou o envolvimento por parte do bando revisionista e permaneceu vigilante em face das manobras de Prestes. Aliás, Chaves sempre guardou reservas a respeito da posição de Prestes como dirigente comunista devido a sua formação caudilhesca nos quadros da oficialidade do Exército. Por tudo isso, após a rutura aberta do Partido com o revisionismo contemporâneo e particularmente depois do golpe militar de 1964, ele contribuíu, na condição de membro do Comitê Metropolitano da Guanabara, para que a maioria dos camaradas dessa região desmascarasse o grupo traidor de Prestes e marchasse ao reencontro com o PC do Brasil.

Com a reincorporação à tradicional organização de vanguarda do proletariado, Francisco Chaves se identificou prontamente com a orientação marxista-leninista do Partido e compreendeu a importância de transferir para o campo o centro de gravidade da atuação dos comunistas. Manifestou em seguida sua disposição de se vincular às massas camponesas, de ir para as zonas mais pobres e abandonadas do país, apesar de nessa ocasião já ter passado dos 60 anos de idade. Com seu exemplo, animou os companheiros jovens, que o admiravam e tratavam com carinho.

Lutava entre os valorosos guerrilheiros do Araguaia quando a morte o encontrou. Estava no posto de combate que lhe fora indicado por sua clara e pura cons-

ciência revolucionária. Tinha convição profunda de que colocara a vida ao serviço da mais nobre de todas as causas: a libertação do povo e da pátria, a emancipação dos oprimidos. Honrou até o fim sua condição de revolucionário proletário, de comunista consequente.

O nome de Francisco Chaves não será esquecido. As novas gerações de marinheiros terão sempre presente a altiva e corajosa conduta desse querido camarada que nunca se curvou ante a insolência da oficialidade fascista da Marinha de Guerra e pugnou sem esmorecimento pelos direitos da marujada. Os trabalhadores jamais olvidarão esse valoroso e tenaz combatente da liberdade, da independência e do socialismo. Milhares de novos lutadores seguirão seu exemplo e perpetuarão sua memória.

ÍNDICE

1. O Partido Comunista do Brasil — Autêntica Vanguarda Revolucionária — João Amazonas 11 1964
2. Meio Século de Lutas do Partido Comunista do Brasil 17 1971
3. P.C. do Brasil — Vanguarda Combativa do Proletariado e do Povo Brasileiro 21 1972
4. C.C. Realiza Sessão Comemorativa dos 50 Anos da Fundação do Partido 25 1972
5. Balanço da Actividade Revolucionária do P.C. do Brasil 31 1972
6. Meio Século de Existência 35 1972
7. Ensinamentos de Cinquenta Anos de Luta 65 1972
8. O Partido Comunista do Brasil Conduzirá o Povo à Vitória . ... 87 —
9. Mensagem do Partido Comunista da China ao Comitê Central do P.C. do Brasil ... ... 93 —
10. Mensagem do Partido do Trabalho da Albânia ... ... 94 —
11. Mensagem do Partido Comunista da Itália (m-l) ... ... 96 —
12. Saudações Revolucionárias ao Partido Comunista do Brasil — «Zëri i Popullit» 97 1972
13. O Partido — Necessidade Histórica — Pedro Pomar ... 105 1972
14. Nova e Gloriosa Fase na Vida do Partido 111 1972
15. Partido de Tradições Combativas 119 1974
16. Resolução do Comitê Central Sobre o 50.º Aniversário de «A CLASSE OPERÁRIA» 127 1975
17. Um Jornal de Trabalhadores 131 1975
18. Roteiro Histórico de «A CLASSE OPERÁRIA» 135 1975
19. Tribuna do Proletariado Militante 145
20. CLASSOP, Militante Abnegado 161
21. «A CLASSE OPERÁRIA» — Nossa Estrela-Guia — A. Pageu 165
22. Resolução do Comitê Central do P.C. do Brasil 179 1973
23. Danielli, Oest, Guilhardini e Roque — Heróicos Lutadores de Vanguarda 183 1973/4
24. Francisco Chaves — Denodado Lutador de Vanguarda 197 1974

Composto e impresso na
Beira Douro, Lda.
em Dezembro de 1975
para
EDIÇÕES MARIA DA FONTE
Lisboa
3.000 ex.